

Universidade Federal de Goiás
Faculdade de Letras
Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística

PATRICIA VERONICA MOREIRA

**HISTORIOGRAFIA-LINGUÍSTICA DO *MORFOLOGIA DO CONTO*
MARAVILHOSO DE VLADIMIR IAKOVLEVICH PROPP**

Goiânia
Faculdade de Letras/UFG
2014

Eletrônicas (TEDE) na Biblioteca Digital da UFG
Termo de Ciência e de Autorização para Publicação de Teses e Dissertações

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo à Universidade Federal de Goiás – UFG a disponibilizar gratuitamente através da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações – BDTD/UFG, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: **Dissertação** **Tese**

2. Identificação da Tese ou Dissertação

| | | | |
|---------------------------------|---|--------|-------|
| Autor(a): | Patricia Veronica Moreira | | |
| E-mail: | patymonese@gmail.com | | |
| Título: | Historiografia-Linguística do Morfologia do Conto Maravilhoso de Vladimir Iakovlevich Propp | | |
| Palavras-chave: | Historiografia Linguística, Recepção, Morfologia do Conto Maravilhoso, Propp | | |
| Título em outra língua: | Linguistic-Historiography of the Morphology of Folktales by Vladimir Iakovlevich Propp | | |
| Palavras-chave em outra língua: | Linguistic Historiography, Reception, Morphology of Folktales, Propp | | |
| Área de concentração: | Estudos Linguísticos | | |
| Data defesa: | 03/09/2014 | | |
| Programa de Pós-Graduação: | Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Faculdade de Letras – UFG | | |
| Orientador(a): | Sebastião Elias Milani | | |
| E-mail: | sebaselias37@hotmail.com | | |
| Co-orientador(a): | | | |
| E-mail: | | | |
| Agência de fomento: | Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior | Sigla: | CAPES |
| País: | Brasil | UF: | GO |
| CNPJ: | | | |

3. Informações de acesso ao documento:

Liberação para publicação?¹ total parcial

Em caso de publicação parcial, assinale as permissões:

Capítulos. Especifique: _____
 Outras restrições: _____

Havendo concordância com a publicação eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF desbloqueado da tese ou dissertação, o qual será bloqueado antes de ser inserido na Biblioteca Digital.

O Sistema da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações garante aos autores, que os arquivos contendo eletronicamente as teses e ou dissertações, antes de sua publicação serão bloqueados através dos procedimentos de segurança (criptografia e para não permitir cópia e extração de conteúdo) usando o padrão do Acrobat Writer.

 Assinatura do(a) autor(a)

Data: ____ / ____ / ____

¹ Em caso de restrição, esta poderá ser mantida por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Todo resumo e metadados ficarão sempre disponibilizados.

Patricia Veronica Moreira

**HISTORIOGRAFIA-LINGUÍSTICA DO *MORFOLOGIA DO CONTO*
*MARAVILHOSO DE VLADIMIR IAKOVLEVICH PROPP***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás para a obtenção do título de Mestre em Letras e Linguística.

Área de concentração: Estudos Linguísticos

Orientador: Prof. Dr. Sebastião Elias Milani.

Goiânia
Faculdade de Letras/UFG
2014

Ficha catalográfica elaborada automaticamente
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob orientação do Sibi/UFG.

Moreira, Patricia Veronica
Historiografia-linguística do morfologia do conto maravilhoso de
Vladimir Iakovlevich Propp [manuscrito] / Patricia Veronica Moreira. -
2014.
114 f.

Orientador: Prof. Dr. Sebastião Elias Milani.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade
de Letras (FL) , Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística,
Goiânia, 2014.
Bibliografia.

1. Historiografia linguística. 2. Recepção. 3. Morfologia do conto
maravilhoso. 4. Propp. I. Milani, Sebastião Elias , orient. II. Título.

Patricia Veronica Moreira

**HISTORIOGRAFIA-LINGUÍSTICA DO *MORFOLOGIA DO CONTO*
*MARAVILHOSO DE VLADIMIR IAKOVLEVICH PROPP***

Dissertação defendida no Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás para obtenção do título de Mestre em Letras e Linguística, aprovada em 03 de setembro de 2014, pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores: Presidente: Professor Dr. Sebastião Elias Milani - Departamento de Estudos Linguísticos e Literários - Faculdade de Letras / UFG; Primeiro Arguidor: Professora Dra. Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira Andrade - Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas Faculdade de Letras/USP; Segundo Arguidor: Professora Dra. Sueli Maria de Oliveira Regino - Departamento de Estudos Linguísticos e Literários - Faculdade de Letras / UFG.

Para a minha avó Helena Moreira.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela força dada nos momentos em que mais precisei para seguir o caminho da escrita, que é por vezes, árduo, mas também prazeroso. A minha mãe, ao meu pai e aos meus irmãos Rodolfo, Rogério e Sílvia, que passaram o mestrado comigo, ao me apoiarem incondicionalmente. A minha família: minhas avós Helena e Benedita, meus tios Mary, Lúcia, Helena, Marcos, Vilma, Delza e Dalva, e meus primos Juliana, Thaís, Nicolly, Nicelly, Hugo, Hilda, Helvis, Conrado, Jéssica e Marcos Jr. pelo apoio, carinho e pela curiosidade sobre meu trabalho. A meu companheiro Neto que muitas vezes foi um bom ouvinte sobre os temas proprianos e me acolheu nos momentos de bloqueio e insight. A meus amigos íntimos Suzana, Marco Túlio, Márcia, Letícia, Raquel, Isadora, Juliana, Giovana, Heury, Henrique, Luana, Karla e do grupo Imago Raquel, Isadora e Rômulo que sempre estiveram presentes. A meus alunos que também se tornaram ouvintes da minha paixão pela Rússia. Ao Centro de Línguas e aos funcionários Suelaine, Wallace, Kátia, Vera, Priscila e a coordenadora Valdirene pelo apoio dado. A CAPES pela bolsa e ao programa de Pós-Graduação da Faculdade de Letras pelo apoio. Aos professores e aos técnicos administrativos da Faculdade de Letras Margareth, Sueli de Regino, Antonio Corbacho, Alexandre, Eliane, Tânia, Grace, Bruno, Pedro e Consuelo pelo apoio e pelas sugestões. Ao professor do curso de história João Alberto pelas discussões sobre a Rússia. Ao professor orientador e amigo querido Sebastião Elias Milani que por oito anos acreditou, guiou, “aguentou” e incentivou a mim e a tantos outros colegas da Historiografia Linguística. Que fique aqui registrada a minha gratidão, o respeito e a minha admiração por seu trabalho e pessoa.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----|
| RESUMO | 08 |
| ABSTRACT | 09 |
| INTRODUÇÃO | 10 |
| CAPÍTULO 1: A GÊNESE DO MORFOLOGIA | 22 |
| 1.1. O início do século XX na Rússia e o nascimento de Propp..... | 22 |
| 1.2. Morfologia: a promessa de um grande futuro e outras publicações | 27 |
| 1.3. As acusações contra Propp e a queda do ditador | 30 |
| CAPÍTULO 2: ESCOLHAS EDITORIAIS E A IMANÊNCIA DA OBRA | 35 |
| 2.1. Tradução para o inglês, francês e português..... | 35 |
| 2.2. Guerra Fria: as relações acadêmicas entre URSS e EUA..... | 40 |
| 2.3. O percurso da construção identitária russa e o empréstimo da morfologia | 42 |
| 2.4. A imanência nos conceitos de função e esferas de personagens | 46 |
| 2.5. Elementos complementares dos personagens e a definição final de conto..... | 52 |
| CAPÍTULO 3 : A FORMAÇÃO POLÊMICA DE UM MONUMENTO | 58 |
| 3.1. Ponderações dos estudos linguísticos no século XX | 58 |
| 3.2. Os comentadores de Propp | 61 |
| 3.3 A recepção do inventário das 31 funções | 64 |
| 3.4. Prévia de um problema: o Formalismo em Propp | 70 |
| 3.5. Debate entre Vladimir Propp e Lévi-Strauss | 72 |
| 3.6. Defesa tardia | 78 |
| CAPÍTULO 4 : SEGUIDORES DE PROPP | 81 |
| 4.1. O Macunaíma morfologizado por Haroldo de Campos..... | 81 |
| 4.2. Alan Dundes e os contos ameríndios depreciados | 87 |
| 4.3. Claude Bremond: em busca de uma lógica para as narrativas..... | 95 |
| 4.4. Rumo a semiótica por Algirdas Julien Greimas | 101 |
| CONCLUSÃO | 106 |
| REFERÊNCIAS | 110 |

RESUMO

O século XX presenciou o nascimento de um novo paradigma nas ciências sociais: o Estruturalismo. O nome de V. I. Propp aparece no fio dessa história, em especial na linguística, como um dos precursores do método estrutural, por ter encontrado no estudo dos contos populares russos a sua estrutura e as unidades mínimas de análise, em outras palavras, as trinta e uma funções e as sete esferas de ação. Sua obra *Morfologia do Conto Maravilhoso* publicada em 1928 na Rússia ficou esquecida por trinta anos. Em 1958 foi trazida à tona pela tradução norte-americana, chamando à atenção de vários estudiosos, entre eles Lévi-Strauss, que se encarregaria de torná-la famosa entre os franceses e depois mundialmente. Pelo viés da Historiografia Linguística, esta dissertação busca a recepção dos leitores de Propp. Esses comentadores e seguidores permitem resgatar a construção sócio-histórica do monumento e determinar se a construção aconteceu pela perspectiva da ruptura metodológica.

Palavras-chave: Historiografia Linguística, Recepção, Morfologia do Conto Maravilhoso, Propp.

ABSTRACT

The twentieth century saw the birth of a new paradigm in the social sciences: the Structuralism. The name V. I. Propp appears in the thread of this history, especially in the linguistics, as one of the pioneers of the structural method, because he found in the study of Russian folktales their structure and the minimum unities of analysis, in other words, the thirty-one functions and the seven spheres of action. His work *Morphology of Folktale* was published in 1928 in Russia, but remained forgotten for thirty years. In 1958, it was brought back to the surface by the north-American translation, drawing the researchers' attention, among them Lévi-Strauss who would make it famous among the French and after, around the world. This work, through the Linguistic Historiography searches the reception of Propp's readers. These commentators and followers allow the recovery of the socio-historical construction of the monument and to determine if the construction happened due to the perspective of methodological rupture.

Keywords: Linguistic Historiography, Reception, Morphology of Folktale, Propp.

INTRODUÇÃO

Este trabalho é um subprojeto do grupo Imago² coordenado pelo professor Dr. Sebastião Elias Milani, e está diretamente conectado aos trabalhos desenvolvidos por outros participantes do grupo³. Trata-se de trabalhos que estudam monumentos da Linguística do século XX com a abordagem da disciplina Historiografia Linguística. A pesquisa teve início no ano de 2007 como projeto PIVIC sob orientação de Milani, *Estudo historiográfico no Morfologia do conto maravilhoso*, tendo continuidade no bacharelado em estudos Linguísticos no ano de 2009, *A herança linguístico-literária de Vladimir Propp*, também sob orientação de Milani.

² O professor Dr. Sebastião Elias Milani quando chegou à Faculdade de Letras (UFG) para ocupar uma cadeira de Linguística, em 2006, trouxe as experiências com o grupo MELL (Mostragem de Estudos Linguísticos e Literários na Universidade Federal do Tocantis). Assim que chegou, ele criou o grupo IMAGO (Mostragem e Desenvolvimento Epistemológico da Historiografia dos Estudos da Linguagem) e os alunos foram convidados para participarem do grupo de pesquisa. Coincidência ou não, eu, Patricia Veronica, e outros futuros participantes do grupo, Paulo Henrique e Raquel Queiroz, entramos no curso de Letras em 2006. Estudamos Fonética no segundo semestre com o professor Sebastião quando ele fez o convite à turma. Nós fomos à reunião e o professor nos apresentou seu projeto que, tem como objetivo construir a Historiografia Linguística das metodologias e dos autores da pesquisa sobre linguagem e língua. Ele nos mostrou também uma lista desses autores, vistos como monumentos na Linguística do século XX, para escolhermos um objeto. Naquele momento, eu pedi que ele indicasse um autor que estivesse tanto na literatura quanto na linguística, e foi assim que tive o primeiro contato com V. I. Propp. Outros participantes também integraram o grupo naquele momento, Rômulo da Silva e Daniel Marra e Jonas Pereira que seguiram o professor Sebastião de Tocantis. Hoje participam do Imago: Daniel Marra, Flaviana Mesquita, Helda Núbia, Hilda Rodrigues, Isadora Massad, Janice Gomes, Jefferson Rêgo, Jonas Pereira, José de Sousa, Patricia Veronica, Paulo Henrique, Raquel de Queiroz e Rômulo da Silva. Através das reuniões realizadas na faculdade de Letras destacou-se a necessidade de se estabelecer uma metodologia específica para nossos trabalhos. Assim, o professor Sebastião elaborou um roteiro de pesquisa, disponível no site do Imago (<http://imago.letras.ufg.br/pages/26518-publicacoes>). Além disso, ele publicou três livros para os leitores interessados em Historiografia Linguística: *A Historiografia Linguística de Ferdinand de Saussure*, 2011, *Aspectos Historiográficos-Linguísticos do século XIX, Humboldt, Whitney e Saussure*, 2012 e *Historiografia Linguística de Wilhelm Von Humboldt, conceitos e métodos*, 2012. Nosso colega, Jonas Pereira, também publicou um livro: *Historiografia-Linguística da Glossemática de Louis Hjelmslev*, 2012. O grupo tem diversas publicações que estão disponíveis online e a realização de alguns eventos organizados pelos próprios participantes. Desde 2006, estamos seguindo o caminho dessa disciplina tão recente no Brasil e mais ainda na Faculdade de Letras/UFG.

³ Daniel Marra da Silva, *Origem e desenvolvimento das ideias linguísticas de William Labov*, 2009, dissertação, e Whitney, Saussure, Meillet e Labov: implicações metodológicas e conceituais da noção de língua como um fato social para os estudos linguísticos, 2012, tese. Isac Teixeira de Assunção, *Historiografia Linguística do Movimento Antropofágico: por uma literatura popular para a firmação da língua e da identidade brasileira*, 2011, dissertação. Janice Alves Gomes, *O percurso Historiográfico-Linguístico das Paixões*, 2011, dissertação. Jonas Pereira Lima, *A teoria glossemática de Louis Hjelmslev numa perspectiva historiográfico-linguística*, 2010, dissertação. Paulo Henrique E. S. Nestor, *Surgimento e recepção da obra Semântica estrutural de Algirdas Julien Greimas*, 2012, dissertação. Rômulo da Silva Vargas Rodrigues. *A construção dos conceitos de língua e linguagem em Saussure e Benveniste numa perspectiva historiográfica cronológica*, 2008, dissertação, entre outros.

Segundo Johann Wolfgang von Goethe⁴ (apud PROPP, 2006, p. 5), o homem aprecia demasiadamente os precursores da história da ciência. Não querendo torná-los mártires pelo serviço prestado, mas os descendentes costumam não aproveitar a herança deixada pelos seus antecessores. No caso de Vladimir Yakovlevich Propp (1895-1970), sem menosprezar seus antecedentes nos estudos folclóricos do conto maravilhoso, foram justamente seus descendentes que o tornaram famoso na segunda metade do século XX.

Vladimir Propp é uma das referências nos estudos Linguísticos do século XX, assim como é na Literatura e nos estudos Folclóricos. Sua principal obra, ou pelo menos, a mais conhecida no ocidente, *Morfologia do Conto Maravilhoso*, doravante *Morfologia*, publicada em 1928, foi fundamental para os estudos sobre o folclore e o desenvolvimento de teorias da narratologia, entre elas a semiótica. Desde a primeira tradução norte-americana de *Morfologia* em 1958, o estudo de Propp tem se espalhado pelo ocidente. Segundo Anatoly Liberman (1984), é quase que impossível enumerar todos os autores que leram e citaram em suas pesquisas o nome de Propp.

O problema investigado nesta dissertação foi identificar se a recepção historiográfica de *Morfologia* nos anos 60 estabeleceu uma ruptura ou continuidade nos estudos Linguísticos, mesmo que a obra não tenha sido escrita para essa área de pesquisa, e se a construção do autor como monumento aconteceu pelo viés metodológico, ou se foi determinada por outros motivos históricos.

No artigo “Estética da recepção e teoria do efeito”, Márcia Hávila Mocci da Silva Costa (2011) trata da obra *A história da literatura como provocação à teoria literária* de Hans Robert Jauss⁵ (1969) que é, na verdade, uma conferência publicada pelo autor com alguns reajustes. O aspecto relevante que o autor traz sobre a história da literatura é o de ressaltar que a qualidade de uma obra origina-se “dos critérios da recepção, do efeito produzido pela obra e de sua fama junto à posteridade” (JAUSS apud COSTA, 2011, p. 11).

O aspecto mais importante da teoria da recepção de Jauss é o desenvolvimento de sete teses. Dentre elas, destacam-se a segunda e quinta como pontos relevantes para esta dissertação. Na segunda tese, o conhecimento prévio do público é o fator determinante da recepção, visto que ao entrar em contato com o novo, o leitor adota uma postura emocional e cria expectativas, ou seja, “antecipa um horizonte geral da compreensão” (JAUSS apud COSTA, 2011, p. 4). A leitura é parecida entre pessoas que vivem num mesmo período (espírito de época), o que torna a recepção como um fato social e, ao mesmo tempo, histórico.

⁴ 1749-1832.

⁵ 1921-1997.

A quinta tese se refere ao aspecto diacrônico para estudar uma obra literária, que deve dialogar com as leituras anteriores. O valor da obra é histórico, e só alcança essa característica quando o contexto em que surgiu é considerado em sua totalidade. Segundo a autora:

O aspecto diacrônico, exemplificado na quinta tese, diz respeito à recepção da obra literária ao longo do tempo, e deve ser analisado, não apenas no momento da leitura, mas no diálogo com as leituras anteriores. Esse pressuposto demonstra que o valor de uma obra literária transcende à época de sua aparição e o novo não é apenas uma categoria estética, mas histórica, porquanto conduz à análise. A contemplação diacrônica somente alcança a dimensão verdadeiramente histórica quando não deixa de considerar a relação da obra com o contexto literário no qual ela, ao lado de outras obras de outros gêneros, teve de se impor (COSTA, 2011, p. 5).

Em *A estética da recepção: colocações gerais* (1979), Jauss revisa alguns aspectos da teoria da recepção colocados na aula inaugural, em Constança de 1967. No texto, a experiência estética no nível primário de uma obra de arte acontece “na sintonia com (Einstellung auf) seu efeito estético” (JAUSS, 1979, p. 46). Logo, a metodologia abarca dois tipos de recepção. A primeira situa o leitor contemporâneo no processo em que o efeito e o significado se concretizam. De outro lado, os vários leitores que recebem o texto e interpretam de maneira única, ou seja, cabe a essa recepção reconstruir o processo histórico. O efeito e a recepção derivam das duas recepções aplicadas e comparadas.

Para fazer uma análise da experiência do leitor, como estabelece Jauss de um determinado período histórico, é preciso entender o sentido como um duplo horizonte. O primeiro horizonte surge da relação texto e leitor, em que há dois momentos: o efeito gerado pelo texto e a recepção gerada pelo destinatário, assim, “o interno ao literário, implicado pela obra, e o mundivivencial (*lebensweltlich*), trazido pelo leitor de uma determinada sociedade” (JAUSS, 1979, p. 49).

Outro conceito importante para este trabalho é o de monumento. No livro *História e memória* de Jacques Le Goff⁶ (1990), há um capítulo específico sobre a conceituação de monumento e documento para a história. Esse traz uma discussão de relevância para este trabalho sobre a maneira em que o documento passa a ser visto como monumento. Ao refletir sobre a memória do ponto de vista coletivo e ressaltar o aspecto científico, Le Goff (1990) afirma que há dois tipos de materiais: o monumento e o documento. O primeiro advém do latim *monumentum*, e é definido como um sinal do passado.

Enquanto o monumento passa a ser compreendido pela perpetuação da recordação, por exemplo, os atos escritos, o documento é entendido como um produto do meio social que emerge das relações de poder. Le Goff (1990, p. 545) ressalta que o documento só é

⁶ 1924-2014.

recuperado pela memória coletiva e pelo historiador através da análise documental vista como monumento. Ao problematizar pela Historiografia Linguística a obra ou o autor como monumentos é a essa perspectiva de Le Goff que se faz referência nesta pesquisa.

Neste trabalho, os objetivos estabelecidos foram de resgatar e sintetizar a recepção de leitores de *Morfologia*, especialmente, os que leram o livro na versão inglesa nos anos 60, que o tornou conhecido mundialmente, mas também em outras versões para analisar a construção sócio-histórica do monumento, explicando como a teoria proppiana modificou a história da Linguística. Para alcançar os objetivos foi preciso questionar:

1. Como a recepção de Propp leu *Morfologia* e utilizou seus principais conceitos?
2. A partir de qual perspectiva o autor Propp se constituiu como monumento?
3. Em que medida, a teoria proppiana modificou os estudos linguísticos, considerando os aspectos de ruptura ou de continuidade?

O primeiro passo foi recuperar a recepção de leitores a partir da lista de autores escrita por Liberman na introdução do livro *Theory and history of folklore*, e também através da introdução escrita por Bóris Schnadeirman da edição brasileira de *Morfologia*. Os autores foram escolhidos pela relevância nos estudos Linguísticos e nos estudos Literários.

Alguns nomes são reconhecidos pela comunidade científica em diferentes trabalhos pelo estudo que desenvolveram ao criticarem, continuarem ou romperem com a teoria proppiana: Eleazar Moiseevich Meletínski⁷ (1918-2005), Anne Hénault⁸, Paul Ricoeur⁹ (1913-2005), Nadia Battella Gotlib¹⁰, Claude Lévi-Strauss¹¹ (1908-2009), Haroldo de

⁷ Eleazar Moiseevich Meletínski nasceu em 1918 na Carcóvia e morreu em Moscou em 2005. Doutor em ciências filológicas, historiador do folclore, se formou nos anos de 1935-1940 pelo Instituto de História, Filosofia e Literatura (Moscou). Conhecido pelos estudos sobre folclore, literatura (narrativa) e filologia, E. M. Meletínski foi diretor do Instituto em Estudos Superiores em Humanas na Universidade Estadual Russa por vários anos. Sua obra mais conhecida é a *Poética do mito*, publicada em 1976.

⁸ Anne Hénault desde que voltou da Rússia, onde estudou na Universidade de Moscou (1971-1973) trabalhou como pesquisadora no campo das ciências da linguagem no Bureau pour l'Enseignement de la Langue et de la Civilisation Françaises (1973-1979). Em 1979, tornou-se professora da Universidade de Paris X-Nanterre até 1998, período em que participou intensamente dos seminários de Greimas. Desde 1998, leciona na Universidade IUFM de Paris, e é diretora de pesquisa na Escola de Doutorado de Paris IV. Sua pesquisa é voltada para os temas da semiótica, epistemologia, semiótica das paixões e visual.

⁹ Paul Ricoeur nasceu no sul da França em Valença no ano de 1913 e morreu em 2005, em Châtenay-Malabry, órfão foi criado pelos avós. Filósofo célebre pelos estudos nos campos da fenomenologia e da hermenêutica se licenciou em Filosofia aos 20 anos. Trabalhou nas Universidades de Strabourg, Sorbonne e também, por um período, em Chicago, mas nos anos 80 retornou definitivamente a França. Sua obra é reconhecida mundialmente pelo engajamento político e originalidade. Em 1983, Paul Ricoeur publicou a obra *Temps et récit* dividida em três tomos.

¹⁰ Nádía Battella Gotlib se graduou em Letras em 1967 em Brasília, mestrado (1971) e doutorado (1977) pela Universidade de São Paulo. Foi professora de Literatura Brasileira e Portuguesa até o ano de 1997 quando se

Campos¹² (1929-2003), Alan Dundes¹³ (1934-2005), Claude Bremond¹⁴ e Algirdas Julien Greimas¹⁵ (1917-1992).

Esses autores foram selecionados com intuito de oferecer aos leitores desta dissertação a amplitude da recepção ocidental do trabalho de Propp: na Europa (Meletínski, Hénault, Ricoeur, Lévi-Strauss, Bremond e Greimas), na América do Norte (Dundes), na América do Sul (Battella e Haroldo de Campos). A recepção foi dividida em dois aspectos, aqueles que sintetizaram e comentaram a teoria de *Morfologia* e aqueles continuaram ou romperam com o trabalho de Propp.

O aparato metodológico utilizado nesta pesquisa é o da Historiografia Linguística. Pensando nas atuais conjunturas do estudo historiográfico-linguístico, Milani (2011, p. 9) questiona: “o que significa estudar Historiografia Linguística?”. Para esse autor é a disciplina que possui como objetos de estudo os próprios estudos feitos da linguagem e da língua e que sejam reconhecidos por uma comunidade através do texto visto como monumento:

Na *Historiografia Linguística*, propõe-se que se estude sob o prisma da individualidade metodológica estruturada em discurso a conceituação geral da Linguística, fazendo uso de sua terminologia e de seus conceitos [...] o objeto de estudo da Historiografia Linguística, portanto, é o texto, como monumento, ou seja, reconhecido por representar um pensamento dentro de uma sociedade e por ser produzido em uma língua (MILANI, 2011, p. 10, grifos do autor).

A individualidade metodológica é apreensível pela ruptura de método instaurada em

apresentou. Hoje trabalha como professora colaboradora no programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa na USP.

¹¹ Claude Lévi-Strauss nasceu em 1908 na Bélgica e morreu em 2009 na França. Antropólogo renomado e tido como um dos grandes pensadores do século XX, Lévi-Strauss é considerado como um dos fundadores do estruturalismo francês. Entrou para o curso de Direito, mas graduou-se em Filosofia no ano de 1931. O autor lecionou no Brasil de 1934 até 1938, e também lecionou em Nova York. De volta à França, no ano de 1959 ocupou a cadeira de Antropologia do Collège de France até 1982. Dentre tantas obras importantes publicou *Tristes trópicos* (1955); *Antropologia estrutural* (1963 e 1973); *Mitológicas* (1964, 1966, 1968 e 1971) entre outras.

¹² Haroldo Eurico Browne de Campos nasceu em 1929 e morreu em 2003 em São Paulo. Foi poeta, tradutor assim como seu irmão Augusto de Campos. Em 1950 publicou seu primeiro livro *O auto do possesso*. No ano seguinte inaugurou o grupo Noigandres, nome também de uma obra publicada em 1958. Em 1972 defendeu sua tese *Morfologia do Macunaíma* na FFLCH/USP. Em 1973, Haroldo de Campos assumiu na PUC/SP a cadeira de semiótica e literatura até o ano de 1989. Como tradutor, teve destaque nos trabalhos de Ezra Pound e James Joyce.

¹³ O autor americano Alan Dundes nasceu em 1934 em Nova York e faleceu em 2005 em Berkeley. Folclorista, o autor trabalhava na Universidade de Califórnia, Berkeley. Dundes concluiu seus estudos na Universidade de Yale, e seu doutorado em folclore na Universidade de Indiana em 1962.

¹⁴ Claude Bremond nasceu em 1929. Doutor em sociologia, em 1973 ocupou o cargo de diretor de estudo na École des hautes études en sciences sociales, ocupando a cadeira de semiologia de tradições narrativas. Trabalha com semiologia narrativa, literatura popular e folclore. Seu atual trabalho é sobre a obra *Mil e uma noites* e a criação de um índice de paixões, ações e motivações.

¹⁵ Algirdas Julien Greimas nasceu em Tula na Rússia em 1917 e faleceu em Paris em 1992. Ele foi estudante de Direito e de Linguística. Desde 1965 liderou os estudos semióticos na França. Greimas destacou-se nas pesquisas da semântica e da análise narrativa.

obras que marcaram o desenvolvimento dos estudos Linguísticos, e são reconhecidas pela comunidade acadêmica como monumentos. Segundo Cristina Altman (2009, p. 128), o objetivo da Historiografia Linguística é buscar num determinado período histórico os “métodos de produção do conhecimento linguístico” e descrevê-los sem desvincular as outras ideias que estão ao redor do pensamento linguístico, evitando dessa forma tomá-las como princípio único de teorização.

Ainda para Milani (2011), a individualidade é recuperada historiograficamente, separando o social da refração individual, pois a enunciação do texto refere-se a um espaço-tempo e também suas ideologias¹⁶. Cabe ao historiógrafo a tarefa de separar o que é fonte da idiossincrasia. Resgatar a produção de uma individualidade requer uma investigação, inclusive de elementos simples como a própria estruturação do sistema, em outros termos, a *performance* linguística do indivíduo. A partir disso, o historiógrafo linguista deve buscar uma maneira para explicar o indivíduo de sua pesquisa no meio social em que ele esteve inserido.

Com o intuito de elaborar um guia para o pesquisador, Milani (2011) definiu etapas do trabalho historiográfico-linguístico. Os passos não aparecem numa sequência obrigatória. Neste caso, em que a pesquisa é fundamentada em um autor e na sua obra principal, têm-se os seguintes passos:

- 1º estabelecer uma biografia básica, vinculada à área temática pesquisada.
- 2º estabelecer os conceitos básicos produzidos, numa síntese precisa.
- 3º vincular os fatos da vida pessoal e científica/acadêmica e conceitos às instituições e às pessoas a ele relacionadas.
- 4º verificar fontes preceptoras e fontes escritas.
- 5º mapear os conceitos das fontes.
- 6º descrever os métodos ou o método.
- 7º vincular o método às ciências com suas respectivas fontes.
- 8º verificar o traço diferenciador do método do autor.
- 9º mostrar a contribuição de seu método para os conceitos.
- 10º relatar os avanços da obra (MILANI, 2011, p. 33).

Neste trabalho, foi essencial explorar o que Milani chamou de 10º passo: *relatar os avanços da obra* (2011, p. 33), em outras palavras, a recepção. Portanto, foi preciso retomar os leitores selecionados anteriormente, que publicaram suas pesquisas utilizando a teoria de Propp. Para estabelecer a recepção também foi preciso passar pelos primeiros passos definidos por Milani (2011). Ou seja, sintetizar os conceitos da obra escolhida e a escrita da biografia ajudou e orientou o pesquisador na busca das fontes construtoras do monumento, e no estabelecimento do que é predominantemente individual e social na obra, e o que é

¹⁶ Neste trabalho, a ideologia é entendida pelo viés bakhtiano, em que todo indivíduo está inserido em uma formação social, o que lhe permite tornar-se sujeito.

continuidade e ruptura na produção.

Consequentemente, outros princípios metodológicos foram adotados nesta dissertação, tais como os trabalhos desenvolvidos pelos historiógrafos por Konrad Koerner (1987, 1996), Sebastião Elias Milani (2000, 2011), Pierre Swiggers (2009) e Xavier Laborda (2002), e também Mikhail Bakhtin¹⁷ (2006). Com o intuito de explicitar os procedimentos utilizados nas leituras das obras, foram utilizados os conceitos de Konrad Koerner nos artigos “Questões que persistem em historiografia linguística” (1996) e “O problema da ‘influência’ em historiografia linguística” (1987).

Seguindo os passos de Milani (2011), ao estabelecer uma biografia do monumento, vincular os fatos da vida pessoal nas outras esferas, verificar fontes, tudo isso remete ao conceito de *contextualização* de Koerner (1996). Esse princípio visa estabelecer o “clima de opinião” da época respectiva do objeto de estudo. O espírito de época, afirma Koerner (1996), marca a teoria Linguística. Segundo Bakhtin (2006, p. 47) “o ser, refletido no signo, não apenas nele se reflete, mas também *se refrata*” (grifo do autor), logo, a palavra reflete as mudanças mais sutis da existência social, e seria contraditório estudar os conceitos de uma obra, considerando a enunciação dela como um ato isolado. A obra reflete e refrata as ideologias de um tempo. Segundo Milani (2000), Wilhelm Humboldt (1767-1835) explica que o espírito-nacional tem o mesmo significado que a língua. A língua representa o homem, logo, o homem é o espelho da nação.

Com uma ideia similar, Bakhtin (2006), assimila o fato de que a consciência individual não deve ser explicada fora do meio ideológico social. Por isso, o princípio de *contextualização* na sua integração com os aspectos social, econômico, cultural, político da época reflete nos indivíduos e molda o pensamento através da língua, resgatada pela historiografia através do texto. O próximo princípio denominado de *imanência*, segundo Koerner (1996), condiz com o quadro geral da teoria investigada, incluindo a terminologia utilizada na obra com o objetivo de que o historiógrafo linguista estabeleça um entendimento da obra em si, nos elementos estruturais internos do livro.

Esse procedimento é primeiramente um trabalho com o texto em si, na decodificação linguística dos termos, da teoria do objeto de estudo para que o historiógrafo assimile o texto integralmente. O historiógrafo tem a tarefa de analisar a obra para encontrar a estrutura, a base primitiva inserida nesse jogo de informações traduzidas pela estética. Depois, deve sintetizar os conceitos básicos da obra e também descrever o método desenvolvido na obra escolhida,

¹⁷ 1895-1975.

tal como estipula Milani (2011) no segundo e sexto passos da pesquisa Historiográfica Linguística de uma obra ou autor. O terceiro princípio, o da *adequação*, é quando o historiógrafo “aventura-se” a modernizar alguns conceitos da obra, se necessário e com muita cautela, e explicitando todas as mudanças e adequações feitas para o leitor.

Konrad Koerner (1987) também elaborou alguns procedimentos para o historiógrafo linguista estabelecer as influências predominantes na obra de um monumento de maneira adequada. É particularmente relevante encontrar as influências que se relacionam com o objetivo desta dissertação. O *reconhecimento público* é uma das evidências mais relevantes a favor de reivindicações de influência. Essa pode aparecer nas referências diretas de um autor ao trabalho de outros. Segundo Koerner (1987), é mais apropriado investigar os pesquisadores e os trabalhos mencionados por um determinado autor, antes de atribuir existência real a um eventual impacto sobre o pensamento daqueles a quem ele nunca se referiu nos seus textos.

As obras selecionadas para o desenvolvimento deste trabalho foram justamente aquelas que têm o *reconhecimento público*, ou seja, mencionam claramente que utilizaram como base o livro *Morfologia*. Consequentemente, trabalhar-se-á com o *estudo tipológico-estrutural do conto maravilhoso* de Meletínski, a *História concisa da semiótica* de Hénault, *Temps et récit 2* de Ricoeur, *Teoria do conto* de Gotlib, *Estrutura e a forma* de Lévi-Strauss, *Morfologia do Macunaíma* de Haroldo de Campos, *Morfologia e estrutura no conto folclórico* de Dundes, *Logique du récit* de Bremond, e a *Sémantique Structurale* de Greimas.

O próximo passo foi novamente a utilização do princípio de *contextualização* para entender o momento histórico da recepção. Posteriormente, também foi utilizada a *imanência* nas obras selecionadas, mas desta vez com o intuito de recuperar a recepção de Propp nos leitores ocidentais. Portanto, foi possível sintetizar os conceitos das obras escolhidas com o objetivo de perceber a repetição, modificação, crítica ou até mesmo síntese dos conceitos proppianos.

Em 2009, Pierre Swiggers publicou pela revista argentina de Historiografia Linguística (RAHL), o artigo “La Historiografia de la Linguística: apuntes y reflexiones” que tem o propósito de apresentar uma definição e organização da área. Pierre Swiggers (2009), afirma que o historiógrafo linguista ao ter acesso à documentação, os próximos passos são: análise, descrição e interpretação. Apesar de essas atividades serem o núcleo do trabalho historiográfico, alguns parâmetros devem ser considerados, por exemplo, a cobertura, a perspectiva e a profundidade de análise.

Segundo Swiggers (2009), o primeiro parâmetro se refere ao período, espaço e temática do objeto escolhido pelo historiógrafo. A perspectiva permite escrever dois tipos de

historiografia, uma mais interna, ou seja, a análise das ideias e práticas da Linguística nelas mesmas, e a mais externa que remete ao contexto sociocultural da obra. O parâmetro da profundidade de uma análise é o foco, por exemplo, da apresentação de dados, ou análise das ideias e práticas Linguísticas a partir do método histórico-crítico, ou a explicação dos processos de evolução da história da Linguística. Da mesma forma, o foco deste trabalho teve ambas as perspectivas, interna e externa, e a profundidade na explicação dos processos de evolução da história da Linguística.

Em 2002, Xavier Laborda publicou pela Revista de Investigación Lingüística, o artigo “Historiografía Lingüística: veinte principios del programa de la investigación hermenéutica”, cujo objetivo é descrever os principais princípios da Historiografia Lingüística no aspecto em que seu discurso é uma estrutura narrativa, e também por dois conceitos da Hermenêutica: o silêncio da escritura e o leitor como um novo autor. No final do artigo, Laborda fornece uma lista com vinte princípios a serem seguidos no trabalho historiográfico.

Segundo Laborda, uma das características recentemente percebidas da história é seu caráter discursivo narrativo, e citando Roger Chartier, “a história é um discurso construído como a ficção, mas que ao mesmo tempo produz enunciados científicos¹⁸” (apud LABORDA, 2002, p. 181, tradução nossa). Outro conceito interessante no seu trabalho é o de tramas, pois seria na opinião do autor, uma tentativa estéril do historiador de tentar descrever todos os acontecimentos. O historiador seleciona épocas e materiais respectivos e percorre uma “trama histórica”. Para Laborda (2002, p. 191) “nenhum itinerário abraça o conjunto, nem pode ser a compreensão definitiva desse conjunto (tradução nossa)¹⁹”.

Transpondo essa ideia de trama para a recepção propiana, o leitor ao se tornar autor, pensando na recepção dos leitores Greimas, Ricoeur, Campos etc., é exatamente o que acontece, pois a obra não está numa interpretação singular. Cada leitor seleciona e percorre uma trama histórica, um horizonte, assim como faz o historiador. Nos termos da fenomenologia, é como se cada leitor buscasse a essência do fenômeno.

A fenomenologia ganhou espaço na modernidade através do filósofo Edmund Husserl (1859-1938). Segundo André Dartigues (1992), Husserl propõe que o retorno às coisas mesmas é retornar a intuição originária, a fonte para o conhecimento. O fenômeno é dado a partir dos sentidos, ou como é colocado no texto, a partir de uma essência, logo, a intuição é uma intuição de sentido. É possível observar a importância dessa categoria no texto de

¹⁸ La historia es un discurso construído como la ficción, pero que a la vez produce enunciados científicos.

¹⁹ Ningún itinerario abraza el conjunto, ni puede ser la definitiva comprensión de este conjunto.

Dartigues, o autor afirma que, “o sentido de um fenômeno lhe é imanente e pode ser percebido, de alguma maneira, por transparência” (1992, p. 15).

Na fenomenologia husserliana, a consciência sempre será a consciência de algo, e o objeto é sempre direcionado a uma consciência, tornando-se uma correlação fundamental (DARTIGUES, 1992). Portanto, a fenomenologia é definida como a “ciência descritiva das essências da consciência e de seus atos” (HUSSERL apud DARTIGUES, 1992, p. 20). Logo, somente a partir da correlação sujeito-objeto, dada na intuição originária da vivência, que há a possibilidade de um estudo descritivo da consciência.

Maurice Merleau-Ponty (1908-1961), na *Fenomenologia da percepção* (1999), retoma os principais temas da fenomenologia husserliana. Nesta obra, a fenomenologia é também o estudo das essências. Contudo, Merleau-Ponty recoloca as essências na existência, visando ao homem e o mundo em sua própria facticidade. Buscar a essência da percepção, segundo Merleau-Ponty (1999), é o acesso à verdade de acordo com a pessoa que a busca, pois o mundo (a obra) não é uma posse, logo, é sempre inesgotável.

Para Michel Collot (1989, p. 10 apud KHATTATE; HEMPATIAN, 2006), ao tentar restituir na obra seu horizonte, a teoria não seria um espaço fechado, mas a expressão de um ponto de vista particular sobre o mundo, uma realidade vivida e percebida por um sujeito que busca habitar tal mundo, pois ambos são feitos da mesma nervura. O conceito de horizonte foi emprestado da fenomenologia husserliana, no qual o horizonte faz parte da estrutura da experiência. Seguindo os passos de Merleau-Ponty, o sujeito será definido em sua relação com o mundo e sua linguagem, e que ao enunciar faz emergir uma subjetividade que o distingue de outras.

A subjetividade ou a individualidade deve ser resgatada pela linguagem, mais especificamente a língua, no seu contexto social como pode ser apreendido nas palavras de Bakhtin (2006), Koerner (1996), Laborda (2002), Merleau-Ponty (1999) e Milani (2000, 2011). Voltando ao conceito das tramas, o autor Laborda diz que o saber histórico é relativo devido à própria situação do historiador que determina por sua vez a enunciação científica que será produzida, reforçando a ideia de horizonte citada anteriormente.

No final de seu artigo, Laborda mostra ao leitor vinte princípios para a investigação hermenêutica, dentre elas destacam-se, o terceiro que é o *relato*, uma simplificação, uma narração que o historiador fará. O sexto, *trama* ou *enunciado*, é a perspectiva na qual é construída a interpretação histórica, e o décimo primeiro, a *historiografia linguística*, como sendo a explicação e descrição dos conhecimentos linguísticos seguindo os roteiros de Koerner e Swiggers.

A dissertação foi dividida em quatro capítulos. O capítulo um reúne informações relevantes sobre o período histórico de Propp e de sua vida, em outras palavras o princípio de contextualização de Koerner. A biografia de um autor na Historiografia Linguística é um passo fundamental para compreender as refrações do espírito de época na obra. Outro aspecto importante na escrita biográfica de Propp é o entrecruzamento do momento histórico, ou seja, a Rússia no início do século XX, com sua produção acadêmica que será determinada e influenciada pelos movimentos políticos e sociais de seu país. Portanto, o leitor ao se deparar com o pensamento marxista na obra proppiana poderá questionar se Propp era de fato um marxista ou se tornou um por instinto de sobrevivência naqueles anos conturbados.

O segundo capítulo retoma o objeto de estudo desta dissertação, o livro *Morfologia* em diferentes traduções. Nesta parte do trabalho o procedimento realizado foi a síntese dos conceitos básicos de *Morfologia* em três traduções distintas. A primeira tradução em francês (1970), a segunda edição americana (1994) e a segunda edição em português (2006). O objetivo, ao analisar as três traduções, foi verificar a recepção da obra vinculando-a aos fatos biográficos do autor que o levaram a consagrar-se como monumento.

A tradução norte-americana em 1958 representa para este trabalho o norteador para desenvolvimento da recepção historiográfica. As outras duas traduções para o português e o francês são complementares na análise historiográfica. A primeira possui artigos anexados, como a célebre discussão Propp e Lévi-Strauss e o artigo do russo Meletínski. A segunda permite a localização das fontes das epígrafes goethianas. As três traduções juntas se completam nas adaptações escolhidas e feitas pelos respectivos editores e tradutores de cada. Como este trabalho trata da recepção de Propp que o tornou famoso no ocidente, a edição original de *Morfologia* foi desnecessária para o desenvolvimento desta dissertação.

Os capítulos três e quatro estabelecem a recepção da teoria de Propp e um breve histórico da produção intelectual no século XX. O capítulo três traz um levantamento histórico dos estudos linguísticos da época, e os comentadores de Propp que fizeram uma imanência do livro, dentre eles se destacam: “O estudo tipológico-estrutural do conto maravilhoso” de Meletínski, cujo artigo remonta historicamente os antecedentes e os estudos que seguiram com a tradução de *Morfologia*. *História concisa da semiótica* de Hénault que para relatar o surgimento da semiótica perpassa pelo estudo de Propp como uma das fontes do pensamento greimasiano. *Temps et récit 2* de Ricoeur que é uma crítica do trabalho do autor russo sobre sua quase descronologização do conto. *Teoria do conto* de Gotlib, cujo livro é um estudo do conto e que separa uma parte para falar do conto maravilhoso. Finalmente, a

Estrutura e a forma de Lévi-Strauss, obra que trará a Propp sua fama no Ocidente e será alvo tanto de críticas quanto de elogios.

O capítulo quatro traz as obras que também fizeram uma síntese dos conceitos proppianos, mas com o objetivo de aplicarem sua fórmula a outros contos, ou teorias que a tomaram como ponto de partida: *Morfologia do Macunaíma* de Haroldo de Campos, cuja obra mostra como o método de Propp foi recebido em vários países. *Morfologia e estrutura no conto folclórico* de Dundes, um dos principais seguidores e defensores de Propp nos EUA. *Logique du récit*, Bremond, obra que critica os conceitos proppianos, mas sem deixar de reverenciá-lo. *Sémantique Structurale* de Greimas, obra considerada como a principiadora da semiótica.

CAPÍTULO 1

A GÊNESE DO MORFOLOGIA

Neste capítulo, encontra-se a concretização da obra *Morfologia*, que teve sua gênese no início do século XX, na Rússia, pelo autor Propp, cuja escrita foi marcada pelos acontecimentos sociais, econômicos e culturais do país. Em seguida, uma breve análise da produção intelectual de Propp, destacando e reforçando a influência do “espírito de época”. Por fim, a justificativa do posicionamento de Propp ao se retratar perante as acusações feitas por Demen’tev.

1.1. O início do século XX na Rússia e o nascimento de Propp

Em 2010, Marcos Lopes, Boris Schnaiderman e Sergei Tchugunnikov publicaram pela revista *Galáxia* um artigo sobre Propp e Jakobson, “Propp e Jakobson dois momentos do formalismo russo”. Segundo os autores, a obra *Morfologia* deve ser estudada pelas lentes de seu tempo, pois “a morfologia de Propp é indissociável de seu meio intelectual de origem. Sem desconsiderar seu potencial inspirador para outros sistemas teóricos, o que permanece sendo possível, é uma distorção interpretá-la fora desse contexto” (LOPES et al, 2010, p. 12). Complementado essa ideia com o princípio de *contextualização* de Koerner (1996), é necessário compreender como os aspectos históricos da Rússia do século XX influenciaram não apenas a formação do monumento Propp, mas também a recepção de sua obra no mundo ocidental.

O livro *Theory and history of folklore* é uma coletânea de vários trabalhos de Propp traduzidos para o inglês. O livro tem a colaboração de Ariadna e Richard Martin e Anatoly Liberman. Publicado em 1984 na Universidade de Minnesota, a obra também traz a discussão entre os autores Propp e Lévi-Strauss. Anatoly Liberman, um dos tradutores, é o responsável pela introdução do livro, fornecendo informações importantes aos leitores sobre detalhes da vida pessoal e acadêmica do autor russo. Propp nasceu em São Petersburgo no dia 17 de Abril de 1895, vem de uma família de origem alemã, o que justificaria anos depois alguns problemas com a *intelligentsia* russa.

No artigo de Lopes et al (2010), também é possível recuperar dados biográficos do autor russo e, como era de se esperar, algumas informações sobre a vida de Propp mudam ligeiramente de uma fonte para outra, por exemplo, a data de nascimento (dia 16 de Abril):

Vladímir Jakovlevich Propp nasceu em 16 de abril de 1895 em São Petersburgo. Foi batizado pelo pastor da paróquia luterana de Sant'Ana e na ocasião recebeu por nome Hermann Woldemar. Seu pai, Johann Jakob Propp, era um “alemão-russo” da colônia alemã de Saratov. Trabalhava para a firma dos irmãos Schmidt, que fornecia farinha a todas as padarias alemãs da então capital russa (MARTYNOVA, 2002, p. 7 apud LOPES *et al*, 2010, p. 10).

A Rússia nas duas primeiras décadas do século XX passou por três revoluções, uma guerra civil e uma guerra mundial. Os problemas na Rússia não terminavam por aqui, na verdade, era o início de anos nebulosos que ainda se seguiriam. De acordo com Reis Filho (2003), a revolução de 1905, as duas revoluções em 1917, de fevereiro e de outubro, e a revolução de Kronstadt de 1921 foram conjunturas que se conectam no processo do panorama das revoluções russas, e mesmo que não se relacionem diretamente, é possível apreendê-las logicamente no fio da história.

A primeira aconteceu no ano de 1905, uma manifestação popular levou ao tsar algumas queixas e reivindicações pela situação deplorável em que se encontravam. Segundo Reis Filho (2003, p. 42, grifos do autor) “o tom era de *Antigo Regime*: os súditos, como crianças, suplicavam ao tsar *paizinho* (batiuchka) atenção e proteção”. Essas reivindicações numa Rússia ainda predominantemente agrícola soaram extremamente modernas e audaciosas para o proletariado reunido. Como era de se esperar, o tsar não apareceu, mas enviou sua tropa que recebeu o povo com a violência esperada de uma monarquia absolutista.

De acordo com Angelo Segrillo (2012), embora a revolução de 1905 tenha sido abortada, a monarquia autocrática sob a liderança de Nicolau II se transformou em uma monarquia constitucional e legalizou a existência de partidos políticos. O primeiro passo estava tomado para a extinção da monarquia. Para Reis Filho (2003), no mesmo ano outras manifestações tomaram conta das cidades. Os operários exigiam a realização do programa político-social que acontecia nos últimos tempos na Europa ocidental.

O povo exigia liberdades políticas e sindicais, previdência social, melhorias de vida e trabalho. As greves se organizaram como forma de combate, e logo surgiu uma forma de organização que se disseminou por todo o império, os *soviets*: “Os movimentos tinham causas profundas que se podiam sintetizar nos contrastes agudos que permeavam o império: uma sociedade que se tornava *moderna*, cada dia mais complexa, dilacerada entre o *modelo ocidental* e uma *modernidade alternativa*, ainda imprecisa” (REIS FILHO, 2003, p. 43, grifos do autor).

Por um período curto houve um momento de progresso. As forças conservadoras consentiram com o progresso oriundo de medidas capitalistas, com uma perspectiva

instrumental e que estivesse a serviço do estado, em outras palavras, do Império. Mas o crescimento e outros fatores positivos que estavam acontecendo foram interrompidos pela Primeira Guerra Mundial, segundo Segrillo (2012). Outro aspecto pós-revolução de 1905 foi à acentuação de uma política de russificação. Ao invés da integração, houve a imposição da língua russa e da religião ortodoxa.

O incentivo do tsar levou a formação das centúrias negras²⁰ que matavam e depredavam os *pogrooms*²¹, os bairros judeus, segundo Reis Filho (2003) “considerados bodes expiatórios dos problemas e dificuldades que a sociedade russa enfrentava”. Neste clima tenso, surgiram duas figuras que mudariam o caminho da história russa: Trotski e Lênin, o primeiro com o foco no “papel de vanguarda do proletariado industrial e no caráter decisivo da revolução internacional” (REIS FILHO, 2003, p. 52), e o segundo com o foco no camponês como parte principal no que poderia ser a “estruturação da ditadura revolucionária”.

Prestes a eclodir a I Guerra Mundial, Propp se graduou em filologia russa entre os anos de 1913 e 1918. Segundo Lopes et al (2010), Propp iniciou seus estudos de Literatura Alemã, que foi abandonado durante a guerra de 1914, momento em que trabalhou como voluntário em um hospital. O autor russo se transferiu para o curso de Filologia Russa e Eslava, pois naquele momento compreendeu a Rússia e tornou-se russo:

Ao trabalhar como voluntário do hospital militar da capital, Propp, segundo suas próprias palavras, “compreendeu a Rússia” e “tornou-se russo”. Ao final de seus estudos, em 1921, enquanto ensinava língua e literatura russa na escola secundária, inscreveu-se no Instituto de Teologia Ortodoxa. A partir de 1926, começa a ensinar o alemão no Instituto Politécnico para logo em seguida tornar-se Chefe do Departamento de Filologia Alemã no Instituto de Línguas Estrangeiras. Em seu diário, Propp dá provas de sua paixão pelo romantismo alemão e pela filosofia idealista do Século XIX, que reforçam sua “predisposição ao misticismo” (MARTYNOVA, 2002 apud LOPES et al, 2010, p. 10-11).

Segundo Sibelan Forrester (2012, p. XXII), editora e tradutora do livro *The Russian Folktale* (O conto popular russo) de Propp, a escolha de mudar de curso desagradou os pais dele. Forrester afirma que na autobiografia *Tree of life* (A árvore da vida), Propp (o narrador do livro) se questiona se haveria algo mais entediante do que nascer alemão ou judeu no grande império russo. Nesse período em que trabalhou no hospital, Propp não apenas descobriu sua identidade russa, mas também conheceu sua esposa Kseniia Novikova, com

²⁰ Movimento antissemita russo que apoiava a autocracia no início do século XX.

²¹ Pogrooms significa um ataque violento maciço a pessoas, com a destruição de suas casas, negócios, centros religiosos. Esse termo tem sido usado para denominar atos em massa de violência contra os judeus.

quem teve duas filhas.

A Primeira Guerra Mundial mostrou aos russos que o atual governo autocrático de Nicolau II não conseguia lidar com os problemas, primeiro pelo aspecto de um exército atrasado numa guerra moderna. Segundo, não conseguiu cuidar dos feridos ou mesmo das famílias que perderam seus entes durante a guerra. Esses e outros problemas que apareceram à medida que se percebia que a guerra continuaria, fez com que a sociedade se auto-organizasse.

Segundo Jean-Pierre Arrignon (2008) a participação da Rússia na I Guerra Mundial provocou num primeiro momento uma “União sagrada”, com a derrota e as perdas, a situação se transformou numa verdadeira crise econômica nos anos 1916 e 1917, e que levou ao fim da autocracia vigente há 3 séculos. No dia dois de março, o tsar abdicou, mas as manifestações que derrubaram a autocracia russa realizaram-se na verdade, entre os dias 23 e 27 de fevereiro de 1917 de acordo com o calendário gregoriano. Houve a instauração de um governo provisório e que logo mostrou sua incapacidade para governar e controlar a insatisfação geral da população. Foi então que as forças se organizaram para mais um enfrentamento:

No estado-maior bolchevique, Lênin concitava o comitê central a tomar a iniciativa. A bolchevização dos soviets de Petrogrado (sob a presidência de Trotski), de Moscou e de algumas frentes militares cruciais, conferia ao partido uma situação favorável nos centros político-administrativos mais importantes do país [...] De forma metódica, quase silenciosa, as tropas aquarteladas na cidade tomaram a capital da Rússia, só encontrando resistência digna deste nome no palácio de inverno, onde o que restava do governo foi preso (kerensky exilou-se na embaixada dos EUA) (REIS FILHO, 2003, p. 65-66).

Segundo Reis Filho (2003) e Segrillo (2012), a questão era se o *poder havia mudado de mãos ou se era um golpe*. Na verdade ambos, golpe e revolução. Como as reivindicações foram acontecendo, os camponeses aos poucos “ratificaram” o golpe de 1917, pois sem o apoio popular os bolcheviques não teriam chegado ao poder.

Os pós-guerras Mundial e civil, embora tivessem deixado à impressão de que os bolcheviques estivessem no comando do país sozinho, na verdade, mostravam como a realidade era dura e devastadora. O país estava arrasado em todos os sentidos, econômico, social e industrial. A guerra agora era contra “a fome e o atraso”. As medidas tomadas resultaram na insatisfação dos *mujiks*²² e dos trabalhadores que exigiam melhores condições de vida, fazendo explodir mais uma revolução. Em dois de março de 1921, os marinheiros da base naval de Kronstadt entraram em estado de rebelião em solidariedade as greves operárias em Petrogrado.

²² Camponeses pobres russos. Definição dada a eles antes da revolução socialista.

Segundo Segrillo (2012, p. 186, grifo do autor), o partido bolchevique era acusado de “criar uma ditadura *sobre* o proletariado”. A terceira revolução estava contra a burguesia e contra o regime do partido comunista, resultando na denúncia feita pelos próprios bolcheviques que estavam no poder desde 1918. Eles declararam que a rebelião era *contrarrevolucionária*. Os revolucionários de Kronstadt foram silenciados oferecendo à Rússia, finalmente, um período de estabilidade:

No topo do poder, os bolcheviques reivindicam o socialismo marxista, um projeto de modernidade hostil à utopia vitoriosa nos campos, onde eles não tinham quase nenhuma representatividade. Apoiavam-se socialmente num proletariado industrial que se encontrava desintegrado e em cidades esvaziadas de população, onde rondava o espectro da fome. Tinham justificado sua ação em nome de uma revolução internacional que não ocorrera (REIS FILHO, 2003, p. 74-75).

Não fosse o bastante, nos anos de 1921-1922 a população foi assolada por uma grande fome que somada às epidemias ocasionou a morte de cinco milhões de pessoas. Segundo Reis Filho (2003, p. 77), “as revoltas locais, as greves, a insurreição revolucionária de Kronstadt configuravam um quadro de descontentamento generalizado. A utopia do comunismo de guerra e da militarização do trabalho tornou-se inviável”. A solução encontrada para matar a fome do povo ficou conhecida como: a Nova política econômica, a NEP. Logo depois, a situação complicou novamente: Lênin morreu, em 1924, sem indicar sucessores, mas criticando em especial Stálin. Sua última obra foi a criação da URSS:

A última obra de Lênin foi a criação da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, que reagrupam o conjunto de Estados que os comunistas conseguiram retomar o controle. Em dezembro de 1922, em todas essas repúblicas, aconteceram congressos de soviets, cujos participantes aprovaram a proposta de Lênin e, em julho de 1923, foi adotado a Constituição que constituía o ato fundador da URSS, estabelecida em janeiro de 1924 (ARRIGNON, 2008, p. 353, tradução nossa)²³.

A NEP somada aos planos quinquenais, à coletivização das terras, as medidas emergenciais e a violência contra os *mujiks* deixaram a Rússia numa situação difícil, a revolução internacional teve um custo alto. Devido aos problemas enraizados na Rússia, as medidas tomadas como emergenciais só pioraram o quadro do país, além do que, Stálin no poder já começava a conduzir o povo com um ar de militância.

Propp iniciou sua carreira de professor nesse ambiente desequilibrado e hostil russo. Segundo Liberman (1984), Propp começou ensinando as duas línguas, russa e alemã, até que

²³ La dernière oeuvre de Lénine est la création de l’Union des Républiques Socialistes Soviétiques, qui regroupe l’ensemble des États dont les communistes ont réussi à prendre le contrôle. En décembre 1922, dans toutes ces républiques, se tinrent des congrès de soviets dont les participants approuvèrent la proposition de Lénine et, en juillet 1923, on adopta la Constitution qui constituait l’acte fondateur de l’URSS, établie en janvier 1924.

em 1932 ele entrou para faculdade de Leningrado, atualmente São Petersburgo, e por lá ficou o resto de seus dias. A partir de 1938, começou a ensinar folclore e depois desse período nunca mais voltou ao ensino pedagógico de línguas. Enquanto houve uma cadeira destinada ao departamento de folclore, o autor russo a ocupou até ela ter sido incorporada ao Departamento de Literatura Russa.

1.2. Morfologia: a promessa de um grande futuro e outras publicações

O primeiro trabalho de Propp publicado foi no ano de 1928 sob o título *Morfologia do Conto Maravilhoso*. O editor russo mudou o título original *Morfologia do conto de magia* para que o livro ficasse num formato mais interessante para o público. Segundo Propp (2006, p. 238), “com isso levou os leitores (e com ele o professor Lévi-Strauss) ao equívoco de acreditar que no livro se pesquisassem as leis gerais do conto maravilhoso como gênero”.

Para Liberman (1984, p. ix), o lançamento do livro teria sido noticiado por apenas Jan de Vries (1890-1964), e na URSS com três revisões positivas: R. Sor, D. K. Zelénin e V. N. Peretz. Porém foi Zelénin quem finalizou profeticamente dizendo que o método proppiano teria um grande futuro. O que se viu, foi que esse futuro seria por demasiado longo, pois só ressurgiu depois de 30 anos deixado no esquecimento sob a cortina de ferro de Stálin.

O livro *Morfologia* representa mais do que um método para estudar os contos populares russos, ele revela ao leitor uma característica pessoal de Propp, como consta em seu diário, de reconhecer a estrutura, e vista por ele como um dom maldito:

Tenho em mim um dom maldito: desde o primeiro olhar sobre qualquer coisa eu vejo a forma. Lembro de um dia na datcha²⁴ de Pavlosk em que vi um compêndio de contos de Afanássiev. Abri o livro no conto nº 50 e fui lendo daí em diante. Compreendi imediatamente: a composição de todos os temas é a mesma (MARTYNOVA, 2002 apud LOPES et al, 2010, p.11).

Dessa forma, Propp começou seus estudos do conto e trabalhou arduamente por dez anos, afirma Martynova (apud LOPES et al, 2010, p. 11). Houve também aqueles raros pronunciamentos contra o livro, como o de Melville Jacobs (apud LIBERMAN, 1984, p. xi), “É fácil exagerar os méritos do trabalho de Propp. De fato, a adulação tardiamente, concedida a ele ultrapassou os limites. Propp não fez avanços significantes no campo de métodos [...]”²⁵ (tradução nossa).

²⁴ Casa de campo tradicional russa.

²⁵ It is easy to exaggerate the merits of Propp’s work. Indeed, the flattery belatedly granted him has gone out of bounds. Propp made no significant advance in field methods [...].

Por outro lado, é impossível negar a avalanche de trabalhos que utilizam a obra. Liberman (1984, p. x) enumera trabalhos que citam e analisam o trabalho de Propp: Lévi-Strauss, Greimas e Bremond, e também a respeito daqueles que se posicionaram sobre Propp e o estruturalismo, para mostrar o impacto de *Morfologia* depois de sua aparição em 1958: Lévi-Strauss (1960), Bravo (1967), Avalle (1970), Hendricks (1970), Meijer (1970), Vehvilainen (1970), Hansen (1971), Régnier (1970), Todorov (1971), Eimermacher (1972), Holbek (1972), Guépin (1972), Larivaille (1974), Borillo (1975), Oppitz (1975) etc.

Ainda nos anos 30, a União Soviética mudou radicalmente, fundando um modelo que marcaria o socialismo no século XX. Os padrões ocidentalizantes novamente foram adotados com a mesma perspectiva instrumental de antes, considerados como uma modernidade alternativa. A revolução pelo alto tinha dois focos: “a coletivização do campo e a industrialização acelerada”. Segundo Reis Filho (2003, p. 91), “a resistência dos *mujiks* foi sempre feroz e desesperada: os camponeses chacinavam os animais, destruíam lavouras e implementos agrícolas, furtavam cereais, matavam chefes administrativos e policiais, recusavam-se a trabalhar. As lideranças rebeldes eram fuziladas”.

Entretanto aqueles que não estavam contra o governo tiveram oportunidades únicas de trabalho e ascensão vertical. Para isso, as reformas educacionais foram essenciais. Foi estabelecido o ensino gratuito em todos os níveis, inclusive à distância. Foram criadas também faculdades operárias. Os números de diplomados aumentaram em grande escala. Segundo Reis Filho (2003), apesar de todo investimento na educação e na saúde eram perceptíveis às diferenças, inclusive daqueles excluídos da sociedade por não serem adeptos do governo.

Contudo, o que acontecia no país era algo diferente, os planos quinquenais e o sacrifício de todo o povo em nome de um ideal fez com que surgisse o mito da mãe-russa, e o mito que demoraria cair por terra: Stálin, que nas palavras de Churchill: “Stálin encontrou a Rússia no arado e a colocou no foguete” (apud SEGRILLO, 2012, p. 201). A Rússia ressurgia com a força da tradição a florada, mas com o suporte “instrumental” dos padrões ocidentais:

Houve naquele momento a reativação de toda uma tradição russa de procura de caminhos alternativos aos padrões ocidentais no sentido da construção de uma outra modernidade. Admitia-se a incorporação maciça da ciência e da técnica ocidentais, era possível importá-las e usá-las, mas de uma forma essencialmente instrumental, porque deveriam estar inseridas numa outra proposta de construção social. Retomava-se a crítica a subserviência com que certas propostas modernizantes se relacionavam com o ocidente. Era preciso romper com essa tradição e nada mais simbólico nesse sentido do que a mudança da capital do país. De São Petersburgo/Petrogrado/Leningrado para Moscou. [...] Foi possível, nesse universo de referências, reativar igualmente o amor ancestral a terra russa, mesclando o tradicional patriotismo ao nacionalismo moderno. Não havia invenção importante

que não contasse com a participação de um sábio russo, nem proeza de alcance mundial que não registrasse a presença de um russo. As nações não-russas e o conjunto do movimento revolucionário mundial curvavam-se diante daqueles irmãos mais velhos, dispostos a qualquer sacrifício para salvar a humanidade. Como se o antigo messianismo moscovita baseado na crença da terceira Roma houvesse se transmutado para dar origem a uma nova Moscou, capital da emancipação da humanidade (REIS FILHO, 2003, p. 98).

A população já conhecia o terror da guerra, das revoluções, das torturas. Nos anos 30, novos processos (Moscou) como os da revolução de 1917, liquidaram uma parte dos homens até então considerados como pessoas de confiança do Estado. De acordo com Reis Filho (2003, p. 101), “ao longo dos anos 30, os expurgos continuaram, implacáveis. Dos 1.966 delegados do XVII Congresso, em 1934, 1.108 foram atingidos até 1938. Dos 139 dirigentes eleitos para o comitê central, em 1934, 98 desapareceram”. O terror vermelho atingiu toda sociedade, os camponeses, os trabalhadores urbanos, as empresas, as elites revolucionárias das nações não russas, entre outros.

Na esfera das artes e da cultura geral surgiu uma nova doutrina: o *realismo socialista*, o estilo oficial da URSS. Havia a necessidade de criar heróis, e aqueles que não estavam de acordo com o novo movimento estético eram perseguidos, presos, deportados, exilados, fuzilados, como Propp que não foi preso, não foi deportado, mas teve que se retratar diante das acusações de “formalista” e “cosmopolita sem raiz”. A próxima citação que conceitua o realismo socialista mostra o porquê Propp foi ferozmente acusado e fez a escolha de se retratar:

A essência do realismo socialista reside na fidelidade à verdade da vida, tão dolorosa quanto possa ser, o todo expressa em imagens artísticas consideradas a partir do ponto de vista comunista. Os princípios ideológicos e estéticos do realismo socialista são os seguintes: devoção a ideologia comunista; preocupação de colocar sua atividade a serviço do povo e ao espírito do partido; vontade de se conectar estreitamente às lutas das massas trabalhadoras, de aderir ao humanismo socialista e ao internacionalismo, de adotar uma atitude otimista histórica, de rejeitar o formalismo, o subjetivismo e o primitivismo naturalista (*Encyclopaedia universalis* apud ARRIGNON, 2008, p. 391, tradução nossa)²⁶.

Segundo Reis Filho (2003, p. 102), o único que estava a salvo daqueles anos de perseguições intermináveis era o próprio Stálin, “em torno dele formou-se um formidável culto à personalidade, outro fator maior de coesão social naqueles tempos de extraordinária turbulência”. O ano de 1932 foi mais um período conturbado na vida de Propp, o autor foi

²⁶ L'essence du réalisme socialiste reside dans la fidélité à la vérité de la vie, aussi pénible qu'elle puisse être, le tout exprime en images artistiques envisagées du point de vue communiste. Les principes idéologiques et esthétique du réalisme socialiste sont les suivants: dévouement à l'idéologie communiste; souci de mettre son activité au service du peuple et de l'esprit du parti; volonté de se lier étroitement aux luttes des masses laborieuses, d'adhérer à l'humanisme socialiste et à l'internationalisme, d'adopter une attitude d'optimisme historique, de rejeter formalisme, subjectivisme et primitivisme naturaliste.

preso pela polícia secreta soviética (GPU) e ficou preso não se sabe por quanto tempo exatamente, de acordo com Forrester (2012, p. XXIII). Não se sabe também porque ele foi preso ou solto, pois não há registro nos arquivos.

Além disso, o seu casamento acabou, acredita-se, devido à sua prisão. Dois anos depois, Propp publicou um artigo intitulado “On the origin of wondertale – a Magic tree on the grave” (Sobre a origem do conto maravilhoso – uma árvore mágica no túmulo), que possibilitou segundo Liberman (1984), “um vislumbre” de sua teoria de origens sugeridas nas últimas linhas de *Morfologia*.

Em 1937, Propp se casou com Elizaveta Yakovlevna que também era professora na Universidade de Leningrado e ensinava Inglês. Com ela teve mais um filho. Mais dois artigos foram publicados em 1939, “Men’s house in the Russian wondertale” (A casa dos homens no conto maravilhoso russo) e “Ritual laughter in folklore” (O ritual do riso no folclore). No mesmo ano, no dia 15 de junho, Propp defendeu sua tese de doutorado *The Genesis of the wondertale* (As raízes do conto maravilhoso), mas com a guerra a publicação teve que esperar até 1946. Sabe-se que *As raízes do conto maravilhoso* (Doravante *Raízes*) teve seu início em *Morfologia*. Segundo Forrester (2012), por sugestão de Viktor Zhirmunsky (1891-1971), ele retirou o capítulo que tratava da origem dos contos para desenvolvê-lo posteriormente.

1.3. As acusações contra Propp e a queda do ditador

A segunda guerra Mundial também colaborou com a imagem de Stálin, agora não apenas na Rússia, mas também no mundo como um todo. Havia depois da guerra “uma imensa admiração pelos feitos russos e soviéticos” (REIS FILHO, 2003, p. 106). Stálin era cultuado desmesuradamente, a grande guerra pátria havia consolidado o socialismo e a afirmação do povo soviético perante o mundo. O pós-guerra comemorou as conquistas alcançadas, mesmo com o início da guerra fria, a URSS era uma superpotência mundial.

Nesse período os estudiosos russos enfrentavam sérios problemas e eram constantemente vigiados em suas produções. Lamentavelmente, Propp não escapou e com suas duas publicações foi acusado de “formalista” e depois de “cosmopolita bajulador”, como consta em Lopes et al, e também em Liberman (1984, p. xii-xiii):

Enquanto isso, a situação política na União Soviética deteriorou rapidamente, e o machado caiu nas duas obras de Propp. O início dos anos trinta testemunhou uma briga feroz contra o formalismo, que era considerado como qualquer desvio do *realismo socialista* na poesia, pintura e música, algo que era vagamente sinônimo de “modernismo burguês”, e como qualquer outra novidade em geral, mesmo em

estudos profissionais de rima, metro etc., era proclamado como formalismo [...] Logo depois da guerra, outra campanha foi lançada, desta vez contra os “cosmopolitas sem raízes”. O inimigo era identificado com os estudiosos judeus além de todos culpados de delação e bajulação ao ocidente, de tal forma que o lema da campanha se tornou *a prioridade russa* (grifos do autor, tradução nossa)²⁷.

A principal superintendente política da literatura soviética acusou Propp no *Literaturnaja gazeta*, de “cosmopolita sem raiz” pela publicação do livro *Raízes*, afirma Liberman (1984). Em 1948, um encontro foi realizado na Universidade de Leningrado, e Dement’ev deu um pronunciamento que retomava as ideias de um artigo publicado anteriormente no jornal *Culture and Life* que castigava A. N. Vesselóvski (1838-1966). Sobre essa situação, no prefácio do livro *Comicidade e riso* de Propp, Boris Schnaiderman afirma que depois que Jdanov apresentou um informe ao partido em 1946, surgiu uma campanha para evitar os desvios da ideologia. Segundo Schnaiderman (1992), a mitóloga Olga Freidenberg escreveu em seu diário sobre o ocorrido:

Em 1948, ocorreu uma sessão no Departamento de Filologia daquela Universidade, na qual alguns dos nomes gloriosos dos estudos soviéticos de linguagem foram atacados pelos seus “erros”, isto depois de uma campanha implacável pela imprensa. Se houve quem se portasse com dignidade, como foi o caso de Víctor Jirmúnski, se Boris Tomachévski sofreu então uma síncope, o mesmo acontecendo com o folclorista Azadóvski, que foi retirado de maca, Propp, depois de continuamente agredido, “perdeu o senso de dignidade que ele defendera por tanto tempo” (SCHNAIDERMAN, 1992, p. 7).

O pronunciamento de Dement’ev no encontro de 1948, além de reforçar tais ideias adicionou em seu discurso as seguintes palavras sobre Propp: “O conto russo foi sangrado Branco e roubado de sua alma pelo professor Propp, sem contar o fato que sob sua caneta o conto de fadas perdeu suas características históricas e de classe, por que ele reduziu todas as suas imagens e motivos à pré-história” (apud LIBERMAN, 1984, p. xiv, tradução nossa)²⁸. Todas essas críticas e outras levaram Propp a participar da discussão em 1948²⁹, na qual se mostrou arrependido publicamente. Somente assim, o autor conseguiu sobreviver àqueles anos de terror:

Eu considero o artigo “Contra a Burguesia Liberal no Estudo da Literatura” ser o

²⁷ Meanwhile, the political situation in the Soviet Union deteriorated rapidly, and the ax fell on both of Propp’s books. The early thirties witnessed a fierce fight against formalism, which was understood as any deviation from *socialist realism* in poetry, painting and music, as something vaguely synonymous with “bourgeois modernism”, and as any novelty in general; even professional studies of rhyme, meter, etc., were proclaimed formalistic] Soon after the war another campaign was launched, this time against “rootless cosmopolitans”. The enemy was identified with Jewish scholars and in addition with everyone guilty of sycophancy or kowtowing to the West, as the phrase went. The motto of the campaign became *Russian priority*.

²⁸ The Russian tale has been bled White and robbed of its soul by professor Propp, let alone the fact that under his pen the fairy tale has lost its historical and class features, because he reduces all its images and motifs to prehistory.

²⁹ Colocamos a transcrição inteira da resposta de Propp para que o leitor tenha acesso.

mais importante documento, que determina um estágio decisivo no desenvolvimento de nossa ciência. Não é por acaso que o artigo se preocupa com Veselovskij. Aleksandr Veselovskij foi o último ídolo destronado da burguesia pré-revolucionária da ciência. Esse ídolo, o melhor deles todos e, portanto, o mais perigoso caiu e caiu irrevogavelmente. Nenhuma tentativa de reabilitação o salvará do veredicto pronunciado pela história. Sem compromissos, sem hesitações de qualquer tipo de avaliação sobre ele, isto é, de toda a ciência que ele representou, pode ser agora entretida... A história de nossa ciência é a história do desenvolvimento de nossa autoconsciência nacional e de classe. Tudo em nossa ciência que conduziu para o forjar dessa consciência e toda nossa cultura moderna social, material e espiritual (algumas vezes numa luta sangrenta e difícil) é a nossa ciência. Tudo que estava no caminho desse processo é uma ciência estrangeira e inimiga a nós. Nossa moderna ciência (quero dizer principalmente a folclorística) está atrasada em relação a nossa construção socialista. Eu estou aflito em admitir esse fato, mas eu não posso alisá-lo demais. Nós ficamos para trás, porque, entre outras coisas, nós ainda não extirpamos a ciência antiga. A tradição é forte e nos arrasta para baixo. Normalmente, nós não confiamos nos trabalhos de grandes democratas revolucionários, nem nos clássicos Marxista-Leninista-Stalinista da ciência, mas nos estudiosos burgueses. Enquanto eu estava escrevendo e quando eu terminei meu último livro *Raízes Históricas do Conto Maravilhoso*, eu estava felizmente convencido que eu havia criado um genuíno trabalho marxista, porque eu explico o fenômeno espiritual, referindo à base econômico-social. Mas o desapontamento veio logo. Em meu livro falta o elemento principal, isto é, o povo. A questão do povo, sua ideologia e luta não é suficientemente colocada lá, ainda que Belinskij, Dobroljubov, Gorky e Lênin insistiram somente nessa abordagem. Como os mitólogos, eu coloquei o conto de fadas de volta no remoto passado da pré-história. Como a escola Histórica, eu ignorei a mensagem e o organismo artístico do conto de fada e o tratei somente como um documento arqueológico. Eu não me considerei como um comparativista, mas eu interpreto o conto de fada russo na luz criativa da produção de outros povos que estão nos estágios iniciais da cultura humana. Por isso, as imputações de cosmopolitismo perigoso dos meus críticos, que, de fato, eu não posso contrariar. Todas as cobranças trazidas contra a mim por Dement'ev são justas. Há somente uma conclusão: nós deveríamos trabalhar e trabalhar incessantemente. Se nós cortássemos de uma vez por todas os laços com a tradição que nos arrasta, nós criaremos trabalhos relevantes para nossa grande época (PROPP apud LIBERMAN, 1984, p. xiv-xvi, grifos do autor, tradução nossa)³⁰.

³⁰ I consider the article "Against Bourgeois Liberalism in the Study of Literature" to be a most important document, which determines a decisive stage in the development of our science. It is not fortuitous that the article concerns itself with Veselovskij. Aleksandr Veselovskij was the last undethroned idol of bourgeois prerevolutionary science. This idol, the greatest of them all and therefore the most dangerous, has fallen and fallen irrevocably. No attempts at rehabilitation will save him from the verdict pronounced by history. No compromises, no hesitations of any sort in our assessment of him, that is, of the entire science he represented, can now be entertained.... The history of our science is the history of the development of our national and class self-awareness. Everything in our science that has conducted to the forging of this awareness and all our modern social, material and spiritual culture (sometimes in a hard and bloody struggle) is our science. Everything that was in the way of this process is a science alien and inimical to us. Our modern science (I mean mainly folkloristics) lags behind the general upsurge of our socialist construction. I am grieved to admit this fact, but I cannot smooth it over. We lag behind, because, among other things, we have not yet rooted out the old science. Tradition is strong and it drags us down. We often rely not on the works of the great revolutionary democrats, not on the classics of Marxist-Leninist-Stalinist science but on bourgeois scholars. While I was writing and when I finished my latest book *Historical Roots of the Wondertale*, I was happily convinced that I had created a genuine Marxist work, because I explain spiritual phenomena by referring to the social-economic base. But disappointment came soon. My book lacks the chief element, namely, the people. The question of the people, their ideology and struggle is not as much as posed in it, though Belinskij, Dobroljubov, Gorky, and Lenin insisted just on such an approach. Like the Mythologists, I turn the fairy tale back into the remote prehistorical past. Like the Historical school, I ignore the message and the artistic organism of the fairy tale and treat it as only an archaeological document. I did not look upon myself as a comparativist, but I interpret the Russian fairy tale in light of the creative output of other peoples, that stand at earlier stages of human culture. Hence my critics'

O arrependimento expresso nas palavras de Propp deixou o conselho acadêmico satisfeito, e segundo Liberman (1984, p. xv), outros estudiosos também se “arrependeram”. Propp não foi deportado, não perdeu o emprego, mas também nunca se recuperou. Poucos sabem o que a Revolução fez com a cultura naquele país. Como resultado de tantas perseguições, Propp concentrou seus estudos nas *bilinas*³¹ e lançou seu terceiro livro *Russian heroic epic poetry* (Epos heróico russo) em 1955, “fruto de dez anos de pesquisa” e sem “nenhuma menção de fontes ocidentais” ou algo referente à *Morfologia*, afirma Liberman (1984). Aqueles anos ficariam marcados na vida de Propp e com consequências não apenas na sua produção intelectual, mas também na sua própria saúde:

Os ataques sofridos por Propp acabaram por lhe trazer uma crise cardíaca e grandes dificuldades de difusão de seus escritos: nos nove anos subsequentes ao episódio tudo o que ele conseguiu publicar foram três artigos sobre o folclore e um trabalho sobre os artigos da língua alemã (MARTYNOVA, 2002 apud LOPES et al, 2010, p.11).

Três anos depois da morte de Stálin, o mito criado em sua volta caiu por terra, pois, Nikita Kruchov (1894-1971) apresentou um informe no XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética no ano de 1956, que denunciava os crimes cometidos pelo tirano, gerando um impacto aterrorizador. “O semideus virava demônio”. As vitórias atribuídas a União Soviética se deram no decorrer da história apesar do governo de Stálin. Depois que ele morreu, a história russa pode ser dividida em dois momentos:

Após a morte de Stálin, em 1953, e até a *perestroika*, iniciada em 1985, a trajetória da União Soviética pode ser compreendida em dois períodos distintos: um *tempo de reformas*, encarnado pela figura inusitada de N. Kruchov, até 1964, quando um golpe de Estado o derrubou; e um *tempo de equilíbrios instáveis*, caracterizado pela manutenção de taxas relativamente altas de desenvolvimento e por um expansionismo político-militar sem precedentes, no entanto, e ao mesmo tempo, por certos elementos de crise, que as análises mais argutas não deixariam de apontar (REIS FILHO, 2003, p. 119, grifos do autor).

Coincidência ou não, segundo Liberman (1984, p. xvi), entre 1955 e 1970, Propp “escreveu 18 longos artigos e muitas resenhas, muitas notas e juntamente com M. Ju. Mel’c compilou cinco bibliografias anuais de folclore russo. Ele foi um incansável editor e preparou dez livros para publicação, uma reimpressão dos contos de Afanássiev estava entre eles”. No ano de 1963 apareceu mais um livro *Festivais agrários russos* em que o autor estudou as

imputations of harmful cosmopolitanism, which, indeed, I cannot counter. All the charges brought against me by Comrade Dement’ev are fair. There can be only one conclusion: we should work and work unremittingly. If we once and for all sever ties with the tradition that drag us down, we shall create works worthy of our great epoch.

³¹ Poemas épicos tradicionais.

origens do calendário russo. Propp faleceu no dia 02 de Agosto de 1970 (segundo ataque cardíaco). Sua última obra foi uma publicação póstuma *Problems of laughter and the comic* (Comicidade e risos) que apareceu seis anos depois de sua morte.

Para ter uma ideia da recepção proppiana, Liberman escreve (1984, p, xvii): “Aqueles que escreveram sobre Propp descreveram principalmente seus trabalhos, mas ainda assim mencionaram sua gentileza, sua prontidão em ajudar, e excelentes habilidades para ensinar”³² (tradução nossa). Outra imagem que ficou registrada de Propp por seus alunos e colegas é, “pequeno de estatura, encanecido, sorridente, bom e benevolente, um homem que nenhuma consideração da vida cotidiana podia desviar do caminho escolhido, um homem que seguia quase um apelo interior e que estava cheio de confiança no significado da ciência” (JANOVITCH, s/d, p. 14).

Esse é o espírito de época em que a produção proppiana surgiu, uma época difícil e definida pelo socialismo russo. Propp não apenas vivenciou de perto todas essas guerras e revoluções, como também foi diretamente atingido por elas, fisicamente, psicologicamente e profissionalmente. De acordo com Forrester (2012), não se sabe se os escritos de Propp com cunho marxista eram de fato parte de seu currículo, ou apenas uma camuflagem.

³² Those who wrote about Propp mainly described his works; yet they mention his kindness, readiness to help, and excellent teaching abilities.

CAPÍTULO 2

ESCOLHAS EDITORIAIS E A IMANÊNCIA DA OBRA

Este capítulo inicia-se por um percurso das diferenças editoriais nas três versões escolhidas de *Morfologia* para este trabalho. Depois, aborda as relações entre os Eua e a URSS, e as motivações para o incentivo em conhecer os estudos soviéticos. Em seguida, o capítulo está dividido segundo a imanência da obra, perpassando pela influência de Goethe e sua morfologia, os conceitos de função e esferas de personagens e a definição de conto segundo Propp.

2.1. Tradução para o inglês, francês e português

Segundo Milani (2011), os conceitos principais de uma obra, normalmente, encontram-se na superfície do discurso. Recuperá-los não é uma tarefa árdua para o historiógrafo. Além da superfície, há também os conceitos que permanecem em níveis não tão acessíveis, e necessitam de uma verificação mais aprofundada, em outras palavras, é preciso buscar as fontes e o contexto, ou seja, o espírito de época (*zeitgeist*) da obra. O termo alemão *zeitgeist*³³ utilizado por Koerner (1996), teve sua primeira utilização por Johann Gottfried Herder (1744-1803) no século XVIII, para remeter ao espírito do tempo, incluindo aspectos culturais e intelectuais de uma sociedade.

Na manifestação conceitual é imprescindível sintetizar a obra, de modo que o conceito seja apreendido como uma continuidade na sociedade, nos termos bakhtinianos, como uma refração do momento da produção. A obra não permanece exclusiva de seu meio social e cultural. Pela historiografia entende-se que a ruptura acontece na epistemologia, uma vez que os conceitos permanecem os mesmos.

A partir de um estudo comparativo pelo viés da historiografia é possível mostrar como a recepção de uma obra, levando em consideração a segunda e quinta teses de Jauss, deflagra a construção sócio-histórica do monumento num determinado espaço e momento. Ou seja, existe a possibilidade de haver múltiplas construções, e até mesmo divergentes uma das outras. Isso acontece porque cada tradução e leitura remetem a um novo espírito de época (*zeitgeist*).

Neste capítulo as três traduções: americana, brasileira e francesa, são abordadas, problematizando-as e resgatando os principais conceitos de *Morfologia do conto maravilhoso*

³³ <http://www.significados.com.br/zeitgeist/>.

pelo viés da imanência. A edição americana permitiu aprofundar a questão da recepção da obra propiana nos anos 60, pois era a edição acessível no período. A edição francesa permitiu resgatar, em específico, a fonte das epígrafes goethianas e outros aspectos comparativos que são explorados neste trabalho, como por exemplo, mesmo tendo levado em consideração a segunda edição da obra em russo como ponto de partida, a edição francesa manteve o prefácio da primeira edição.

Além disso, os prefácios da obra em russo são diferentes em um único aspecto: os agradecimentos. A edição brasileira, além de ter sido traduzida do original, baseia-se na segunda edição da obra em russo, dando uma ampla visão do texto em si.

Morfologia teve sua primeira tradução para o inglês americano em 1958 sob o título *The Morphology of folktale*. Na primeira edição, a tradução foi feita Laurence Scott e a introdução da versão norte-americana foi escrita por Svatava Pirkova-Jakobson (1908-2000)³⁴. O livro foi publicado pela editora University of Texas Press, em conjunto com Indiana University Research Center in Anthropology, Folklore and Linguistics. Neste trabalho, foi utilizada a segunda edição que foi revisada e editada com acréscimo do prefácio escrito por Louis Wagner, e com uma nova introdução escrita por Alan Dundes. A segunda edição é de 1968.

No ano de 2008, alguns e-mails foram trocados com a bibliotecária de folclore da Universidade de Indiana, de Bloomington, departamento de folclore e etno-musicologia. Buscou-se alguma resposta sobre o fato de na primeira edição do livro de 1958, o tradutor ter deixado de lado as epígrafes de Goethe. No dia 01 de maio daquele ano uma resposta foi recebida, e explicava que na segunda edição (1968) a única coisa que sabe a respeito é que o editor Louis A. Wagner achou as epígrafes “não essenciais”.

Utilizando-se exatamente das palavras escritas por Wagner no prefácio da segunda edição, “uma característica do trabalho original não foi preservada: alguns capítulos são precedidos por uma epígrafe de Goethe, e essas foram consideradas como não essenciais³⁵” (WAGNER, 1994, p. X, tradução nossa). Wagner não explica a razão pela qual as considerou desnecessárias. Na primeira edição, como ressaltado nos e-mails³⁶ trocados com a bibliotecária: “A introdução da edição de 1958 (por Svatava Pirkova-Jakobson) fica

³⁴ Ainda esposa de Roman Jakobson, que era um dos responsáveis pelo Comitê para Promoção de Estudos Culturais Eslavos Avançados.

³⁵ One feature of the original work has not been preserved: a number of chapters are headed by quotations from Goethe, and these have been dropped as nonessential.

³⁶ E-mail do dia 10 de junho de 2013. The Introduction to the 1958 edition (by Svatava Pirkova-Jakobson) is completely silent on this matter as far as I can see. There is no note at all from the translator Laurence Scott in either edition.

completamente em silêncio nessa questão como posso observar. Não há nenhuma nota do tradutor Laurence Scott em nenhuma das edições” (tradução nossa).

Pode-se dizer que o silenciamento seja estranho, pois Svatava tinha conhecimento amplo da obra proppiana, como pode ser observado nas referências utilizadas na introdução à primeira edição americana de 1958 (PIRKOVA-JAKOBSON, 1994, p. xxii). No primeiro contato em 2008, a bibliotecária também enviou um e-mail³⁷ aos arquivos da Universidade para saber o porquê do abandono das epígrafes em ambas as edições e se existiria algum artigo sobre o assunto, ou ainda alguma correspondência entre Thomas Sebeok (1920-2001)³⁸ e Laurence Scott:

[...] Propp evidentemente tinha citações do Goethe no início de alguns dos capítulos. Nem a edição de 1958 ou a de 1968 de tradução em Inglês incluem essas citações. Eu não consigo encontrar nada na primeira edição sobre essa omissão. No prefácio a segunda edição, Louis Wagner menciona que as citações de Goethe foram “consideradas não essenciais”. O arquivo tem algum artigo ou correspondência entre Research Center in Anthropology, Folklore, and Linguistics, and Linguistics publications series? Em caso afirmativo, haveria alguma correspondência entre Thomas Sebeok e Laurence Scott? (tradução nossa).

Houve outro contato em maio de 2013, quando ela retorna dizer que se existe alguma correspondência referente à tradução de 1958 e a reedição de 1968, essas serão encontradas nos arquivos. Assim, foi enviado outro e-mail aos arquivos com o objetivo de obter mais informações, mas não houve nenhum retorno com uma justificativa mais plausível do que simplesmente uma opção editorial em definir as epígrafes como “não essenciais”. A situação gera a possibilidade de pensar em algo político por detrás dessa opção editorial com o pós-segunda guerra Mundial e nos entremeios da Guerra Fria.

A discussão entre Lévi-Strauss e Vladimir Propp nos anos 60 teve sua publicação na íntegra na edição italiana de *Morfologia* em 1966. A crítica de Lévi-Strauss no artigo “A estrutura e a forma – reflexões sobre uma obra de Vladimir Propp”³⁹ e a réplica de Propp no artigo “Estudo estrutural e histórico do conto de magia”. Ainda assim, as epígrafes foram excluídas. É possível que o autor Wagner não tenha tido contato com essa discussão; pois, na

³⁷ E-mail enviado a archives@indiana.edu no dia 01/05/2008 por Moira. Propp evidently had quotations from Goethe at the head of some of his chapters. Neither the 1958 or 1968 editions of the English translation include these quotations. I can find nothing in the first edition about this omission. In the preface to the second edition, Louis Wagner mentions that the quotations from Goethe were “dropped as non-essential.” Does the Archives hold any papers of correspondence from the Research Center in Anthropology, Folklore, and Linguistics publications series? If so, might there be some correspondence between Thomas Sebeok and Laurence Scott?

³⁸ Membro da faculdade de Semiótica na Universidade de Indiana de Bloomington. Em 1958, era o diretor das publicações do Centro de Pesquisa em Antropologia, Folclore e Linguística da Universidade de Indiana.

³⁹ Publicado pela primeira vez em 1960 nos *Cahiers de l'institut de science economique appliquée*, nº 9 e também no *International Journal of Slavic Linguistics and Poetics*, 3, 1960.

réplica, Propp reforçou a importância das epígrafes que trazem muito mais que um aspecto estético para seu livro, essas refletem e complementam teoricamente seu trabalho:

O professor Lévi-Strauss conhece meu livro apenas na tradução inglesa, mas o tradutor se permitia uma liberdade inadmissível. Ele não compreendeu absolutamente o porquê das epígrafes, que aparentemente nada têm a ver com o texto; sendo assim, ele as julgou ornamentos inúteis e suprimiu-as barbaramente. [...] tinham por finalidade expressar o que não fora dito no próprio livro. (PROPP, 2006, p. 235-236).

A postura de Propp diante da decisão tomada pelos editores, revisores e tradutores de sua obra para o inglês americano é compreensível. Houve uma transgressão que se resultou “improdutiva” do ponto de vista da recepção do autor que foi conturbada, mas não completamente insatisfatória. Uma omissão como essa pode comprometer o entendimento da obra como um todo. No prefácio de *Comicidade e riso* (1992), Boris Schnaiderman relata o mesmo abuso feito na edição do livro as *Raízes*.

Na segunda edição das *Raízes* de 1986, a folclorista responsável escreveu em nota, “os redatores se esforçaram para tratar com o máximo de escrupulo o texto da primeira edição: uns poucos e insignificantes cortes foram feitos unicamente naquelas partes do livro que eram um tributo à época em que a pesquisa veio à luz” (apud SCHNAIDERMAN, 1992, p. 5-6).

Schnaiderman questiona se o editor teria tal direito, e por essa razão, os editores e a tradutora do livro *Comicidade e riso* mantiveram o original como um todo, “na minha opinião, deve ser este o caminho em relação a todo um acervo riquíssimo de obras teóricas, produzidas em pleno stalinismo” (SCHNAIDERMAN, 1992, p. 6). Portanto, na obra *Comicidade e riso*, ele alerta que o leitor talvez se sinta incomodado com tantas referências a Lênin, ou, por exemplo, com a sugestão de Propp de que o riso deveria servir como instrumento do comunismo.

Na segunda edição americana de *Morfologia*, a nova introdução escrita por Dundes traz nas referências justamente a edição italiana, ou seja, a que continha o debate entre Propp-Lévi-Strauss, permitindo inferir que talvez tenha acontecido algo além do contexto acadêmico, motivado pelas próprias repercussões políticas do período, como dito anteriormente. Os equívocos são tão graves que na introdução do livro *Semiótica Russa* (1979), Boris Schnaiderman destaca que muitos leitores acreditam que *Morfologia* seja a única obra de Propp, eles não sabem da existência de pelo menos das *Raízes* que forma uma continuação da pesquisa iniciada em *Morfologia*.

Schnaiderman afirma que o desconhecimento das *Raízes*, “explica boa parte dos equívocos de Lévi-Strauss em relação a seu autor” (SCHNAIDERMAN, 1979, p. 15). Se

Lévi-Strauss tivesse conhecido as *Raízes*, entenderia que o estudo morfológico dos contos era uma prévia necessária para a busca de suas origens. Contudo, um dos principais seguidores do método de Propp, Alan Dundes (1994) cometeu equívoco semelhante ao escrever na introdução sobre a metodologia adotada em *Morfologia*. Talvez seja pelo desconhecimento das *Raízes*, mesmo esta tendo sido publicada em italiano em 1949, pela editora Einaudi, língua que o autor tinha acesso, uma vez que ele também leu *Morfologia* em italiano na publicação de 1966, como aparece nas referências da introdução que ele escreveu (1994, p. xvii).

Para Dundes (1994), a abordagem proppiana trabalhou apenas com a estrutura dos contos, deixando de lado os aspectos sociais e o contexto cultural. Propp fez uma análise “puramente formalista” considerada como um campo “estéril”. O autor também felicitou a abordagem de Lévi-Strauss em relação aos mitos como uma tentativa corajosa (postura contraditória nos seus trabalhos futuros em que critica Lévi-Strauss):

O problema é que Propp não fez nenhuma tentativa de relacionar sua extraordinária morfologia à cultura Russa (ou Indo-Europeia) como um todo. Claramente, a análise estrutural não é um fim em si mesma! É antes o início, não o fim [...] mas, a forma deve em última análise ser relacionada à cultura ou culturas em que se encontram. Neste sentido, o estudo de Propp é somente um primeiro passo, embora seja um passo gigante (DUNDES, 1994, p. xiii, tradução nossa)⁴⁰.

A questão mais intrigante na recepção da obra de Propp é que as *Raízes* foi publicada em 1949, em italiano, pela mesma editora que publicou *Morfologia* em 1966. Isso mostra pelo menos dois possíveis aspectos. O primeiro aspecto seria a dificuldade de acesso à obra, e assim justificaria o desconhecimento do conjunto da obra de Propp e a impossibilidade de ver o trabalho do autor em sua totalidade, ou pelo menos a continuação do seu trabalho em *Morfologia* e nas *Raízes*. O segundo aspecto seria apenas um “descaso” acadêmico (motivado ou não politicamente) por parte de alguns autores. Entretanto, fora os problemas nas próprias edições é preciso ser considerado na recepção o primeiro aspecto, as dificuldades de acessibilidade às obras naquele período da história mundial.

A obra em francês *Morphologie du conte* ganhou sua materialidade em 1970 pela editora Gallimard. A edição foi traduzida diretamente do russo por Claude Ligny, e como consta no próprio livro, essa seguiu as modificações propostas pela segunda edição do livro

⁴⁰ The problem is that Propp made no attempt to relate his extraordinary morphology to Russian (or Indo-European) culture as a whole. Clearly, structural analysis is not an end in itself! Rather it is a beginning, not an end. [...] but the form must ultimately be related to the culture or cultures in which it is found. In this sense, propp's study is only a first step, albeit a giant one.

em 1969 em Moscou, com um prefácio de Melíntiski. O texto modificou os capítulos III e V, eles foram revistos, aumentados e corrigidos pelo próprio autor russo para a edição italiana, preparada por Gian Luigi Bravo em 1966. Entretanto, o prefácio da edição francesa manteve como dito anteriormente, o prefácio da primeira edição no original de 1927, como consta na página quatro do livro.

O livro *Morfologia do conto maravilhoso* para o português em sua segunda edição pela editora Forense Universitária traz “O estudo tipológico-estrutural do conto maravilhoso” de Meletínski, “Estrutura e forma” de Lévi-Strauss e a resposta de Propp ao texto de Strauss. Traduzida do russo por Jasna Paravich Sarhan, e organizada e prefaciada por Boris Schnaiderman em 2006. Seguiu-se a segunda edição soviética (1969) publicada pela editora Naúka.

2.2. Guerra Fria: as relações acadêmicas entre URSS e EUA

Um dos aspectos mais curiosos na edição americana são os agradecimentos feitos por Thomas Sebeok. O autor agradeceu, em primeiro lugar, ao Comitê para Promoção de Estudos Culturais Eslavos Avançados, que segundo David C. Engerman (2009, p. 147), era liderado por George F. Kennan (1904-2005), Philip Mosely (1905-1972) e Roman Jakobson (1896-1982). Inicialmente foi financiado por um homem de negócios, R. Gordon Wasson (1898-1986). O autor também agradeceu ao Comitê Conjunto em Estudos Eslavos. Essas informações são relevantes, pois desde a segunda Guerra Mundial e durante a Guerra fria promoveu-se o desenvolvimento das relações “acadêmicas” entre a URSS e os EUA.

Engerman (2009) publicou a obra *Know your enemy* com o objetivo de mostrar uma empreitada audaciosa dos Estados Unidos que se fortaleceu no período da Guerra Fria, mas teve seu tenro início já no período da Segunda Guerra Mundial. Segundo o autor, o investimento político-acadêmico tentou tanto servir a *Marte*, deus da guerra, como também *Minerva*, deusa da sabedoria:

Funcionários do Governo trabalharam juntamente com pesquisadores e oficiais para estabelecer um novo empreendimento na vida acadêmica sem precedentes. Variavelmente conhecidos como Estudos Russos, Estudos Soviéticos, ou – com frequência com uma insinuação de escárnio – Sovietologia, o objetivo era servir tanto a Marte como a Minerva, ou seja, a segurança nacional e a vida acadêmica (ENGERMAN, 2009, p. 2, tradução nossa)⁴¹.

⁴¹ Government officials worked together with scholars and foundation officers to establish a new enterprise, unprecedented in academic life. Variously known as Russian Studies, Soviet Studies, or—often with a hint of

A situação se acirrou com o lançamento do Sputnik em 1957 pela Rússia, tornando essencial aos EUA conhecer profundamente seu inimigo. Em 1960, segundo Engerman (2009, p. 6), a Fundação Ford e o Departamento do Estado estavam contribuindo com mais de 300.000 dólares ao ano para apoiar programas de intercâmbio científico entre soviéticos e americanos:

Os estudos Soviéticos eram a quintessência do esforço intelectual na Guerra Fria, como muitos críticos da área reivindicam. Existiu durante a Guerra Fria e recebia atenção e recursos em grande parte por causa do assunto – URSS – em oposição aos Estados Unidos. Mesmo assim, o que significa descrever os Estudos Soviéticos como um campo da Guerra Fria? Não havia nenhuma linha partidária da Guerra Fria (ENGERMAN, 2009, p. 5, tradução nossa)⁴².

Know Your Enemy é uma obra que busca entender concretamente a forma em que a vida intelectual tomou lugar numa era de um governo definido em, ora de apoio ora de interferência (ENGERMAN, 2009). O livro ainda mostra como investimentos do governo somados a várias fundações conseguiram promover “algumas das ideias mais produtivas no final do século XX”⁴³ (ENGERMAN, 2009, p. 5, tradução nossa). Além disso, o autor ressalta que vários oficiais de agências federais juntaram-se aos oficiais de programas para construir um campo acadêmico com intuítos que iriam além da “espionagem”, mesmo porque se entendia que conhecer o inimigo comunista significava aprender sobre a economia, o poder na sociedade, as estruturas universais das línguas, os aspectos culturais, os aspectos comuns nas sociedades modernas etc.

A Universidade de Indiana foi a responsável pela tradução do trabalho de Propp, aumentando a possibilidade de que sua obra também tenha feito parte desse grupo selecionado para promoção do pensamento eslavo. Segundo, Engerman (2009, p. 81), a Universidade de Indiana tinha estabelecido programas de estudos Russos e Europeus Ocidentais já em 1942 com o Programa de Treinamento Especializado do Exército (ASTP), cujo objetivo principal era oferecer cursos em vários idiomas eslavos da região da Finlândia a Turquia. O linguista Thomas Sebeok – diretor de publicações da universidade de Indiana em 1958 - era o responsável pelo grupo ASTP no período pós-guerra.

derision— Sovietology, it aimed to serve both Mars and Minerva, both the national security state and academic life.

⁴² Soviet Studies was the quintessential Cold War intellectual endeavor, as the field’s many critics claim. It existed during the Cold War and received the attention and resources that it did in large part because its subject—the USSR—opposed the United States. Yet what does it mean to describe Soviet Studies as a Cold War field? There was no single Cold War party line.

⁴³ Some of the most productive ideas in the late twentieth century.

Talvez não seja de se estranhar que nos agradecimentos de *Morfologia*, Sebeok inclua duas importantes fundações, “Joint Committee on Slavic Studies” e “Committee for the Promotion of advanced Slavic Cultural Studies”. Jakobson também teve um papel fundamental, pois, ao tornar-se membro do “Joint Committee on Slavic Studies” e trabalhar com o “Committee for the Promotion of advanced Slavic Cultural Studies”, as duas fundações mencionadas na tradução de *Morfologia* de 1958, ele pôde mostrar como a expansão de tais programas que incentivavam os estudos soviéticos poderiam trazer ideias Europeias aos Estados Unidos (ENGERMAN, 2009, p. 143).

2.3. O percurso da construção identitária russa e o empréstimo da morfologia

No prefácio escrito pelo próprio autor da segunda edição de *Morfologia* de 1969, vê-se uma intensa preocupação com os leitores em geral. As modificações realizadas na segunda edição do livro foram feitas para torná-lo não só mais atraente, mas também mais compreensível ao público interessado. Nesta parte, Propp colocou a primeira epígrafe dos trabalhos botânicos de Goethe, e que estão presentes em outros capítulos da obra, não só para complementar o pensamento de Propp, mas para lhe render homenagem. Esta primeira epígrafe transmite um aspecto peculiar de Propp, que é uma preocupação evidente demonstrada em vários trechos do livro em relação aos estudos dos contos adquirirem um caráter mais científico. A epígrafe foi retirada da obra *Prolegômenos a uma fisiologia das plantas, escritos de história natural*, 2º parte:

A morfologia ainda deve ser legitimada como ciência particular, tendo por objetivo principal aquilo que em outras ciências é tratado apenas ocasionalmente e de passagem, recolhendo o que nelas se encontra disperso e estabelecendo um novo ponto de vista que permita fácil e comodamente examinar as coisas da natureza. Os fenômenos dos quais se ocupa são da maior importância; as operações mentais, por meio das quais compara os fenômenos, são conformes à natureza humana e lhe são agradáveis, de modo de que tal experiência, mesmo se resultasse malograda, reuniria utilidade e beleza (GOETHE apud PROPP, 2006, p. 1).

Quanto à vontade de Propp em tornar os estudos dos contos maravilhosos russos uma ciência, isso revela talvez sua pretensão de que *Morfologia* fosse um estudo que conseguisse recolher o que estava disperso até então entre os folcloristas russos. Segundo Flavia Cristina Moino Carolinski (2008), quando se pensa em recolhimento e publicação da literatura popular, historicamente, ela aconteceu tardiamente na cultura russa. Somente no século XVII houve o recolhimento de algumas *bilinas*. Segundo Carolinski (2008), no governo de Pedro -

o Grande, que se iniciou na segunda metade do século XVII até meados do século XVIII, a literatura russa ainda tinha como espelho a literatura ocidental, em especial o classicismo que era avesso ao popular.

Definir a identidade russa é complicado até mesmo entre os russos, afirma Segrillo (2012). Com a morte de Pedro, houve uma divisão que ficou conhecida em dois grupos, os ocidentalistas e os eslavófilos. Os últimos consideravam a Rússia um país independente tanto da Ásia quanto da Europa. Portanto, deveria seguir seu próprio caminho. Os ocidentalistas eram a favor do projeto iniciado por Pedro. Segundo Segrillo (2012, p. 134), entre eles destacaram-se Vissarion Belinski, Aleksandr Herzen, T. N. Granovski etc., e no grupo dos eslavófilos, Aleksei Khomyakov, os irmãos Aksakov, os irmãos Kireevski, Yuri Samarin entre outros.

Apesar da aversão ao popular no fim do século XVIII, notou-se um interesse dos russos pelos trabalhos populares adaptados. Embora de 1780 a 1783, M. D. Tchulkóv tenha publicado uma coletânea de contos populares, sua obra trazia em seu conteúdo o estilo apreciado na época, ou seja, histórias de cavalaria. Como destaca Carolinski (2008), somente a partir do século XIX as obras populares despertaram interesse de fato:

Influenciada por teorias liberais ocidentais, a Rússia do início do século XIX é palco da revolta dezembrista (1825), de discussões sobre a emancipação da servidão (1861), de uma intelectualidade que expressa seu interesse pelo povo e sua busca por uma identidade nacional. Embora sob um governo com tsares autocratas e de forte censura, surge um período de intensa expressividade intelectual, literária, política etc. Todo esse novo cenário foi muito propício à geração de interesse por materiais folclóricos e ao desenvolvimento do seu estudo científico (CAROLINSKI, 2008, p. 21).

Com a atenção voltada para o desenvolvimento de uma identidade russa, o período denominado “anos dourados do folclore russo” nos anos 60 do século XIX, teve como característica principal a ida ao povo em busca das fontes criativas das raízes verdadeiramente russas, em oposição à tirania do classicismo francês anterior. Esse interesse pelas manifestações populares é na verdade o nascimento do *eslavofilismo* que se consolidou radicalmente no século XX. A ideia da busca nacional parece ser uma influência do romantismo, o que ajudou a estabelecer também o interesse nos estudos científicos das produções de cunho popular.

Entre os anos de 1855 e 1863 o autor russo A. N. Afanássiev (1826-1871) publicou a primeira edição de *Contos Populares Russos* possuindo cerca 600 contos distribuídos em 8 volumes, obra que permitiu que Propp reconhecesse em diferentes contos grande semelhança estrutural. Portanto, vista a trajetória histórica do desenvolvimento da literatura oral russa,

percebemos que os estudos no início do século XX ainda eram recentes, justificando as críticas de Propp e sua tentativa de aplicar o método da morfologia nos contos de magia.

A conceituação da palavra morfologia não só remete ao título do livro, mas também à inspiração e ao método que o autor utilizou no desenvolvimento de seu estudo, ou seja, o trabalho de Goethe, pois o estudo dos contos pode ser realizado com a mesma acuidade que o estudo orgânico:

A palavra *morfologia* significa o estudo das formas. Em botânica, por morfologia entende-se o estudo das partes que constituem uma planta e das relações entre essas partes e o todo: em outras palavras estudo da textura de uma planta (PROPP, 2006, p. 1, grifo do autor).

Peter Steiner e Sergej Davydov em 1977 publicaram na revista *Sub-stance* (16º) o artigo “The biological metaphor in Russian formalism – the concept of morphology”, e ao descreverem os formalistas que utilizaram a metáfora biológica nos estudos literários, esses podem ser divididos em dois grupos. O primeiro grupo era composto por Viktor Zhirmunsky (1891-1971) e Boris Eikhenbaum (1886-1956), e, Propp e M. A. Petrovsky, pertencendo ao segundo grupo. A divisão acontece pela própria escolha dos autores do conceito de morfologia. O segundo grupo analisa o todo para encontrar o particular:

A partir do século XVIII, acreditava-se que a quintessência de um organismo é revelada pela sua forma e estrutura. Entretanto, havia duas visões opostas, explicando as verdadeiras formas dos corpos orgânicos [...] de um lado Georges Cuvier [...] procedia a partir das partes do organismo como um todo, este último entendido como “correlação das partes” [...] Em contraste, Joham Wolfgang Goethe, o pioneiro da morfologia, começava com o conjunto todo – a priori “o fenômeno final” e procedia em direção ao organismo individual, a verdadeira transformação do todo (STEINER; DAVYDOV, 1977, p. 151, tradução nossa)⁴⁴.

O método morfológico é o estudo estrutural dos organismos e como as partes se inter-relacionam. Para Andy Blunden (2009) o trabalho desenvolvido por Goethe concretizou-se através da percepção, observação prolongada, em alemão seria através da intuição (*Anschauung*) ou contemplação ativa, o que exclui os métodos dedutivo e indutivo. Segundo V. T. Hafstein (2001, p. 412), a morfologia, normalmente, diferencia-se da fisiologia, área determinada pelo estudo da função. A morfologia, conseqüentemente, deveria possibilitar a descoberta da uniformidade subjacente na variedade da natureza. Para Hafstein (2001, p.

⁴⁴ From the eighteenth century onwards it has been believed that the quintessence of an organism is revealed by its form and structure. However, there were two opposing theoretical views explaining the actual forms of organic bodies. [...] on the one hand Georges Cuvier [...] proceeded from the parts to the organism as a whole, the latter conceived as the “correlation of parts” [...] In contrast, Joham Wolfgang Goethe, the pioneer of morphology, began with the general whole – the a priori “ultimate phenomenon” and proceeded toward the individual organism, the actual transformation of the whole.

412), “todos os organismos poderiam ser referidos a um número limitado de planos, talvez até mesmo um único plano, no qual os outros foram modelados” (tradução nossa)⁴⁵.

Segundo Steiner e Davydov (1977), o contexto histórico da publicação de *Morfologia* em 1928, traz um ponto curioso, uma vez que se seguiu muito próxima da publicação de *Escritos Morfológicos de Goethe* (*Goethes Morphologische Schriften*), pelo editor Wilhelm Troll em 1926, possibilitando a aceitação da morfologia como método. Tratando do aparato metodológico de Goethe, ambos os autores Propp e Petrovsky também têm em suas obras uma semelhança epistemológica com o pensamento alemão. Para Steiner e Davydov (1977), Goethe levou a morfologia ao patamar de ciência a partir da ideia de que mesmo existindo uma vasta heterogeneidade do fenômeno orgânico, existe também, um princípio que as unifica.

Goethe teve essa percepção numa viagem para Itália em 1786: “Nesta nova coleta em que eu encontrei aqui, a seguinte ideia começou a ficar mais e mais vívida para mim: isto é, todas as formas de plantas desenvolveram-se a partir de uma única forma. Isso por si só poderia nos possibilitar definir espécies e gênero corretamente [...]” (GOETHE apud STEINER; DAVYDOV, 1977, p. 153, tradução nossa)⁴⁶. O autor alemão estava em busca da planta ou animal arquetípico do qual as outras formas seriam metamorfoses, assim como Propp procurava os arquétipos no conto.

Ainda no prefácio, Propp esclarece que o método desenvolvido aplica-se aos contos maravilhosos do tipo de magia, e que a pesquisa passou por três fases para alcançar o objetivo esperado. Primeiramente, um estudo extenso com o uso de tabelas, esquemas e análises, que foram modificadas ou excluídas para que não se tornasse uma leitura extenuante⁴⁷.

O prefácio da edição americana traz informações um pouco diferenciadas por ter mantido o prefácio escrito da primeira publicação em russo (15 de julho de 1927). Nesta parte, são acrescentados os agradecimentos de Propp às instituições que lhe ofereceram apoio, como a Comissão de Conto da Sociedade Geográfica do Estado sob a direção do acadêmico S. F. Ól'denburg, o Instituto de Pesquisa da Universidade Estadual de Leningrado sob a direção de D. K. Zelénin, e a Seção de Folclore do Departamento de Artes Verbais sob a

⁴⁵ All organisms could be referred to a limited number of plans, perhaps even a single one, on which they were modelled.

⁴⁶ In this new manifold which I have encountered here the following idea became more and more vivid to me: namely that all the forms of plants developed from a single form. This in itself would enable us to define species and genera correctly.

⁴⁷ Propp descreve as mudanças feitas da primeira para segunda edição russa, como por exemplo, a explicação mais detalhada de algumas partes, a retirada de referências insuficientes, inclusive referências à coletânea de Afanássiev foram atualizadas. A tabela com a correspondência entre as duas edições foi suprimida na tradução para o português.

direção do acadêmico V. N. Peretz que discutiram o trabalho como um todo, contribuindo com sugestões⁴⁸.

2.4. A imanência nos conceitos de função e esferas de personagens

No primeiro capítulo, “Para um histórico do problema”, a epígrafe de Goethe é uma reverência aos estudos feitos pelos antecessores. Naquele momento da ciência, o percurso era mantido com muito mais seriedade:

A história da ciência toma sempre um aspecto muito importante no ponto em que nos encontramos. É verdade que estimamos nossos precursores, e, até certo ponto, agradecemos pelo serviço que nos prestaram. Mas ninguém gosta de considerá-los mártires, levados por uma inclinação irresistível a situações perigosas e, às vezes, quase que sem saída; e, todavia, encontra-se frequentemente mais seriedade nos antepassados que nos deram os fundamentos de nossa existência do que nos descendentes que desperdiçaram esta herança (GOETHE apud PROPP, 2006, p. 5).

O autor faz um levantamento histórico desde o início do século XX, de como foram feitos os estudos sobre os contos populares russos. Faz críticas aos modelos existentes, em especial, questiona a falta de cientificidade empregada, ou pelo menos uma metodologia mais rigorosa, e problematiza se realmente seria a falta de material suficiente o impedimento para que houvesse uma construção geral dos contos:

Sem deter-se em conclusões estabelecidas, o estudo científico da tradição popular prossegue suas pesquisas julgando que o material já reunido é insuficiente para uma construção geral. Assim a ciência volta à recompilação do material e ao seu estudo, trabalhando em proveito das futuras gerações; mas, como serão os estudos gerais, quando estaremos em condições de realizá-los, sobre isso nada sabemos (SPERÂNSKI apud PROPP, 2006, p. 5).

Pode-se observar o *reconhecimento público* nesta parte da obra, as fontes que serviram para que Propp desse continuidade nos estudos dos contos. Os autores anteriores a ele são: M. Sperânski, J. Boite e G. Polivka, W. Wundt, V. F. Miller, R. M. Volkov, A. Aarne, A. I. Nikíforov, A. N. Vesselóvski, J. Bédier e V. Chklóvski. Nesse levantamento das pesquisas já desenvolvidas, Propp conclui que era necessário fazer um estudo da estrutura de todos os

⁴⁸ Propp afirma que se a obra está impressa é justamente por causa do Instituto, e agradece em especial ao diretor do Departamento de Artes Verbais, V. M. Zhirmunsky. Na segunda edição russa do livro é perceptível que todos os agradecimentos foram omitidos, da mesma forma, na versão brasileira que segue a segunda edição russa, enquanto as versões francesa e inglesa seguem o Prefácio de Propp da primeira edição russa. A versão francesa não omitiu as epígrafes goethianas, e informa a fonte das epígrafes, facilitando a tarefa do historiógrafo de recuperar as fontes construtoras do monumento. Outra diferença é que a tradução francesa no apêndice V traz os nomes dos contos, enquanto na inglesa não. A tradução brasileira também não traz esse apêndice comparativo. São detalhes pequenos, mas que às vezes indicam algum aspecto peculiar, e às vezes é mais do que um pequeno detalhe a escolha editorial.

aspectos do conto, sendo essa parte considerada como uma etapa prévia ao estudo histórico do conto. Enquanto não houver uma “elaboração morfológica correta não poderá haver uma elaboração histórica correta” (PROPP, 2006, p. 17).

Propp sempre esteve ciente das possíveis comparações entre os contos, fábulas e mitos que se assemelham ao redor do mundo. Para que esses estudos fossem desenvolvidos, a pesquisa da forma era imprescindível. A ênfase do autor na necessidade de saber a forma dos contos para somente então estudá-lo historicamente, mostra que ele já tinha vislumbrado nesta etapa o que viria a ser a obra *Raízes*, mas aconselhado por Zhirmunsky ele retirou de *Morfologia* a parte histórica.

No segundo capítulo, “Método e material”, encontramos um estudo feito somente com os contos de magia, e também os primeiros princípios da teoria de Propp. Neste capítulo, a epígrafe de Goethe fala sobre o reconhecimento e generalização do mundo orgânico, e foi retirada de *Tag- und Jahreshefte* (Diários e Anais), em 1790: “Eu estava absolutamente convencido de que o tipo geral, fundado em transformações, passa através de todas as substâncias orgânicas e pode ser facilmente observado em todas as partes num corte mediano qualquer” (GOETHE apud PROPP, 2006, p. 20).

Segundo Propp, a descrição do conto acontece segundo as partes que o constituem, e as relações dessas com o todo. Propp se dá conta de que o estudo deve partir das funções dos personagens, pois nos contos de magia há grandezas variáveis (os personagens, os nomes e atributos) e grandezas constantes (as funções). O conto maravilhoso atribui frequentemente ações iguais a personagens diferentes. O fazer no conto é denominado como “ação” e a maneira pela qual o fazem é o “atributo”.

A ação ou função proppiana se assemelha com o motivo de Vesselóvski e com o elemento de Bédier, a diferença reside na conceituação do próprio conto, cuja estrutura fundamental está na uniformidade das funções e na diversidade dos personagens. Como visto anteriormente, entre as grandezas constantes encontram-se as funções: “Por função compreende-se o procedimento de um personagem, definido do ponto de vista de sua importância para o desenrolar da ação” (PROPP, 2006, p. 22).

O termo função é frequentemente usado em diversas áreas: matemática, biologia, física e na linguística também. Segundo Greimas e Courtés (2008), o conceito tem pelo menos três definições diferentes, em outras palavras, a interpretação instrumental, organicista e a lógica-matemática. A primeira definida por uma linguística funcional segundo Martinet, deriva da principal função da linguagem ser a comunicação. A acepção organicista,

primeiramente, através de Benveniste estabelece a frase “como uma estrutura cujas partes constituintes são carregadas de funções sintáticas” (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 223).

Jakobson e o psicólogo Bühler encontraram funções da linguagem, o segundo encontrou as funções expressiva, conativa e referencial, enquanto o primeiro acrescentou a fática, a metalinguística e a poética. Segundo os autores (2008, p. 224), na acepção organicista, também se destaca a teoria proppiana que define as funções segundo ações narrativas. Finalmente, a interpretação lógico-matemática, retoma L. Hjelmslev em que as funções possuem relação com duas variáveis, e os termos são denominados “functivos”, segundo Greimas e Courtés (2008, p. 225).

Alguns aspectos da definição de função em *Morfologia* devem ser destacados para melhor compreensão, pois o personagem não determina a definição, mas um substantivo é escolhido para definir a ação executada. É importante que a ação seja definida no local de ocorrência e segundo sua relevância para a narrativa. Seguindo esses princípios, Propp conseguiu através das semelhanças encontradas no *corpus* analisado, estabelecer um inventário e nomeá-lo. Também, para simplificar as observações feitas no segundo capítulo sobre o método em que a pesquisa foi esboçada, o autor as resume em quatro fatores com objetivo de mostrar aos leitores o que deve ser levado em consideração:

I. Os elementos constantes, permanentes, do conto maravilhoso são as funções dos personagens, independentemente da maneira pela qual eles a executam. Essas funções formam as partes constituintes básicas do conto. II. O número de funções dos contos de magia conhecidos é limitado [...] III. A sequência das funções é sempre idêntica [...] IV. Todos os contos de magia são monotípicos quanto à construção (PROPP, 2006, p. 22, *passim*).

Como apontado pelo autor, o estudo dos contos prosseguiu de forma dedutiva, uma vez que o percurso partiu dos materiais às conclusões. E o material selecionado foi a coletânea de Afanássiev, a partir do conto número 50, que seria o primeiro conto de magia da coletânea até o conto número 151.

No terceiro capítulo, “Funções dos personagens”, Propp explica o inventário das 31 funções e como lê-las, pois para cada função há uma descrição de sua essência, uma palavra para defini-la e o signo, que permitirá ver os contos em um esquema comparativo. Neste capítulo, ainda há um conceito embrionário do que seja um conto maravilhoso pela perspectiva da morfologia (PROPP, 2006, p. 26):

O conto maravilhoso, habitualmente, começa com certa situação inicial. Enumeram-se os membros de uma família, ou o futuro herói (por exemplo, um soldado) é apresentado simplesmente pela menção a seu nome ou indicação de sua situação. Embora esta situação não constitua uma função, nem por isso deixa de ser um

elemento morfológico importante. As espécies de início dos contos poderão ser examinadas mais minuciosamente no final deste trabalho. Definimos este elemento como *situação inicial*. Signo convencional: α

Depois da situação inicial segue a lista das 31 funções existentes no conto popular russo (breve descrição, definição em uma palavra e um signo):

- 1- Um dos membros da família sai de casa (definição: *afastamento*; designação β).
- 2- Impõe-se ao herói uma proibição (definição: *proibição*; designação: γ).
- 3- A proibição é transgredida (definição: *transgressão*; designação: δ).
- 4- O antagonista procura obter uma informação (definição: *interrogatório*; designação: ϵ).
- 5- O antagonista recebe informações sobre sua vítima (definição: *informação*; designação: ζ).
- 6- O antagonista tenta ludibriar sua vítima para apoderar-se dela ou de seus bens (definição: *ardil*; designação: η).
- 7- A vítima se deixa enganar, ajudando assim, involuntariamente, seu inimigo (definição: *cumplicidade*; designação: θ).
- 8- O antagonista causa dano ou prejuízo a um dos membros da família (definição: *dano*; designação: A).
- 8-A. Falta alguma coisa a um membro da família, ele deseja obter algo (definição: *carência*; designação: a).
- 9- É divulgada a notícia do dano ou da carência, faz-se um pedido ao herói ou lhe é dada uma ordem, mandam-no embora ou deixam-no ir (definição: *mediação, momento de conexão*; designação: B).
- 10- O herói-buscador aceita ou decide reagir (definição: *início da reação*; designação: C).
- 11- O herói deixa a casa (definição: *partida*; designação: \uparrow).
- 12- O herói é submetido a uma prova; a um questionário; a um ataque etc., que o preparam para receber um meio ou um auxiliar mágico (definição: *primeira função do doador*; designação: D).
- 13- O herói reage diante das ações do futuro doador (definição: *reação do herói*; designação: E).
- 14- O meio mágico passa às mãos do herói (definição: *fornecimento – recepção do meio mágico*; designação: E).
- 15- O herói é transportado, levado ou conduzido ao lugar onde se encontra o objeto que procura (definição: *deslocamento no espaço entre dois reinos, viagem com um guia*; designação: G).
- 16- O herói e seu antagonista se defrontam em combate direto (definição: *combate*; designação: H).
- 17- O herói é marcado (definição: *marca, estigma*; designação: I).
- 18- O antagonista é vencido (definição: *vitória*; designação: J).
- 19- O dano inicial ou a carência são reparados (definição: *reparação de dano ou carência*; designação: K).
- 20- Regresso do herói (definição: *regresso*; designação: \downarrow).
- 21- O herói sofre perseguição (definição: *perseguição*; designação: Pr).
- 22- O herói é salvo da perseguição (definição: *salvamento, resgate*; designação: Rs).
- 23- O herói chega incógnito à sua casa ou a outro país (definição: *chegada incógnito*; designação: O).
- 24- Um falso herói apresenta pretensões infundadas (definição: *pretensões infundadas*; designação: L).
- 25- É proposta ao herói uma tarefa difícil (definição: *tarefa difícil*; designação: M).
- 26- A tarefa é realizada (definição: *realização*; designação: N).
- 27- O herói é reconhecido (definição: *reconhecimento*; designação: Q).

- 28- O falso herói ou antagonista ou malfeitor é desmascarado (definição: *desmascaramento*; designação: Ex).
- 29- O herói recebe nova aparência (definição: *transfiguração*; designação: T).
- 30- O inimigo é castigado (definição: *castigado, punição*, designação: U).
- 31- O herói se casa e sobe ao trono (definição: *casamento*; designação: W).

Segundo Propp, a lista de funções é em número limitado, e essas ações foram encontradas em vários contos, inclusive em contos de outros povos. É interessante notar que o autor já tinha previsto que as funções se agrupavam em pares, por exemplo, “proibição – transgressão”, “interrogatório – informação”, e essa binariedade é um dos fatores que influenciou o trabalho greimasiano na redução do inventário de Propp. Algumas funções também podem ser reunidas em grupos, “o dano, o envio, a reação, a partida do lar” como sendo o nó da intriga. Há funções que aparecem isoladas, por exemplo, o castigo, o casamento etc. Para finalizar o capítulo, o autor conclui que a aplicação desse esquema em diferentes contos pode resolver algumas questões relacionadas ao parentesco:

Para cada conto o esquema aparece como *unidade de medida*. Do mesmo modo que se aplica o metro a um tecido para determinar seu comprimento, pode-se aplicar este esquema aos contos para defini-los. Se este esquema for aplicado a diversos textos, poderão definir-se também as relações dos contos entre si. Anteciparemos desde já que o problema do *parentesco* dos contos entre si, assim como o problema dos enredos e das variantes, pode, deste modo, receber nova solução (PROPP, 2006 p. 62, grifos do autor).

No quarto capítulo, “A assimilação. Os casos da dupla significação morfológica da mesma função”, o autor enfatiza o aspecto em que as funções são definidas sem levar em consideração a individualidade do personagem. Em alguns casos, funções diferentes se realizam de maneira idêntica, mostrando a influência de uma forma sobre outra, esse fenômeno é chamado de assimilação. Quando esse fenômeno acontece, segundo o autor, as consequências de uma determinada função são consideradas, por exemplo, “se a realização de uma tarefa tem por consequência a obtenção de um objeto mágico, trata-se de uma prova do doador (D¹). Se é seguida de obtenção da noiva e casamento, trata-se de tarefa difícil (M)” (PROPP, 2006, p. 64).

Outro fenômeno citado por Propp que é semelhante à assimilação é denominado de dupla significação morfológica de uma mesma função, por exemplo, a tarefa difícil no conto passa a ser vista como um elemento de conexão na história. O autor conclui, nesta parte, que:

Vemos, portanto, que os meios de realização das funções influem uns sobre os outros, e que as mesmas formas se aplicam a funções diferentes. Uma forma pode se deslocar tomando um significado novo, e conservar, simultaneamente, seu significado antigo. Todos esses fenômenos dificultam a análise e exigem uma atenção redobrada por ocasião das comparações (PROPP, 2006, p. 67).

No quinto capítulo, “Alguns outros elementos do conto maravilhoso”, o autor trabalha com mais três elementos do conto; os *elementos auxiliares para a ligação entre as funções*, sendo as funções os elos fundamentais do conto e as responsáveis pela construção do desenrolar da ação. Nem sempre elas acontecem umas depois das outras, mas a ordem de sucessão não modifica. Um elemento auxiliar para ligação, por exemplo, se dá na maneira como a informação é transmitida a um personagem dentro da narrativa. Outro aspecto são os *elementos que favorecem a triplicação*, ou seja, detalhes particulares, funções isoladas e pares de funções podem ser triplicadas no conto.

O autor afirma que a triplicação por ser estudada em vários textos científicos não precisa ser abordada, e cita apenas os exemplos. Já as *motivações* são os objetivos dos personagens em realizar uma determinada ação. Segundo Propp, “as motivações proporcionam às vezes ao conto um colorido brilhante e absolutamente peculiar, mas nem por isso deixam de ser um dos elementos mais versáteis e instáveis do conto maravilhoso” (PROPP, 2006, p. 72). De maneira geral, o comportamento dos personagens é motivado pela ação, salvo o *dano* ou a *carência*, aspectos fundamentais do conto, e por assim serem, demandam uma motivação complementar.

No sexto capítulo, “Distribuição das funções entre os personagens”, há um conceito também muito reconhecido e trabalhado, o conceito das 7 esferas de ação, ou seja, o inventário dos personagens presentes no conto, seguido dos signos das funções que cada personagem realiza no conto: 1-antagonista/malfeitor: A dano, combate contra o herói H e a perseguição, PR; 2-doador/provedor: D e F; 3- auxiliar: G, K, Rs, N e T; 4- princesa/perseguição procurado: M, J, EX, A, U, W^o; 5- mandante: B; 6- herói: C[↑], E, W^o, herói vítima: C[↑] e 7- falso herói: C[↑], (E neg.), L. A complicação da distribuição das funções é resolvida na distribuição das esferas entre os personagens, “1- A esfera de ação corresponde exatamente ao personagem; 2- Um só personagem ocupa várias esferas de ação; 3- O caso contrário: uma única esfera de ação se divide entre vários personagens” (PROPP, 2006, p. 78-79). Segundo esses três aspectos, há uma variação considerável no estabelecimento dos personagens.

2.5. Elementos complementares dos personagens e a definição final de conto

O sétimo capítulo, “Meios de inclusão de novos personagens no decorrer da ação”, ainda trata dos personagens, de como eles entram em cena no conto, pois “cada categoria de personagem possui uma forma própria de entrar em cena, e a cada categoria correspondem meios particulares, utilizados pelos personagens para penetrar na ação” (PROPP, 2006, p. 82). O autor ressalta que há os desvios na entrada de cena, por exemplo, todos os personagens podem ser introduzidos pela situação inicial. Esses aspectos que fogem as regras gerais da morfologia, para o autor, são problemas que devem ser submetidos a um estudo mais detalhado.

No oitavo capítulo, “Sobre os atributos dos personagens e sua significação”, para Propp, tanto a nomenclatura quanto os atributos dos personagens são definidos como sendo as grandezas variáveis do conto maravilhoso. Os atributos são denominados como as qualidades externas dos personagens e criam o aspecto “colorido” dos contos. Um personagem pode assumir o lugar do outro facilmente, mesmo porque o conto recebe influência não apenas da realidade histórica, mas também, “do *epos* dos povos vizinhos, e também da literatura e da religião, tanto dos dogmas cristãos como das crenças populares locais. O conto guarda em seu seio traços do paganismo mais antigo, dos costumes e ritos da Antiguidade” (PROPP, 2006, p. 85).

Sobre essa influência dos ritos, a obra *Raízes* (2002) utiliza-se do método marxista para tentar encontrar a base histórica da criação do conto maravilhoso, e o material utilizado para a pesquisa não se restringiu como em *Morfologia*, somente aos contos russos, mas quando estes não foram suficientes o autor lançou mão dos contos internacionais para explicar a gênese dos contos. Segundo Propp (2002, p. 10), da mesma forma que o conto conservou vestígios de organizações sociais, conservou também vestígios de numerosos ritos e costumes. Em *Raízes*, Propp conclui que a coincidência total entre o conto e o rito pode acontecer, raramente, determinado motivo remonta a um determinado rito, possibilitando a explicação de sua gênese.

A reinterpretação do rito é a substituição pelo conto de um elemento do ritual que deixou de ser útil no decorrer da história, por outro elemento mais compreensível (PROPP, 2002, p. 11). Segundo Propp (2002, p. 438), dois ciclos correspondem com o conto, o ciclo da iniciação é a base mais antiga do conto, e o das concepções da morte, e os dois juntos estabelecem grande parte dos componentes do conto. Segundo Propp, o que já foi um dia representado ou feito, hoje é narrado.

A narrativa faz parte do ritual, segundo Propp (2002), cada uma das narrativas era “esotérica”⁴⁹. As narrativas podem ser compreendidas pela vida social, “aos olhos dos primitivos, são uma condição de vida em igualdade com os utensílios e os amuletos, e são protegidas e conservadas como coisas das mais sagradas” (PROPP, 2002, p. 443). Quando ocorre desligamento do ritual é o momento do início da história do conto. Para Propp a semelhança histórica entre os assuntos folclóricos é resolvida através da relação com o modo de produção material.

Por outra perspectiva, pensar no conto como receptor do *epos* de outros povos pode ser exemplificado com uma das principais personagens do conto russo, Baba Yaga. Percebe-se que essa bruxa apresenta várias facetas, através da hermenêutica simbólica é possível enxergar as similitudes da personagem não só com outras divindades oriundas de outras culturas (Hel, Calipso, Káli), mas também com um arquétipo marcado no coletivo da espécie humana desde tempos remotos, ou seja, o da Grande Mãe.

Segundo Jung, a psique possui dois aspectos: o consciente e o inconsciente, sendo o último apreendido em dois níveis, o pessoal e o coletivo, e “desse fundo psíquico comum e inconsciente é que surgem os arquétipos, ‘matrizes arcaicas’ que dão forma a impulsos psíquicos comuns a todos os homens, ou ainda ‘imagens’, as quais dão formas similares a vivências típicas (emoções, fantasias, medos) suscitadas por fenômenos da natureza ou por experiências existenciais [...]” (apud COELHO, 2008, p. 122).

Os contos são acontecimentos psíquicos, representando aspectos comuns aos homens:

Os contos de fadas, do mesmo modo que os sonhos, são representações de acontecimentos psíquicos. Mas, enquanto os sonhos apresentam-se sobrecarregados de fatores de natureza pessoal, os contos de fadas encenam os dramas da alma com materiais pertencentes em comum a todos os homens (JUNG apud COELHO, 2008, p. 122).

Mircea Eliade (2011) sugere a possibilidade de o conto maravilhoso ter se convertido em um “duplo fácil” do mito e do rito iniciatório, afirmando que esses contos tiveram o papel de reatualizar antigos mitos. Segundo Johns (2004, p. 16-17), os mitólogos do século XIX influenciados pelos irmãos Grimm, acreditavam que devido à semelhança encontradas nos contos populares europeus, assim como acontecia com as línguas indo-europeias, mostravam que no longo percurso de mudanças houve uma origem comum. Os contos derivam dos mitos antigos indo-europeus, cujos significados foram esquecidos quando os povos dispersaram.

⁴⁹ Propp nas *Raízes* cita o termo esotérico na página 442, em referência ao trabalho de Dorsey G. A. *Traditions of the Skidi-pawnee*. Boston and New York, 1904, p. I-XXXVI.

Segundo Propp, com o tempo o conto passou por mudanças e encontrou suas leis. Mesmo sendo de difícil estudo, segundo o autor, é possível estudá-los justamente em torno das funções. Para tal, foram feitas tabelas com três rubricas principais: nomenclatura, particularidades da entrada em cena e habitat. Assim é possível, mesmo entre elementos variáveis, encontrar semelhanças e repetições. Ainda entre essas mudanças, há o deslocamento de personagens.

A importância na construção dessas tabelas comparativas de atributos e funções é a possibilidade de “reconstruir a protoforma do conto maravilhoso, e não somente de modo esquemático, como foi feito por nós, mas de um modo mais concreto [...] Mas isto só pode ser demonstrado por meio de um rigoroso estudo das metamorfoses e transformações dos contos” (PROPP, 2006, p. 87). Por meio da análise dos atributos é possível fazer uma interpretação científica do conto, quanto ao ponto de vista histórico, o conto maravilhoso seria em sua base um mito.

Além disso, o conto também deve ser estudado em suas relações com as representações religiosas. A pesquisa morfológica deve ser seguida da histórica, mas esse próximo passo não estaria ao alcance de publicação *Morfologia*. Eis o porquê o estudo dos atributos ter papel importante, como mostrado anteriormente com trechos das *Raízes* em relação aos resquícios ritualísticos nos contos, e a percepção da personagem Baba Yaga a partir de outras teorias que mostram sua relação com outras deusas e arquétipos.

No nono capítulo, “O conto como totalidade”, a epígrafe⁵⁰ que Propp utiliza de Goethe é referente aos seus escritos da viagem feita à Itália, em Nápoles no dia 17 de maio de 1787. Goethe discorre sobre a protoplanta que terá todas as outras plantas como consequência. Seguindo o mesmo raciocínio, Propp finalmente fornece uma definição morfológica do conto maravilhoso (protoconto):

Do ponto de vista morfológico podemos chamar de conto de magia todo desenvolvimento narrativo que, partindo de um dano (A) ou uma carência (a) e passando por funções intermediárias, termina com o casamento (W^o) ou outras funções utilizadas como desenlace. A função final pode ser a recompensa (F), a obtenção do objeto procurado ou, de modo geral, a reparação do dano (K), o salvamento da perseguição (Rs) etc. A este desenvolvimento damos o nome de *sequência* (PROPP, 2006, p. 90, grifo do autor).

⁵⁰ A protoplanta (Urpflanze) será o ser mais surpreendente do mundo. A própria natureza me invejará. Com este modelo, e com sua chave, será possível inventar plantas até o infinito, que terão de ser consequentes, isto é, mesmo que não existam poderiam existir. Não serão sobras nem ilusões poéticas ou pitorescas; a verdade interior e a necessidade formarão parte de sua essência. Esta mesma lei pode ser aplicada a tudo que é vivo (GOETHE apud PROPP, 2006, p. 90).

Todo conto popular precisa de um dano para que haja uma narrativa a ser contada, sem o desequilíbrio não há o que ser contado, não há uma motivação para que a história alcance relevância para o outro, no caso, o ouvinte/leitor. Depois, há a restauração do equilíbrio finalizando a sequência de uma narrativa. Para Propp (2006), em um conto que contenha a repetição de certas funções, há a existência de uma ou mais sequências no mesmo conto.

Na restituição do dano, se houver depois outro dano, inicia-se uma nova sequência narrativa, essas novas sequências podem vir logo após a outra, ou ainda, “entrelaçadas”. Neste capítulo, ele mostra algumas possibilidades em que há ou não mais de uma sequência no conto, e finaliza-o com as seguintes palavras: “devemos dizer, em primeiro lugar, que a separação em partes constitutivas é realmente muito importante para todas as ciências em geral” (PROPP, 2006, p. 97). Para somente então ser possível fazer um estudo do todo.

Na introdução, o autor ressalta a existência de alguns problemas quanto ao estudo dos contos e explica como foi feita a separação das partes do conto, tornando possível no final do texto solucionar, por exemplo, o problema da classificação dos contos populares russos. Se para Propp a classificação por enredos é vista como “*supra* falácia”, agora ele guia o leitor a ver a classificação através da própria estrutura do conto, ou seja, as funções. Propp sugere, segundo sua conceituação de conto, separar os de magia. Alguns contos que não são de magia e outros tipos narrativos também apresentam a mesma estrutura, o que faria o termo “magia” parecer descontextualizado para nomeá-los. Ainda assim, o autor prefere manter essa terminologia, já que é complicado adotar outro termo que pareça mais adequado.

O fato de tipos narrativos diferentes apresentarem estrutura semelhante aos contos de magia retoma o que Eliade define sobre os modelos narrativos “transmitidos do mais longínquo passado não desaparecem”, afirma Max Bilen na acepção de “Literatura e iniciação” no dicionário de *Mitos Literários* (1998, p. 587). A cosmogonia, seja no aspecto de regeneração ou reintegração, serve como modelo de “todas as criações”, revelando o aspecto iniciático nas narrativas em geral. Há pelo menos um efeito, mesmo que fraco, do rito iniciático nas narrativas:

Para Eliade, com efeito, a literatura é a expressão de uma revolta contra o tempo histórico, e o personagem literário escapa a seus condicionamentos. A criação artística é um esforço para recriar a linguagem a fim de permitir a passagem do verbal ao formal, o acesso à sacralidade, pois que se trata de viver o universal e o intemporal (BILEN, 1998, p. 587).

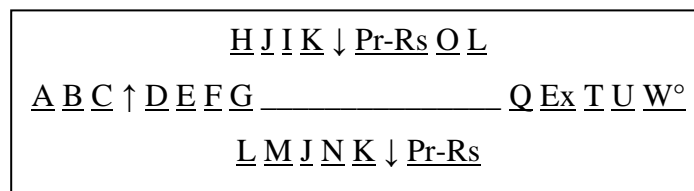
Na classificação do conto, Propp ressalta as dificuldades e facilidades para analisá-los, e chega à conclusão de que a facilidade em analisar reside naqueles contos dos camponeses, e

que tiveram pouco contato com a civilização. Eis a escolha e preferência pela coletânea de Afanássiev que mantém este esquema, enquanto a dos irmãos Grimm já não teria uma “pureza” que possibilitaria encontrar o esquema dos contos:

É preciso também ter presente que, assim como se produz uma assimilação entre os elementos internos do conto, também pode ocorrer que *gêneros inteiros* se entrecruzem e se assimilem entre si. [...] lembremo-nos de que toda uma série de mitos dos mais antigos deixa entrever uma construção similar, e de que certos mitos apresentam esta construção numa forma extraordinariamente pura. São, ao que parece, a fonte que deu origem ao conto” (PROPP, 2006, p. 98, grifos do autor).

Além de separar os contos de magia daqueles que não o são, é preciso classificá-los segundo sua natureza. Essa classificação deve considerar alguns aspectos como, características de uma mesma propriedade, no sentido estrutural, ausência ou presença da mesma propriedade (e.g. vertebrados ou não), ou aquelas que se excluem (PROPP, 2006). Há dois pares de funções que se excluem e que são de extrema relevância para o desenrolar da ação no conto; o combate com o antagonista (H-J), e a tarefa difícil e sua realização (M-N), em que se um aparece o outro não. Existe exceção em que ambos aparecem, mas somente apareceram em três sequências num *corpus* de 100 (PROPP, 2006, p. 100).

Tudo isso, pensando nos contos simples, ou seja, de uma sequência apenas. Nos outros contos em que há a presença de outras sequências a análise é mais complexa, o que faz com que o autor proponha analisar as sequências separadamente. Segundo Propp, há 4 tipos de contos: os que passam pelo enredo combate-vitória; os que passam pela tarefa-realização; os que passam por ambos e os que passam por nenhum dos dois. Quanto ao aspecto das formas particulares da estrutura com a construção geral, da liberdade do narrador e os aspectos dos enredos e variantes, o esquema final de Propp seria (2006, p.104):



Todos os esquemas elaborados pelo o autor o conduzem ao questionamento de que os contos de magia talvez sejam provenientes de uma mesma fonte. Segundo Propp, não seria apenas pela questão geográfica a gênese, poderia ser também “psicológica, no aspecto histórico-social”, ou ainda poderia ser encontrada na realidade, de uma maneira indireta, por

exemplo, via crenças de que quando certos costumes morrem, o conteúdo é transferido para os contos – hipótese que ele desenvolverá nas *Raízes* pelo método do materialismo dialético.

No último capítulo, “A conclusão”, o autor retoma a importância que Vesselóvski tem para seu trabalho, visto que admite que suas proposições, embora pareçam novas, na verdade já tinham sido pressentidas pelo seu antecessor, e a característica mais relevante que se destaca em *Morfologia* como um todo é que “[...] os fenômenos do esquematismo e da repetição irão se impor em toda a sua grandeza” (VESSELÓVSKI apud PROPP, 2006, p. 116). Na conclusão ele reverencia as palavras de Vesselóvski, mas nos anos mais obscuros da Rússia pós-revolução de 1917, e depois da publicação das *Raízes* (1946), Propp infelizmente abandonou Vesselóvski para manter sua reputação.

CAPÍTULO 3

A FORMAÇÃO POLÊMICA DE UM MONUMENTO

Este capítulo trata da recepção de comentadores de Propp. Primeiramente, aborda um sucinto levantamento histórico dos estudos Linguístico no século XX. Depois, a partir dos conceitos principais enumerados no capítulo anterior, são destacados como os comentadores se apropriaram dos conceitos de *Morfologia*. As duas últimas partes do capítulo trazem a famosa discussão entre Propp-Lévi-Strauss.

3.1. Ponderações dos estudos linguísticos no século XX

Antes de analisar as obras selecionadas é preciso compreendê-las do ponto de vista do panorama histórico da produção das ciências humanas, ou melhor, a área que cada obra corresponde fornece dados para vislumbrar o espírito de época intelectual a partir dos anos 50. A efervescência desse período não aconteceu apenas no território político e econômico, mas também no aparecimento de novos paradigmas da ciência. Segundo François Dosse, em a *História do Estruturalismo* (2007), o período dos anos “50-60 foi espetacular” e o “triunfo do estruturalismo” esteve ligado à história intelectual da época, o novo olhar que surgia e alargava os horizontes, viu surgir nas ciências sociais o desejo de se legitimar no panorama científico.

O momento era de pessimismo no ocidente, influenciando também o empreendimento dos intelectuais:

Em primeiro lugar, a Segunda Guerra Mundial e a dificuldade, sublinhada por Theodor Adorno, de considerar com o mesmo otimismo do princípio do século 20 uma história ocidental que, depois de Auschwitz, transformou-se em abominação, em crime contra a humanidade. A história ocidental vai se tornar o lugar mesmo da dúvida, do questionamento, da ultracrítica (DOSSE, 2007, p. 14).

Nesse panorama de pós-guerra, observou-se o surgimento de novas perspectivas. Pensando especificamente no campo linguístico, o século XX foi marcado por uma tensão de abordagens, o foco universalista versus o particularista, advindos por exemplo, da perspectiva dicotomizada de autores célebres como Saussure e Chomsky. Segundo Barbara Weedwood (2002), ambos os autores teriam uma visão da Linguística abstrata, sistematizada, universalista, aspectos que no final do século seriam duramente criticados por aqueles que tinham uma visão mais funcionalista da língua. É a partir desse século que surgirão também

outras áreas da Linguística que ultrapassaram a camada do “núcleo duro”, a sociolinguística, psicolinguística, análise do discurso etc.

Segundo Dosse (2007, p. 82), Benveniste (2005, p. 7) e Weedwood (2002, p. 126), o estruturalismo na Europa teve início com a publicação do Curso de Linguística Geral de Saussure em 1916, aliás, considera-se que a linguística moderna só nasceu depois do aparecimento do CLG. Considerada como uma obra lida “por toda uma geração como o momento criador”, afirma Dosse, é preciso, portanto, resgatar o paradigma estrutural através de Saussure. O estruturalismo saussuriano foi marcado basicamente pela instituição de uma teoria do valor, ou seja, “na língua há apenas diferenças sem signo opositivo” (NORMAND apud DOSSE, 2007, p. 84). Segundo Jean-Claude Coquet (apud DOSSE, 2007, p. 85), antes de Saussure já existia a ideia de sistematização advinda dos esforços de Goethe, mas somente com Saussure houve a solidificação do que a linguística precisava na época.

O século anterior tinha sido marcado pelo historicismo como perspectiva obrigatória e a sucessão era suficiente para explicar a Linguística. Com Saussure, os estudos da linguagem focavam-se na estrutura e na sincronia, deixando de lado o aspecto histórico. Émile Benveniste⁵¹ afirma que, “não é tanto a consideração histórica que se condena aí, mas uma forma de ‘atomizar’ a língua e de mecanizar a história” (2005, p. 5). O atomismo foi criticado severamente no século XX.

Com a mudança de objeto de estudo na linguística, o esforço era unívoco de formalizá-lo. Na Europa, Saussure e na América Bloomfield. Segundo Benveniste (2005), *Language* publicado em 1933 por Bloomfield se tornou o manual para os linguistas americanos, mostrando que ambas as obras buscaram sistematizar os estudos linguísticos, pois ambos os autores perceberam que “a linguística tem como único e verdadeiro objeto a língua considerada em si mesma e por ela mesma” (SAUSSURE apud BENVENISTE, 2005, p. 7).

Segundo Benveniste (2005), a palavra estrutura é fundamental para compreender a linguística moderna. Contudo possui acepções diferentes, na Europa é “o arranjo de um todo em partes e a solidariedade demonstrada entre as partes do todo, que se condicionam mutuamente; para a maioria dos linguistas americanos, será a distribuição dos elementos, tal como se verifica, e a sua capacidade de associação ou de substituição” (BENVENISTE, 2005, p. 9).

⁵¹ 1902-1976.

Além de Bloomfield, outros estudiosos norte-americanos apareceram no panorama com o foco de elaborar princípios para analisar línguas pouco familiares antes que elas fossem extintas. Dentre esses cientistas encontravam-se Franz Boas e Edward Sapir:

Depois de Boas, os dois linguistas americanos mais influentes foram Edward Sapir (1884-1939) e Leonard Bloomfield (1887-1949). Tal como seu mestre Boas, Sapir estava perfeitamente à vontade na antropologia e na linguística, e a junção destas disciplinas tem perdurado até hoje em várias universidades americanas. Boas e Sapir eram muito atraídos pela visão humboldtiana da relação entre linguagem e pensamento (WEEDWOOD, 2002, p. 130).

Contudo, foi Benjamin Lee Whorf cuja “tese de que linguagem determina a percepção e o pensamento tem sido conhecida como a hipótese de Sapir-Whorf” (WEEDWOOD, 2002, p. 130), destacando-o no panorama linguístico. Noam Chomsky também foi fundamental para a linguística norte-americana. Em 1958, publicou o livro *Syntactic Structures* considerado como “um divisor de águas na linguística do século XX” (WEEDWOOD, 2002, p. 132). O conceito de “gramática gerativa” encontrado na obra de Chomsky era completamente diferente do que se propunha no estruturalismo. Os conceitos principais de sua obra são a competência e a performance.

Enquanto na Europa, Dosse afirma que (2007) o estruturalismo foi bem recebido na França por inúmeros motivos, incluindo o anseio das ciências sociais em se formalizarem cientificamente e o desencanto gerado na segunda metade do século XX. A ciência linguística desempenhou naquele momento o papel de modelo para as outras ciências sociais. Tudo isso fez com que toda uma geração de intelectuais se voltasse para o Estruturalismo. Houve várias aplicações do Estruturalismo nas ciências sociais:

[...] de um lado, um estruturalismo científico, representado por Claude Lévi-Strauss, Algirdas-Julien Greimas ou Jacques Lacan e envolvendo ao mesmo tempo, portanto, a antropologia, a semiótica e a psicanálise; e do outro, contíguo a essa busca da Lei, um estruturalismo mais flexível, mais ondulante e cambiante, com Roland Barthes, Gérard Genette, Tzvetan Todorov ou Michel Serres, e que se poderia qualificar de estruturalismo semiológico. Enfim, também existe um estruturalismo historicizado ou epistêmico, no qual se encontrariam inseridos Louis Althusser, Pierre Bourdieu, Michel Foucault, Jacques Derrida, Jean-Pierre Vernant e, mais amplamente, a terceira geração dos *Annales* (DOSSE, 2007, p. 25-26, grifo do autor).

De todas as escolas estruturalistas que surgiram nas primeiras décadas do século XX, destacaram-se a Escola de Praga e a Escola de Copenhague:

Entre as mais importantes das diversas escolas de linguística estrutural surgidas na Europa na primeira metade do século XX se destacam a Escola de Praga, cujos representantes mais notáveis foram Nikolai Sergeievitch Trubetzkoy (1890 – 1938) e Roman Jakobson (1896- 1982), ambos russos emigrados, e a Escola de

Copenhague (ou glossemática), que girou em torno de Louis Hjelmslev (1899-1965) (WEEDWOOD, 2002, p. 129).

Além disso, o século XX presenciou a desmantelada do modelo humboldtiano de Universidade, em que cada disciplina se restringia em si mesma. Segundo Dosse (2007), a interdisciplinaridade entrava em cena, e a linguística permeava todo campo das ciências sociais. A partir daquele período a linguagem começou a ser entendida como parte de tudo e de todos, permitindo a troca em diferentes áreas do saber.

A partir da segunda metade do século XX, aconteceu também, “uma guinada pragmática”, pois foi deixada de lado a preocupação com “a estrutura abstrata da língua, com seu sistema subjacente (com a *langue* de Saussure e a *competência* de Chomsky)” (WEEDWOOD, 2002, p. 144), fazendo com que os linguistas olhassem os fenômenos em relação ao uso da língua pelos os falantes. Dentre os pragmáticos mais conhecidos se destacam: John L. Austin (1911-1960), John Searle e H. P. Grice (1913-1988).

Weedwood finaliza este capítulo com a influência do russo Mikhail Bakhtin na linguística. Sua teoria é voltada para o conceito de língua como “*uma atividade social*”, cujo valor recai na enunciação e no processo verbal. Com uma análise de cunho marxista o signo bakhtiniano é ideológico. Segundo Weedwood (2002, p. 152), “a palavra-chave da linguística bakhtiniana é *diálogo*”.

As novas abordagens que surgiram no século XX e não pertenciam aos estudos do núcleo duro: sintaxe, morfologia, fonologia e semântica, são disciplinas dinâmicas e que estão promovendo “verdadeiras revoluções científicas”, elas são a sociolinguística, psicolinguística, análise do discurso, linguística do texto, historiografia linguística, pragmática entre tantas outras tentando ganhar seu espaço.

3.2. Os comentadores de Propp

Embora Propp tenha, ele mesmo, feito um levantamento histórico dos estudos dos contos russos populares, o artigo “O estudo tipológico-estrutural do conto maravilhoso” de Eleazar Moiseevich Meletínski explora elementos de *Morfologia* que resgatam a continuidade dos conceitos mais difundidos, e faz comparações com outros autores depois de Propp. Claude Bremond em *Logique du récit* (1973), revisa alguns leitores célebres de Propp, como Dundes, Greimas e Todorov. Bremond, também analisa o trabalho Joseph Bédier a quem

Propp considera como precursor por ter encontrado nas narrativas folclóricas, o princípio de decomposição em elementos essenciais e traços acessórios (BREMONT, 1973, p. 48).

Para Meletínski, o objetivo de Propp não era a morfologia em si, e nem se deter nos procedimentos poéticos, mas descobrir a forma do conto, e depois encontrar uma explicação histórica para sua consonância. Contudo, esse objetivo só foi concretizado com a publicação das *Raízes Históricas do Conto Maravilhoso*, visto que em *Morfologia* houve uma primeira tentativa de elucidar uma explicação histórica dos contos (como já exposto anteriormente):

O manuscrito apresentado pelo autor à redação de *Questões de poética* (coleção não periódica, editada pelo Instituto Nacional de História das Artes) incluía inicialmente um capítulo suplementar com tentativa de tal explicação histórica. Este capítulo, que não constaria do texto definitivo, foi desenvolvido posteriormente numa vasta pesquisa fundamental, as *Raízes históricas do conto de magia*, publicada em 1946 (MELETÍNSKI, 2006, p.157, grifos do autor).

Segundo Gotlib (1995), Propp conseguiu encontrar a uniformidade dos contos, mas sua teoria e metodologia contrariavam os autores e pesquisas da época (Aarne, Vesselóvski, Volkov). Propp acreditava que o estudo diacrônico do conto, em outras palavras, histórico-genético, deveria ser feito somente depois de uma descrição sincrônica rigorosa. Os trabalhos anteriores a Propp, como constata Meletínski (2006, p. 158), tratavam os motivos e os enredos como as verdadeiras “mônadas” dos contos. Autores como Vesselóvski, K. Spiess e Leyen estudavam estruturalmente as narrativas a partir dos motivos, enquanto para Aarne e Volkov, os enredos formavam a parte essencial do conto. Para Propp, nem os enredos e nem os motivos caracterizavam a natureza uniforme dos contos, mas sua natureza variável.

Embora *Morfologia* seja vista como obra fundadora, Meletínski afirma que A. I. Nikíforov apresentou um trabalho sobre os problemas do estudo estrutural e morfológico em 1926, mas somente foi publicado em 1928. Em nenhum momento Meletínski informa se Propp leu essa obra ou não, e nem Propp no primeiro capítulo de *Morfologia* a menciona. Nikíforov apresenta leis morfológicas para o conto maravilhoso em que mostra elementos repetitivos no conto e ações narrativas:

Trata-se da lei da repetição dos elementos dinâmicos do conto maravilhoso para torná-lo mais lento ou complicar seu desenvolvimento geral, a lei do eixo composicional (um conto pode incluir um ou dois heróis, e estes dois heróis podem ser ou não equivalentes), e, por último, a lei da “formação da ação por categorias ou pela gramática”. Nikíforov propõe observar as “ações narrativas” isoladas e seu agrupamento de acordo com o modelo de formação das palavras na língua (MELETÍNSKI, 2006, p. 159).

São conceitos bem próximos aos de Propp, indicando a abordagem e percepção própria do espírito de época (*zeitgeist*). Além disso, Meletínski destaca que tal estudo antecipou também o modelo de actantes de Greimas. Mas Nikíforov não conseguiu desenvolver sistematicamente a ordem sintagmática do conto como Propp, nem diferenciou os níveis de maneira explícita, e os princípios estruturais não escaparam a visão atomística da época. Propp, no entanto, produz uma ruptura, justamente por demonstrar que a especificidade do conto não estava nos motivos, mas em outras unidades estruturais, as funções.

Gotlib afirma que “a descoberta por V. Propp de *ações constantes* e das *sete esferas personagens* do conto maravilhoso estimulou outros estudos na área da linguística, da antropologia, da etnografia, do folclore e da semiótica” (1995, p. 26, grifos do autor), afirmando que autores como Lévi-Strauss, A. J. Greimas e Claude Bremond foram influenciados pela teoria proppiana.

Meletínski em sua análise daqueles que seguiram os caminhos de *Morfologia* conclui que, “se Greimas transfere para o mito as conclusões de Propp referentes ao conto de magia, Claude Bremond, por sua vez, procura extrair da análise de Propp regras gerais sobre o desenvolvimento de todo e qualquer enredo narrativo” (2006, p. 180). Dentre os autores que utilizaram *Morfologia*, Alan Dundes aparece na lista de Meletínski como a obra mais significativa.

Para Bremond, Dundes é a posteridade americana de Propp, que com sua obra quis provar que os contos norte-americanos têm um esquema estrutural rigoroso, ignorado por outros folcloristas da época. Dundes não fez nenhuma modificação radical dos termos proppianos, recorrendo apenas a Pike para complementar sua análise. O resultado de sua morfologia dos contos ameríndios é que, “ele assegura ao método uma flexibilidade e uma fecundidade inesperadas” (BREMOND, 1973, p. 60, tradução nossa)⁵².

Anne Hénault em a *História concisa da semiótica* (2006) remonta as descobertas semióticas desde o final do século XIX. O objetivo em resgatar Hénault como leitora de Propp foi buscar na sua recepção as características do desenvolvimento da semiótica, perpassando pela teoria proppiana e a visão francesa de *Morfologia*. Se em Meletínski, Propp tem a recepção de um conterrâneo interessado nos estudos folclóricos, em Hénault o viés perpassa pelos estudos linguísticos.

⁵² Il assure à la méthode une souplesse et une fécondité inattendues.

Segundo Anne Hénault (2006), com o objetivo de resumir o desenvolvimento da Semiótica, o autor Propp aparece no panorama como um dos “influenciadores”, mas não como um linguista. Na verdade, a obra de Propp foi utilizada pelo “pai” da semiótica francesa, o que fez com que o autor russo fosse acrescentado à lista “dos precursores”:

Contrariamente a Saussure, Hjelmslev ou Peirce, o “formalista” russo, V. Ja. Propp, não se apresentou como um teórico abstrato da linguística ou da semiologia. Foi apenas por meio da leitura de sua obra, feita trinta anos depois, por alguns pesquisadores ocidentais (C. Lévi-Strauss, R. Barthes ou A. J. Greimas) que Propp se viu retrospectivamente alistado na severa brigada dos precursores da semiótica (HÉNAULT, 2006, p. 98).

Hénault também compara Propp a Trubetzkoi. Este último isolou os traços que eram constantes na forma da expressão, enquanto o primeiro mostrou com os contos as constantes da forma e do conteúdo.

3.3. A recepção do inventário das 31 funções

Em seu trabalho, Meletínski (2006, p. 161) discorre sobre as funções e as esferas de personagens, e ressalta que “o que realmente permitiu a Propp passar do atomismo ao estruturalismo foi sua recusa de fazer um estudo dos motivos em favor das funções”. Anne Hénault também perpassa pelas funções, e comenta um resumo que Propp faz da sucessão das funções no conto maravilhoso publicado nas *Raízes* em 1946⁵³, ressaltando que o inventário das funções é “impossível de detalhar”, utilizando-se das mesmas palavras de Lévi-Strauss (apud HÉNAULT, 2006, p. 117). Entretanto, Bremond em *Logique du récit* ordena o inventário proppiano, no qual Hénault disponibiliza uma parte adaptada para o leitor⁵⁴. A função afastamento, por exemplo, é descrita da seguinte forma pelo autor: “Bremond – *afastamento*: uma proteção vem a faltar + perigo virtual”. Enquanto em *Morfologia*: “Um dos membros da família sai de casa (definição: *afastamento*; designação: β)” (PROPP, 2006, p. 54).

⁵³ Esses contos começam com um dano ou uma injustiça causados a alguém (sequestro, exílio) ou pelo desejo de possuir algo (o czar envia seu filho em busca do pássaro de fogo) e se desenvolvem segundo o seguinte esquema: partida do herói da casa, encontro com o doador, que lhe confere um meio mágico que lhe permitirão encontrar o objeto procurado. Depois vêm: o duelo com o adversário (a forma mais destacada desse combate é o duelo com o dragão), o retorno e a perseguição. Quase sempre essa composição se torna mais complexa. De modo que quando o herói se aproxima da casa, seus irmãos o lançam em um precipício. Mas ele consegue se livrar, alcança êxito na realização das tarefas difíceis, torna-se rei e se casa, seja em seu próprio reino, seja no reino de seu sogro (PROPP apud HÉNAULT, 2006, p. 116).

⁵⁴ Por questões de espaço, Hénault não aborda a lista completa de Bremond, disponível em *Logique du récit*, p. 41-46.

A lista de funções é limitada, aspecto fundamental na teoria proppiana, e que desafiará outros autores (Bremond, 1973, Greimas, 1969) a reduzi-la ainda mais para que se encaixe em outras teorias da narrativa. Hénault define os personagens na sua redundância conceitual, já que eles se encontram ligados às ações que executam no conto, assim como na língua é articulado: “o vento sopra” (HÉNAULT, 2006, p. 119), pois a essência do vento é repetida em sua ação. Logo, Hénault conclui que as funções e as esferas de personagens não seriam duas listas distintas, mas uma unidade:

Propp não atualizou duas listas: de um lado, as funções e, de outro, os sete personagens, mas uma só e mesma lista, na qual os personagens aparecem como princípios de organização da lista ampliada, a das funções. V. Propp elaborou uma *ideia semiótica*, no sentido em que poderíamos falar, por exemplo, de uma ideia matemática [...] (2006, p. 119, grifo do autor).

Entretanto, Propp não percebeu a repercussão de sua teoria para a semiótica e os estudos da narrativa. Hénault compara o estudo de Propp com a biologia, como se as funções fossem os órgãos do conto maravilhoso. A autora também distingue a relação sintagmática da relação categórica no conto, no qual o agente e a ação estão juntos na análise proppiana. Em *Morfologia*, a ação define o agente, e eles estão juntos, o que segundo Hénault, será como um prelúdio para a teoria das actâncias de Lucien Tesnière:

Por um lado, Propp “desrealizou” os acontecimentos do conto, desmontou seus encadeamentos e destacou um conjunto de “órgãos” de algum modo simplificados. Nem é preciso dizer: um mau espiona e engana, eis que um bom vai reparar os erros (relação puramente sintagmática), mas no conto mágico, há sempre um vilão que prejudica e um bom personagem que se opõe a ele (relação categórica) [...] Até então, todo enunciado se assemelhava a uma montagem de dois componentes radicalmente separados, de um lado, aqueles de que se fala (segundo as terminologias, o *assunto* ou o *tema*), e de outro aquilo que deles se diz (eventualmente a ação e a qualidade que se lhes atribui ou o *rema*) (HÉNAULT, 2006, p. 120).

No segundo capítulo, do tomo II de *Temps et récit* (Tempo e Narrativa), “As restrições semióticas da narratividade”, Paul Ricoeur (1984) começa o debate sobre logicização e descronologização das estruturas narrativas pelo trabalho de Propp. A primeira motivação de Ricoeur reside no fato de *Morfologia* ter iniciado a logicização no conto, mas ao seguir tanto o caminho taxonômico de Lineu⁵⁵ quanto o orgânico de Goethe, resultou na segunda motivação de Ricoeur. Ou seja, o autor francês pondera que não houve a descronologização

⁵⁵ Segundo Ricoeur, “Ora, essa morfologia reivindica abertamente Lineu, isto é, uma concepção taxinômica da estrutura, mas também, mais discretamente, Goethe, isto é, uma concepção orgânica da estrutura” (1984, p. 68).

dos contos em definitivo, devido a abordagem orgânica não ter sido “absorvida” pela taxinômica.

Para fundamentar sua hipótese, Ricoeur retoma a teoria proppiana em seus principais conceitos. O conceito de função é utilizado por Ricoeur para exemplificar a competição entre as abordagens taxonômica e orgânica, uma vez que a *intriga* “como uma unidade teleológica corrige de antemão a concepção puramente aditiva das relações entre as funções no interior do conto⁵⁶” (RICOEUR, 1984, p. 69, tradução nossa). Segundo Ricoeur, com essa informação adicionada, Propp configura nas outras teses um postulado comum aos formalistas, aspecto também observado por Hénault (2006), em outras palavras, o fato da aparência ser inumerável enquanto o da composição é em número finito, que transpondo para *Morfologia* têm-se respectivamente os personagens e as funções. Pelo viés do formalismo permite que seja definido o gênero conto.

Ricoeur questiona qual seria o princípio de fechamento da série e se teria alguma relação com a intriga, pois em *Morfologia*, o inventário termina na XXXI função, “o herói se casa e sobe ao trono”. Embora Ricoeur procure a descronologização da narrativa, a teoria proppiana segue sua linearidade, ou seja, o próprio tempo da narrativa do conto. Uma sequência se encerra quando o herói recebe sua recompensa, o que nos contos populares russos, corresponde, normalmente, ao casamento e a subida ao trono. Nas próprias palavras de Propp, na explicação da XXXI função, é possível entender o que Ricoeur propõe sobre o encerramento da série do inventário:

O conto maravilhoso termina aqui. Cabe-nos assinalar, ainda, que algumas ações dos heróis, em determinados casos de contos maravilhosos, não se submetem à nossa classificação, e não se definem dentro de nenhuma das funções citadas. Mas estes casos são muito raros. Trata-se, na realidade, ou de formas incompreensíveis devido à falta de elementos de comparação, ou de formas tomadas de contos que pertencem a outras categorias (anedotas, lendas etc.). Serão definidos como elementos obscuros, e designados por Y (PROPP, 2006, p. 61).

Esse aspecto do fechamento da série, também é abordado por Greimas, sob outra perspectiva na *Sémantique Structurale*, que vê o casamento como a restituição do contrato rompido anteriormente. A terceira tese proppiana sobre a sucessão das funções é, para Ricoeur, um divisor de águas entre os seguidores de Propp, entre aqueles que seguirão o fator cronológico do conto, e aqueles que não. O axioma da sucessão é relativo à ordem e é suficiente para definir o que é um conto. A quarta tese sobre os contos serem monotípicos

⁵⁶ Comme une unité téléologique corrige à l’avance la conception purement additive des relations entre les fonctions à l’intérieur du conte.

quanto a sua estrutura, permitirá que os seguidores de Propp oponham estrutura e forma (RICOEUR, 1984, p. 70).

Entretanto Ricoeur equivocou-se ao afirmar que “a série das trinta e uma funções merece ser chamada a protoforma do conto maravilhoso” (1984, p. 70, tradução nossa)⁵⁷. Ricoeur afirma que, o protoconto de Propp é um produto analítico, mas não substitui a própria inteligência que existe na narrativa, referente à produção e a recepção, pois ela se constitui no ciclo ininterrupto de tomar emprestado de si mesma essa inteligência:

Eu não concluo dessa revisão crítica que o protoconto de Propp coincida com o que, desde o início, nós chamamos de uma intriga. O protoconto reconstruído por Propp não é um conto, como tal, ele não é contado por ninguém a ninguém. Ele é um produto da racionalidade analítica: a fragmentação em funções e a colocação delas em um único eixo de sucessão são operações que transformam o objeto cultural inicial em objeto científico. Essa transformação é patente uma vez que a reescrita algébrica de todas as funções, fazendo desaparecer as denominações ainda tomadas da linguagem comum, só deixa lugar a uma pura sucessão de trinta e um signos justapostos. Essa sucessão não é mais, nem mesmo um protoconto, porque ela não é nem ao menos um conto: é uma série, ou seja, o traço linear de uma sequência (ou movimento) (RICOEUR, 1984, p. 77, tradução nossa)⁵⁸.

A série das 31 funções abre a possibilidade de que, através de um estudo comparativo das leis de transformações dos elementos atributivos, e até mesmo das funções e das metamorfoses, poderia levar a descoberta da protoforma do conto. Como a acusação de Ricoeur é semelhante à de Lévi-Strauss⁵⁹ nesse aspecto (2006), portanto, é interessante apresentar a opinião de Propp, que responde ao segundo da seguinte forma: “o esquema obtido não é um arquétipo, nem a reconstrução de algum conto único que jamais teria existido, como pensa o meu opositor, mas é algo absolutamente diferente: é o esquema de composição unitário que se situa na base dos contos de magia” (PROPP, 2006, p. 246). Sua resposta serve para esclarecer a interpretação de Ricoeur quanto ao objetivo de Propp em relação ao esquema das funções.

⁵⁷ La série des trente et une fonctions mérite d’être appelée la protoforme du conte merveilleux.

⁵⁸ Je ne conclus pas de cette revue critique que le proto-conto de Propp coincide avec ce que, depuis le début, nous appelons une intrigue. Le proto-conto reconstruit par Propp n’est pas un conte; comme tel, il n’est raconté par personne à personne. Il est un produit de la rationalité analytique: la fragmentation en fonctions, la définition générique des fonctions et leur mise en place sur un unique axe de succession sont des opérations qui transforment l’objet culturel initial en un objet scientifique. Cette transformation est patente lorsque la réécriture algébrique de toutes les fonctions, en faisant disparaître les dénominations encore empruntées au langage ordinaire, ne laisse plus place qu’à une pure succession de trente et un signes juxtaposés. Cette succession n’est même plus un proto-conto, car elle n’est plus un conte: c’est une série, c’est-à-dire la trace linéaire d’une séquence (ou move).

⁵⁹ No texto de Haroldo de Campos (1973), ele se posiciona a favor de Propp, a ideia de Strauss em que Propp criou uma fábula única, como se fosse uma redução de todas as fábulas é rebatida por Campos que afirma que, na verdade, era extração de um “conto-esquema” que serviria de base para todos os contos por Propp analisados, assim seguindo a fórmula poderia ser observado o desenvolvimento desses mesmos contos.

Segundo Ricoeur, a situação inicial, embora seja vista como fundamental morfológicamente, não é listada nas funções, porque só se determina diante da relação com a intriga, que é também semelhante ao termo aristotélico de começo. A parte preparatória do conto (as sete primeiras funções) que introduz o dano (movimento do conto) é para Aristóteles “o nó (*désis*) da intriga, que exige seu desenlace (*lusis*)⁶⁰” (RICOEUR, 1984, p. 72, tradução nossa). No capítulo 18 da *Poética*, Aristóteles afirma que “toda tragédia encerra a complicação e o desenlace” (2011, p. 70), em outras palavras, a relação de implicação entre *désis* e *lusis*. A complicação que aparece no começo da peça e na sua tensão máxima antecede a reversão da boa sorte em má sorte, enquanto o desenlace é o começo da mudança até o fim da peça.

Ricoeur conclui que o autor russo ficou dividido entre as duas linhas de pensamento: Lineu e Goethe. O conto é ao mesmo tempo o esquema, a sucessão das funções e a ausência ou repetição de algumas, e sequência, a definição final de Propp sobre o conto. Segundo Ricoeur, a sequência como unidade de contagem, e que suscita novas possibilidades combinatórias, não “segue a segmentação das funções”, mas ao contrário a precede.

Ao sintetizar a teoria proppiana, Gotlib destaca que Propp, além de definir as funções, também encontrou 150 elementos que compõem o conto. Essa tabela, que é um apêndice em *Morfologia*, é pouco citada pelos os outros leitores. Haroldo de Campos também é um dos poucos que a menciona e a utiliza.

A autora convida ao leitor curioso a entender do que se trata o inventário proppiano ao recordar dos contos ouvidos na infância, por exemplo, o Chapeuzinho Vermelho, que não faz parte dos contos russos populares, mas mostra a amplitude do método de Propp:

A função da *ausência* de um dos membros da família (o Chapeuzinho), que é a primeira função determinada por Propp. E há também uma *ordem* que lhe é dada (pela mãe); o *engano* da vítima (pelo lobo, que irá devorá-la); a *salvação* do herói (pelo caçador); a *punição* do antagonista (morte do lobo) (GOTLIB, 1995, p. 22, grifos do autor).

Gotlib encerra sua análise de *Morfologia*, questionando sobre a extensão das funções, mas afirma que a preocupação de Propp residiu exclusivamente na definição das ações e dos personagens constantes no conto. A autora não se restringe a interpretação de *Morfologia*, dedica também uma breve parte as *Raízes históricas do conto maravilhoso* e “As Transformações dos contos fantásticos”⁶¹.

⁶⁰ Le noeud (*désis*) de l'intrigue, qui appelle son dénouement (*lusis*).

⁶¹ IN: Vários. *Teoria da literatura*; formalistas russos.

Em “As Transformações” a autora salienta que, o estudo de Propp se voltou para uma das frases mais célebres da história de Laivosier: “Na natureza nada se cria, nada se perde, tudo se transforma” e a adapta para os contos, “a vida real não pode destruir a estrutura geral do conto” (GOTLIB, 1995, p. 22), logo ela o modifica ou o transforma. Se há uma forma fundamental do conto (ligada as suas origens), há também as formas derivadas (ligadas à realidade e à cultura). Para entender o conto em nível internacional, é preciso estudar ambas as formas separadamente e depois compará-las de uma cultura para a outra.

Segundo a autora, Propp inventariou vinte casos de transformações dos elementos do conto, mas resta ainda definir o que é fonte e o que é adquirido, ambos os aspectos são examinados na obra *Raízes*. Para Gotlib, o programa de estudo de Propp é coerente, pois primeiramente fez o estudo da estrutura, o da transformação, para então debruçar sobre as origens do conto maravilhoso.

Segundo Gotlib (1995, p. 24), os contos perpassam duas fases na teoria proppiana, uma em que eram confundidos com o relato sagrado, cujos motivos envolviam os rituais tanto de iniciação quanto de representação da morte. A segunda fase gira em torno do relato que deixa de ser sagrado e se torna profano. A teoria de Propp nas *Raízes* é construída com base no materialismo histórico de Marx e suas fases são comparadas com a economia da vida material.

Gotlib também questiona o porquê de os contos modernos não permitirem uma padronização tal qual feita por Propp:

O estudo da lógica dos contos russos, que propiciou o estudo da lógica da narrativa, evolui ainda para o estudo da lógica de outras formas de outros tantos objetos visuais: nele se empreende a leitura de uma praça ou de uma cidade, mediante análise dos elementos que as compõem nas suas relações e como representação cultural de uma situação histórica. O repertório das *ações constantes* detectadas nos contos maravilhosos por V. Propp desencadeou, pois, tal como observa Adriano Rodrigues, um estudo cada vez mais amplo da “lógica das formas culturais”, de modo a desenvolver uma “semiótica do mundo” (GOTLIB, 1995, p. 29, grifos do autor).

Talvez os elementos que tenham favorecido a classificação feita por Propp, não estejam presentes ou não sejam recuperáveis nos contos modernos, afirma Gotlib. A teoria de Propp, mesmo assim, permitiu o vislumbre de ir além dos estudos dos contos maravilhosos, e perceber em outros objetos culturais uma lógica semiótica.

Com a recepção de Gotlib, *Morfologia* é entendida como base para outros estudos narrativos, para a inauguração (ruptura) na metodologia de ver outros gêneros e também em outras áreas. A síntese que autora faz, vai além do estudo de *Morfologia*, e traz para o leitor

brasileiro informações sobre outras obras de Propp que complementam o estudo do autor russo. Dentre todos os autores que sintetizaram os conceitos proppianos, o leitor brasileiro terá uma leitura agradável pelo trabalho de Gotlib que os expõe de maneira sucinta e clara.

3.4. Prévia de um problema: o Formalismo em Propp

A obra de Propp publicada em 1928 não teve seu real valor estimado, até que finalmente “foram introduzidos na linguística e na etnologia os métodos de análise estrutural” (MELETÍNSKI, 2006, p. 157). Quando o livro *Morfologia* foi publicado, recebeu duas críticas positivas de D. K. Zélenin e a de V. N. Peretz, mas o trabalho só ganhou fôlego quando apareceu sua tradução para o inglês americano. A autora responsável pela introdução de *Morfologia* de 1958 cometeu, segundo Meletínski, uma falácia ao posicionar Propp como um formalista, “em sua introdução à edição americana, S. Pirkova-Jakobson define erroneamente V. I. Propp como um formalista russo ortodoxo e ativo” (2006, p. 164).

Contudo, o autor não explica mais do que mostrar que Propp mais se posicionava contra a escola fino-americana, que possuía uma abordagem sincrônica, descartando em definitivo a diacrônica. Ainda assim, a tradução trouxe para Propp visibilidade mundial e influenciou outros trabalhos:

A obra de Propp, realizada havia já 30 anos, foi recebida como uma grande novidade, e utilizada como modelo de análise estrutural dos textos folclóricos e depois também de outros textos narrativos, influenciando consideravelmente os trabalhos de semântica estrutural (MELETÍNSKI, 2006, p.164-165).

No capítulo II, “Dos formalistas russos aos estruturalistas de Praga: V. Propp e o estudo dos contos da tradição oral”, Hénault (2006) traça o percurso da obra proppiana, resgatando alguns aspectos que renderam ao Propp uma fama desmedida no ocidente. Dentre eles se destaca a tradicional discussão entre colocar ou não Propp no campo dos formalistas. Na verdade, não é exatamente uma discussão, cada leitor se apropria e se posiciona de maneira diferente, alguns o encaixam como verdadeiro formalista, outros não, e ainda há outros que reconhecem nele alguns aspectos do grupo⁶². Segundo Hénault, “A *morfologia do conto* é quase sempre considerada como o exemplo mais completo das pesquisas dos formalistas russos no campo da prosa e, mais exatamente, no da teoria da narrativa” (2006, p.99).

⁶² Dundes (1994), Gotlib (1995), Lévi-Strauss (2006), Lopes et al (2010), Pirkova-Jakobson (1994), Ricoeur (1984), Schnaiderman (1979, 2006), Steiner; Davydov (1977) entre outros abordam o tema formalismo em Propp.

Segundo a autora não haveria nada mais paradoxal do que essa afirmativa, pois Propp não participou nem ao menos da fundação do Círculo Linguístico de Moscou (1915) ou da OPOIAZ em 1916 na cidade de São Petersburgo. Propp também não teria sido “um formalista da segunda leva”, e como conclui Hénault, o nome do autor russo não aparece nos primeiros conflitos no ano de 1922, mesmo sabendo que, com a publicação de *Morfologia*, Propp foi acusado de formalista.

No artigo de Lopes et al, os autores afirmam que a obra *Morfologia* já nos anos 30 tinha entrado no hall de acusações, corroborando com que Hénault escreve, pois Propp “passou a sofrer uma estrita vigilância” e teve que “desformalizar” sua obra numa versão que apareceria em 1969:

O livro de Propp recebeu críticas violentas, típicas da atmosfera “antiformalista” que reinava na União Soviética dos anos 1930. A principal acusação consistia em considerar a abordagem de Propp uma análise de um “esqueleto” tomando o lugar de uma “arte viva”. Respondendo a esses adversários, Propp salientava que os zoólogos haviam sido capazes de criar uma sistematização científica unicamente a partir da análise dos esqueletos e do ambiente biológico dos organismos vivos (LOPES et al, 2010, p. 11).

Como se sabe na discussão entre Propp-Lévi-Strauss o autor se defendeu de tal acusação. Anne Hénault (2006), Lopes et al (2010) reconhecem que Propp deve ser interpretado à luz de seu tempo, e mesmo que não tenha sido membro efetivo dos formalistas, segundo eles, é possível verificar princípios da escola formalista em seu trabalho.

Hénault traça o percurso do formalismo e estruturalismo, e de como o primeiro “prolongou” no segundo, no famoso Círculo de Praga. O formalismo foi um movimento “original”, equiparando-se ao saussurianismo e ao “formalismo alemão” de Edmund Husserl, a mesma comparação é feita no artigo de Lopes et al (2010).

Segundo Hénault (2006, p. 104), através de Gustav Gustavovich Sphet (1879-1937), discípulo de Husserl, os russos entraram em contato com os conceitos de “forma versus conteúdo” e também de “signo versus referente”, e haviam abandonado definitivamente o método psicologizante tão criticado na época, mas o mesmo não aconteceu em São Petersburgo. As duas capitais russas passaram por uma “mudança radical da visão de mundo” ao desenvolverem o formalismo, que segundo Chklóvski é o estudo da arte como procedimento (apud HÉNAULT, 2006, p. 105).

Nos termos de Eikhenbaum, “a escola formalista estuda a literatura como uma série de fenômenos específicos e edifica a história da literatura como uma evolução concreta e específica de formas e de tradições literárias” (apud HÉNAULT, 2006, p. 106). Os formalistas buscavam se orientar para a linguística com o intuito de se tornarem ciência. A ideia de forma

foi deixada e deu lugar ao conceito de estrutura. O estruturalismo se tornou “o grito de adesão dos linguistas de Praga”. Hénault afirma (2006, p. 110), que a linguagem começou a ser vista pelo todo, em que todas suas partes interagem, em vez de ser considerada como a soma de vários fatos isolados. A ideia de estrutura era associada a “ideia de sistema, dinâmico em seu funcionamento ordinário e submetido à evolução”.

Foi na escola de Praga que a partir desses conceitos e dos trabalhos de Trubetzkoi, por exemplo, que a fonologia se individualizou como disciplina. Quanto ao conceito “funcional” aplicado ao fonema, o que se viu foi a propagação de um método em que há uma função a ser descoberta. Ainda, as outras correntes como o antipsicologismo e o funcionalismo estavam inseridas no contexto, mas não como o estruturalismo de Praga que aparecia como a continuação do formalismo russo.

Segundo Hénault (2006), R. Jakobson expoente no formalismo “importaria ao mundo inteiro esse novo modelo de cientificidade para as ciências humanas”. Inclusive, após Hjelmslev ter participado de um congresso em que teve contato com os trabalhos de Jakobson e Trubetzkoi no ano de 1928, o autor percebeu que as mesmas descobertas seriam úteis no estudo da semântica. Como ressalta Hénault (2006, p. 114, grifos da autora), até mesmo Lévi-Strauss “saudou esses novos tempos”, e em 1949 “aplicou a descoberta de Praga às *Estruturas elementares do parentesco*”.

3.5. Debate entre Vladimir Propp e Lévi-Strauss

De todos os comentadores que abordam o tema formalismo em Propp, Lévi-Strauss é o expoente de um debate virulento com o autor russo. Ao tratar da teoria proppiana, Hénault, assim como muitos outros (Haroldo de Campos, Dundes, Gotlib, etc.) aborda a discussão Propp-Lévi-Strauss, como se não o fizesse seria como “amputar um braço” importante da história da Linguística ocidental na segunda metade do século XX. Quanto a essa discussão, Meletínski inicialmente adota uma postura defensiva do autor francês. Os defensores proppianos acusam Lévi-Strauss de utilizar o método do russo para estudar os mitos, como aponta Meletínski:

O artigo, realmente original, “Estudo estrutural do mito”, publicado em 1955 pelo grande etnógrafo estruturalista francês Claude Lévi-Strauss, teve o caráter de um manifesto científico. É difícil dizer em que medida o autor já tinha conhecimento do livro russo de Propp (2006, p. 165).

Os estudos naquele momento buscavam encontrar uma estrutura comum nos diferentes gêneros narrativos. Lévi-Strauss se aproxima teoricamente de Propp, no tocante dos *mitemas* que seriam grosseiramente comparados as *funções*. Meletínski conclui que a recepção de Lévi-Strauss de *Morfologia* foi favorável e com inúmeras críticas “construtivas”, e que algumas acusações feitas por Lévi-Strauss não são fundamentadas, por exemplo, quanto à escolha do material de Propp ter sido os contos em vez dos mitos.

Como diz o ditado popular “há males que vêm para o bem”, e Lévi-Strauss é um desses casos. O autor trouxe para o conhecimento dos intelectuais franceses a obra proppiana através do seu artigo crítico de *Morfologia*. Poucos são os casos de livros e artigos que não mencionam a luta travada entre os dois teóricos. Normalmente, os outros autores tentam “remediar” a situação, suavizando as severas críticas de Lévi-Strauss e defendendo Propp, com rara exceção aparece no repertório um trabalho como o de Dundes em que o autor não só se posiciona a favor de Propp como faz comentários sobre os “erros” metodológicos do autor francês. Não convencido suficientemente, Dundes publicou um artigo só para destacar mais “erros” do artigo de Lévi-Strauss sobre Propp.

Como a discussão foi resgatada por tantos autores e até mesmo editores que incluíram na tradução de *Morfologia* o debate, com direito a resposta (edições italiana, brasileira e espanhola), o presente trabalho também traz a síntese de ambas e o artigo de Dundes. Lévi-Strauss em seu artigo “A Estrutura e a Forma” publicado primeiramente no *Cahiers de l’institut de science économique appliquée*, nº 9, em 1960, com o título *L’analyse morphologique des contes russes*, teve ao mesmo tempo outra publicação pelo *International Journal of Slavic Linguistics and Poetics*, nº 3 (2006, p. 201).

No texto, Lévi-Strauss tenta dissuadir o leitor dos problemas vigentes de sua época, em que os estruturalistas eram acusados de formalistas⁶³. Com a publicação de *Morfologia*, confirma o autor, finalmente seria possível esclarecer o equívoco:

Os adeptos da análise estrutural em linguística e em antropologia são frequentemente acusados de formalismo [...] Ao inverso do formalismo, o estruturalismo recusa opor o concreto ao abstrato [...] A estrutura não tem conteúdo distinto: ela é o próprio conteúdo, apreendido numa organização lógica concebida como propriedade do real (LÉVI-STRAUSS, 2006, p. 201).

⁶³ Haroldo de Campos defende Propp nesse aspecto levantado por Lévi-Strauss. Haroldo de Campos destaca que o artigo de Lévi-Strauss mais pareceu uma preocupação do autor em distinguir o estruturalismo do formalismo. Campos fornece aos leitores informações interessantes sobre a distinção das abordagens, e até mesmo a “impropriedade” de Lévi-Strauss: T. Todorov (L’Héritage Méthodologique du Formalisme”, 1965) reconhece implicitamente a impropriedade da oposição levantada por Lévi-Strauss, quando observa que a crítica deste à obra de Propp é menos a crítica ao formalismo em geral do que a justa objeção que um formalista mesmo poderia fazer a uma extremada manifestação desta tendência (CAMPOS, 1973, p. 29).

Lévi-Strauss inicialmente sintetiza a obra como um todo, do primeiro capítulo até a citação de Vesselóvski na conclusão. Seu objetivo, depois de mostrar quais são os fundamentos da obra é de contrapor-los com o estruturalismo, e mostrar os “erros” de Propp, que segundo sua opinião, começam desde a escolha dos contos, preterindo os mitos, até as categorias inventariadas. A metodologia de trabalho de Propp é “falha” e deixou de lado o léxico dos contos em prol de sua gramática.

O autor aproxima Propp de Durkheim, pois ele teria “involuntariamente” justificado a escolha do *corpus* a ser analisado ao dizer que “não é a quantidade de documentos, mas a qualidade da análise que importa”⁶⁴ (PROPP, p. 22 apud LÉVI-STRAUSS, 2006, p. 206). A síntese feita por Lévi-Strauss é detalhada perpassando pelas funções, inclusive ao falar da existência de funções de ligação no conto e sobre as motivações, Lévi-Strauss afirma que ambas são para Propp “um problema embaraçoso” por “redefinir” em certo aspecto sua teoria (2006, p. 209).

Um dos equívocos do artigo de Lévi-Strauss é sobre a definição dos contos de fadas, pois o estudo de Propp se refere aos contos populares maravilhosos (magia) russos, e não aos contos de fadas como afirma Lévi-Strauss. No capítulo IX de *Morfologia* sobre a dificuldade de classificação, Propp define que o conto de magia é aquele que perpassa pelas funções, com ausência ou repetição de algumas, e que raramente pode acontecer que um conto seja denominado de magia, mas não pertença ao que ele define como conto tal, ou ainda pode acontecer que outro tipo narrativo se encaixe perfeitamente no seu inventário.

Por tal dificuldade terminológica, Propp sugere que talvez fosse interessante nomear os contos a partir das sete esferas de personagens, mas por ser incômoda tal sugestão, manteria a nomenclatura antiga mesmo. A citação, a seguir, contradiz o trabalho do autor russo, segundo Lévi-Strauss:

Mas nada impede a realização de contos com a presença de fadas, sem que a narrativa obedeça à norma precedente; é o caso dos contos fabricados, dos quais podemos encontrar exemplos em Andersen, Brentano e Goethe. Inversamente, a norma pode ser respeitada apesar da ausência de fadas. O termo “conto de fadas” é, pois, duplamente impróprio. Por falta de uma melhor definição, Propp aceita, não sem hesitação, a fórmula “contos com sete protagonistas”, pois ele pensa haver demonstrado que estes sete personagens formam um sistema (os. 89-90). Mas, se um dia se viesse a dar à investigação uma dimensão histórica, então o termo “contos míticos” seria conveniente (2006, p. 211).

⁶⁴ Émile Durkheim em *As regras do método sociológico*, postula que “uma vez estabelecida a classificação, a partir deste princípio, não será necessário ter observado todas as sociedades de uma espécie para saber se um fato é geral nessa espécie ou não; a observação de algumas sociedades será suficiente. E mesmo, em muitos casos, bastará uma observação só, mas bem feita, assim como, muitas vezes, uma única experiência bem conduzida chega para o estabelecimento de uma lei” (1985, p. 70).

Talvez o problema nesse caso tenha sido a tradução americana, situação já referida por Propp em sua resposta, e também por Haroldo de Campos. No artigo, Lévi-Strauss faz outras afirmações e chega a concordar com Propp no aspecto em que não existe razão para isolar contos e mitos. Quando Lévi-Strauss escreve isso o intuito é colocar os contos num patamar abaixo dos mitos:

Em primeiro lugar, os contos são construídos sobre oposições mais fracas do que as dos mitos: não cosmológicas, metafísicas ou naturais, como nestes últimos, porém mais frequentemente locais, sociais, ou morais. Em segundo lugar, e precisamente porque o conto consiste em uma transposição enfraquecida de temas cuja realização amplificada é própria do mito, o primeiro está menos estritamente sujeito do que o segundo à tripla relação da coerência lógica, da ortodoxia religiosa e da pressão coletiva (2006, p. 215).

Esses são os argumentos do antropólogo Lévi-Strauss para dizer que os contos não servem como *corpus* de uma análise estrutural. Propp deveria ter escolhido os mitos, uma vez que eles possuem um valor privilegiado em relação ao conto, segundo a opinião do autor francês. Propp continuou os estudos morfológicos de onde seus antecessores pararam e com o mesmo material, “mas a escolha de Propp explica-se também, cremos, pelo desconhecimento das verdadeiras relações entre mito e conto” (LÉVI-STRAUSS, 2006, p. 216). Existe aqui uma contradição, pois como Propp estaria ciente das relações do mito-conto e ao mesmo tempo não estaria?

Lévi-Strauss segue com suas acusações, “Propp é, pois, vítima de uma ilusão subjetiva” (2006, p. 218). Como o autor francês não leu *As Raízes* não pôde apreender o livro *Morfologia* como premissa do estudo histórico dos contos, visto que seu interesse aqui não vai além das distinções de método das escolas estruturalista e formalista. Determinado a utilizar Propp para esclarecer as diferenças entre as duas abordagens, ele afirma que “o formalismo aniquila seu objeto” ao tentar deixar escapar o conteúdo. Para ele, Propp teria percebido que “o conteúdo dos contos é *permutável*” (2006, p. 222, grifo do autor), e conclui que o capítulo IX, “O conto como totalidade”, do livro seria uma tentativa desesperada de Propp restituir o devido local do conteúdo em sua análise.

Ainda assim, o autor condena a morfologia como um ato “estéril”. Fazer um empreendimento em que se dissocia o estudo sintático do léxico é se condenar. Lévi-Strauss conclui seu artigo, denunciando os erros graves do formalismo, e do quão a nomenclatura/método de Propp era inapropriada, por separar o estudo e começar pela gramática, adiando o léxico. A respeito disso o autor escreveu que:

Este primeiro erro do formalismo explica-se pelo seu desconhecimento da complementaridade entre significante e significado, que reconhecemos, a partir de

Saussure, em todo sistema linguístico. Ora, este erro se agrava nele em virtude de um erro inverso, que consiste em tratar a tradição oral como uma expressão linguística semelhante a todas as outras, isto é, desigualdade propícia à análise estrutural segundo o nível considerado (LÉVI-STRAUSS, 2006, p. 229).

O artigo “Estudo estrutural e histórico do conto de magia” de Propp é uma resposta ao artigo de Lévi-Strauss publicado a convite da edição italiana de 1966. Ao se defender das duras críticas do autor francês, Propp remete ao leitor que sua obra recebeu dois tipos de críticas, as positivas que “acolheram” a obra, e as negativas que o rotularam de formalista, e que mais uma vez tais acusações aconteciam. Ao relatar o esquecimento de sua obra e o repentino interesse 30 anos depois, Propp pode ser relacionado ao desenvolvimento de novas teorias e métodos nas ciências humanas, procurando se sistematizar como nas exatas.

Propp convida os leitores para participarem do debate e, depois de defender-se, sugere que eles decidam quem está com a razão, “O professor Lévi-Strauss atirou-me a luva e eu a recolho” (2006, p. 235). O autor russo diz ser um empírico íntegro apesar da “desvantagem” em relação a Lévi-Strauss que é um filósofo. Propp começa sua defesa ao dizer que o autor francês teve conhecimento de *Morfologia* pela tradução americana de 1958. Essa edição permitiu-se uma liberdade indevida ao retirar dos capítulos as epígrafes goethianas que levou não só Lévi-Strauss, mas muitos outros ao equívoco. As epígrafes não eram acessórias, elas eram o “coroamento” da sua descoberta das leis dos contos, tal qual a obra de Goethe sobre a morfologia. As epígrafes mostravam também a admiração de Propp:

As epígrafes aos capítulos são um símbolo de minha admiração por ele. Mas essas epígrafes também devem expressar uma outra coisa: o reino da natureza e o reino da atividade humana não estão separados. Existe algo que os une; há certas leis comuns a ambos, que podem ser estudadas com métodos semelhantes (2006, p. 236).

Outro erro seria a escolha dos contos maravilhosos, em que o autor francês acusa Propp que por não ser etnólogo não teria conhecimento de mitologia e muito menos das relações entre conto-mito, nas suas palavras, “em resumo, o fato de ocupar-me do conto maravilhoso deve-se ao meu restrito horizonte científico; caso contrário, eu teria provavelmente experimentado meu método não sobre os contos, mas sobre os mitos” (2006, p. 237).

Propp elucida que sua metodologia surgiu a partir do material analisado e não o contrário, em outras palavras, não foi através de “uma abstração”, mas depois de analisar e perceber a semelhança entre contos tão diversos nos personagens, e tão “idênticos” quanto às ações dos personagens. O autor russo também reclama da mudança do título de sua obra que primeiramente tinha o termo “de magia” especificando o gênero que a obra abordava. A

escolha editorial resultou no equívoco dos leitores, pois o gênero maravilhoso é variado, e em sua obra ele analisava apenas os de magia populares.

No artigo-resposta, Propp não propõe responder todas as acusações, mas somente a principal: formalista. Ele se defende dizendo que Lévi-Strauss vê o formalismo como uma abordagem “a-histórica”, e talvez se ele tivesse tido acesso à obra *As Raízes* perceberia que *Morfologia* era uma premissa para o estudo histórico dos contos. Segundo Propp, ainda sobre o método dos formalistas, diz que esses veem o inteiro “como um conglomerado mecânico de partes isoladas” (2006, p. 241). Enquanto para os estruturalistas as partes são vistas como elementos de um todo e nas suas relações.

Propp afirma que “nem todo estudo da forma é um estudo formalista, e nem todo estudioso que examine a forma artística dos produtos das artes verbais ou plásticas deve ser forçosamente um formalista” (2006, p. 242). O autor continua sua defesa, problematizando também a escolha do título de sua obra talvez não tivesse sido a mais adequada, e se volta para explicação do seu método e resultados: o inventário das funções que não foram estabelecidas de forma arbitrária. Ao criticar a teoria proppiana (funções emparelhadas, a sucessão do tempo), Lévi-Strauss faz “abstrações” das abstrações de Propp, a diferença é que Propp partiu do material e não o contrário.

O autor russo volta na tradicional discussão de forma versus conteúdo nas acusações formalistas, e aborda que se forma e conteúdo são inseparáveis como poderia ele ter analisado um, sem analisar o outro aspecto também? É o que questiona Propp. Finalmente, o autor trata da relação mito-conto e diz que o mito é mais antigo que o conto, fato que, Lévi-Strauss nega e afirma que, ambos coexistem:

O conto maravilhoso, porém, nasce depois do mito, mas pode chegar um momento em que, por um certo tempo, ambos coexistem de fato, mas somente nos casos em que os enredos dos mitos e os dos contos maravilhosos sejam diferentes e pertençam a sistemas compositivos diferentes. A Antiguidade clássica conhecia tanto os contos maravilhosos como os mitos, mas seus enredos eram diferentes (PROPP, 2006, p. 254).

Propp sugere que os mitos devem ser estudados com o mesmo método aplicado aos contos maravilhosos, com o intuito de descobrir as semelhanças e as diferenças entre eles. A análise segundo as funções dos personagens também pode ser útil a outros gêneros narrativos, mas lembra que toda aplicação tem sua limitação, como nos exemplos irrepetíveis de um Dante ou Shakespeare.

Posteriormente à réplica de Propp, Lévi-Strauss foi convidado pelo mesmo editor italiano à responder, mas como ele estava “preocupado” em prolongar o “mal-entendido”, ele reconstituiu brevemente seu comentário:

Todos os que leram o estudo que dediquei em 1960 à obra profética de Propp e que o editor italiano incluiu neste volume não puderam deixar de considerá-la o que ela desejava ser: uma homenagem a uma grande descoberta que precede de um quarto de século as tentativas que outros, e eu mesmo, tínhamos feito no mesmo sentido (LÉVI-STRAUSS, 2006, p. 232).

Lévi-Strauss afirma que o objetivo era uma discussão voltada para os aspectos teóricos e metodológicos e não um “ataque”. Acrescenta que não tinha interesse em travar uma polêmica com o autor russo, e espera que os leitores mais atentos da confrontação percebam, como ele, que “a obra de Propp conservará o mérito imperecível de haver sido a primeira” (2006, p. 233).

3.6. Defesa Tardia

Em 1997, o autor americano Alan Dundes publicou na revista *Western Folklore* um artigo sobre o debate Propp-Lévi-Strauss sob o título de “Binary opposition in myth: the Propp/Lévi-Strauss debate in retrospect”. O artigo traz informações novas, por exemplo, a primeira publicação de *Morfologia* saiu apenas 1600 cópias. Só alcançou o ocidente depois que Thomas Sebeok organizou a tradução em 1958. Segundo Dundes (1997, p. 39), três anos antes, Lévi-Strauss havia sido convidado por Sebeok para participar de um simpósio sobre o mito, onde o autor francês levou seu trabalho “O estudo estrutural do mito”, empreitada feita sem o conhecimento de *Morfologia*.

Segundo Dundes, “como Propp, Lévi-Strauss propôs uma fórmula para a estrutura da narrativa, mas diferentemente de Propp, sua fórmula era totalmente algébrica envolvendo “funções” e “termos”⁶⁵ (1997, p. 40, tradução nossa). Dundes destaca as críticas que Lévi-Strauss faz das análises sintagmáticas em relação às paradigmáticas, no livro *O cru e o cozido*. A análise de um mito sintagmaticamente é absurda, enquanto se torna coerente pela perspectiva paradigmática (DUNDES, 1997, p. 40). Não foi uma ou duas vezes que o autor francês condenou a análise sintagmática que é, do seu ponto de vista, uma análise sem significado.

⁶⁵ Like Propp, Lévi-Strauss had proposed a formula for the structure of narrative, but unlike Propp, his formula was totally algebraic involving “functions” and “terms”.

Segundo Dundes, quando Lévi-Strauss leu o livro de Propp e escreveu seu artigo, ele o elogiou, e também o criticou, mas como ressalta Dundes, é com as críticas direcionadas a Propp que o presente artigo objetivou discutir. Dundes inicia com a escolha de Propp sobre os contos maravilhosos e não pelos mitos. Lévi-Strauss o acusa de que os contos são exemplos precários para se fazer uma análise estruturalista, e o que já foi dito anteriormente, até mesmo na defesa que Propp faz dele mesmo, Propp se sente insultado quando lê que escolheu os contos pela falta de conhecimento dos mitos.

Dundes traz os dados do debate, desde sua primeira publicação na edição italiana até sua publicação no livro *Theory and history of folklore* (1984) que excluiu as notas de rodapé da resposta de Propp e que mostram que o autor russo tinha conhecimento do trabalho de Dundes (a morfologia dos contos ameríndios). Dundes realmente está interessado em “crucificar” Lévi-Strauss, pois ao tentar “comprovar” a teoria de que os mitos têm oposição binária mais evidente que os contos maravilhosos (1997, p. 45), Dundes utiliza a análise estrutural que ele fez em 1955 sobre a história de Édipo, e o acusa de não saber definir um gênero, já que Édipo não seria um mito, e sim, um conto popular: “Então Lévi-Strauss, assim como Propp, começou sua análise do “mito” com um conto popular⁶⁶!” (1997, p. 45, tradução nossa).

Dundes não para por aí nas suas acusações, ao escrever que muitos dos exemplos utilizados pelo autor francês na verdade são todos contos populares. As acusações chegam a um ponto que Dundes se questiona a mesma pergunta que Lévi-Strauss fez a Propp:

Se as narrativas Édipo, Asdiwal e Bird-nester são todas mais contos populares do que mitos, então nós talvez perguntemos a Lévi-Strauss a mesma pergunta que ele fez a Propp: se contos populares são construídos em oposições mais fracas do que nos mitos, porque Lévi-Strauss escolheu contos populares em vez de mitos para demonstrar sua teoria de oposições binárias? Parece-me que Lévi-Strauss está preso na sua própria armadilha! (1997, p. 46, tradução nossa)⁶⁷.

O autor finaliza seu artigo dizendo que o objetivo também era ser “uma mediação construtiva” do debate Propp-Lévi-Strauss. Por fim, com a recepção de Lévi-Strauss foi possível compreender alguns aspectos importantes da historiografia. O *zeitgeist* de uma obra é uma referência que talvez não seja a principal, o que se sabe é que ela determina e delinea a enunciação presente no texto. O leitor, no caso Lévi-Strauss, equivocadamente colocou

⁶⁶ So it turns out that Lévi-Strauss, like Propp, began his analysis of “myth” with a folktale!

⁶⁷ If the Oedipus, Asdiwal, and bird-nester narratives are all folktales rather than myths, then we might pose to Lévi-Strauss the same question he addressed to Propp: if folktales are constructed on weaker oppositions than those found in myths, why did Lévi-Strauss choose folktales rather than myths to demonstrate his theory of binary oppositions? It seems to me that Lévi-Strauss is hoist by his own petard!

Morfologia sob a luz de um rótulo, e o que se viu foram anos e anos em que diversos autores tomaram como referência essa célebre discussão. De fato, a importância da crítica de Lévi-Strauss mais reside no resultado do que no conteúdo, pois é bem provável que sem ela, *Morfologia*, talvez não tivesse sua fama na França. O autor francês acabou por disseminar a teoria propiana.

CAPÍTULO 4

SEGUIDORES DE PROPP

Este capítulo aborda como os seguidores de Propp utilizaram sua teoria nos próprios trabalhos. Esta segunda recepção, Haroldo de Campos, Alan Dundes, Claude Bremond e Algirdas Julien Greimas, permite visualizar a amplitude da obra *Morfologia* em diferentes estudos, aplicando-a em outros materiais folclóricos, ou reduzindo e modificando para abranger outras narrativas, em geral.

4.1. O Macunaíma morfologizado por Haroldo de Campos

No prefácio de *Morfologia*, Boris Schnaiderman escreve que a aplicação mais “criativa” da teoria proppiana é o livro de Haroldo de Campos. Segundo Schnaiderman (2006, p. XVI), mesmo que Haroldo de Campos não tenha tido acesso na época da publicação de seu livro aos outros trabalhos de Propp, a respeito das relações do folclore e literatura e o método, o autor brasileiro soube através do *Macunaíma* “unir a riqueza da criação literária com o apego ao cânone do conto popular”. Haroldo de Campos ao utilizar a teoria proppiana conseguiu “mostrar a lógica peculiar da obra, e todo o seu trabalho resulta numa lúcida exaltação da ‘rapsódia’ marioandradiana” (SCHNAIDERMAN, 2006, p. XVII).

O livro *Morfologia do Macunaíma* escrito por Haroldo de Campos em 1973 é um dos textos que rendem homenagem ao trabalho de Propp⁶⁸. Na primeira parte “Marcação do percurso”, Haroldo de Campos discorre sobre como apareceu o livro, sendo este um ensaio proveniente de suas pesquisas sobre a prosa modernista brasileira de Mário de Andrade. O objetivo do autor foi mostrar ao público que a audaciosa obra *Macunaíma* é, na verdade, uma obra estruturada de acordo com as leis das fábulas:

Pretendo ter podido demonstrar que o *Macunaíma*, longe de ser uma obra caótica e malograda, presidida por um associativismo subjetivista tão ao gosto do primeiro “psicologismo” do seu autor, é uma obra meticulosamente estruturada de acordo com os princípios de coerência *sui generis*, diretamente hauridos na lógica fabular, explicáveis à luz da tipologia funcional proppiana [...] (CAMPOS, 1973, p. 7, grifos do autor).

⁶⁸ Quando a obra foi escolhida, o objetivo era focar no primeiro capítulo “A obra e o método” que corresponderia à abordagem adotada pelo autor pelo viés de *Morfologia*. Durante a leitura desse livro foi necessário resgatar a obra por inteiro, visto sua importância para dialogar com a recepção de *Morfologia*, em especial por ser uma recepção brasileira.

Na parte “Configuração”, Haroldo de Campos traça um paralelo, ou em outras palavras, “em simetria inversa” ao nascimento de *Morfologia* e do *Macunaíma*, mostrando os aspectos do “homem estrutural”, e utiliza como aparato teórico a comparação já expressa por Jakobson sobre a regularidade dos padrões linguísticos, assim como no folclore. De um lado Propp e do outro Mário de Andrade, ambos atuando em esferas distintas e estruturalizantes. Além disso, ambas as obras foram publicadas em 1928, perfazendo o que Campos denomina de “significativa coincidência”.

No “Desenvolvimento do paralelo”, Campos faz um levantamento da obra de Propp dando ao leitor dados da publicação, da tradução, da abordagem dos estudos folclóricos feitos na Rússia na época, e inclusive problemas e escolhas de termos de *Morfologia*. Por isso, Campos adotou o termo fábula, seguindo a edição do italiano, criticando a tradução americana (1958), que escolheu o termo *fairy tales*. Termo que levaria vários leitores ao equívoco de pensarem que o esquema proppiano se trata dos contos de fadas, tal como aconteceu com o professor Lévi-Strauss.

Quanto ao paralelo entre Propp-Mário lançado por Haroldo de Campos, na verdade, foi percebido pelos mineiros⁶⁹ Laís Corrêa de Araújo e por Affonso Ávila, em que ambos reivindicam para Mário de Andrade a “precedência” do processo de estruturação de Propp, método composicional que o autor Barthes faz referência (apud CAMPOS, 1973, p. 23). Para Haroldo de Campos tal paralelismo percebido pelos autores mineiros reflete o aspecto de um decompor e o outro compor fábula(s).

Haroldo de Campos finaliza este trecho do ensaio explicando o método de Propp em relação ao *Macunaíma*, que é uma “superfábula” construída a partir de um material semelhante ao do conto de magia russo, pois até mesmo Propp em *Morfologia* e na sua resposta a Lévi-Strauss anteviu as possibilidades de que seu método talvez fosse aplicável a outros tipos de narrativa:

Basta dizer que o núcleo articulatório da “rapsódia” brasileira se põe entre a *perda* (venda/roubo) da “muiraquitã” (amuleto) de *Macunaíma* e o seu *resgate* pelo herói (no caso também a “vítima” da “perda” ou “dano” (através de uma competição com um “antagonista” (o gigante Venceslau Pietro Pietra) PP. 42 a 174 da 2ª edição. Este miolo estrutural – esta “grande sintagmática” – coincide em substância com a ação propriamente dita do conto de magia, que se abre com um “dano” (exórdio) e atinge seu ponto culminante com a “remoção do malfeito ou da falta” (funções VIII e XIX do elenco de Propp) (CAMPOS, 1973, p. 32, grifos do autor).

⁶⁹ Nota a tradução de um artigo de Barthes publicada no Estado de Minas, 1963, “Macunaíma: Tradição e Atualidade”.

Haroldo de Campos relata as aproximações do *Macunaíma* com o inventário de Propp que possui também uma situação inicial, mas há a ausência de algumas funções, por exemplo, a “perseguição do herói”. O autor brasileiro também utiliza de outras teorias para complementar a metodologia de Propp, como o “processo de degradação” de Bremond é utilizado quando Macunaíma perde a muiraquitã pela segunda vez.

Em “Introdução à Análise Detalhada”, o autor mostra ao leitor como acontece o “engendramento da fábula” tanto pelo viés teórico de Propp como pela construção literária de Mário. Haroldo de Campos problematiza os conceitos proppianos, os personagens e os seus atributos, e também outros aspectos editoriais da tradução americana, neste caso a omissão das epígrafes goethianas.

O autor compara o inventário proppiano nos termos de Saussure, na separação entre sintagma e paradigma. A visão paradigmática de uma leitura dos contos já esquematizados, e a leitura sintagmática de cada conto com seus respectivos títulos e signos, descartando quando Lévi-Strauss afirma que o trabalho de Propp é vazio de conteúdo em prol da forma:

O esquema elaborado por Propp como o embrião de uma verdadeira *partitura fabular*, onde as duas dimensões são consideradas, permitindo em específico a leitura vertical (paradigmática) das rubricas. Propp imagina as tabelas dispostas numa folha, com os títulos na horizontal (seguindo a ordem das funções dos personagens indicada no Cap III) e os dados respectivos na vertical (com pequenas variações de ordem que não alteram o quadro geral) (1973, p. 57, grifos do autor).

Nesta parte do texto, Campos evidencia sua hipótese em que o *Macunaíma* mesmo sendo uma invenção literária segue o fio condutor do conto maravilhoso através da engenhosidade de Mário de Andrade:

No caso do *Macunaíma*, a pertinência do método de Propp se impõe como hipótese de trabalho. Embora se trate de uma obra de invenção literária (e de singular e marcante invenção), tem como substrato basilar o cânon da fábula, que Mário, como estudioso do folclore, depreendeu à maravilha (senão teoricamente, na prática do seu texto). É uma obra em que o rasgo de invenção, imprevisto, emerge de um inventário previsível, porque haurido em fonte fabular: o lendário recolhido por Koch-Grünberg⁷⁰, sobretudo, que, como se demonstrará, oferece grandes semelhanças estruturais com o “conto de magia” russo (1973, p. 65, grifos do autor).

Haroldo de Campos afirma que a lógica da “rapsódia” marioandradiana deve ser buscada na lógica fabular e através do *corpus* do lendário Koch-Grünberg que se assemelha

⁷⁰ “Mitos e lendas dos índios Taulipang e Arekuná”, *Revista do Museu Paulista*, N.S. VII, São Paulo, 1953, p. 9-202. Disponível em: <http://www.brasiliana.usp.br/node/473>.

ao trabalho de Propp. O *Macunaíma* mesmo sendo uma produção “individual” deve ser considerado como obra coletiva, já que sua construção é dada pelo povo. O autor ressalta a diferença entre folclore e literatura e recorre para isso ao trabalho de Roman Jakobson e Piotr Bogatiriév (1929):

Assim como a *langue*, a obra de folclore é extra-individual e tem existência apenas potencial; é somente um complexo de normas estabelecidas e de estímulos, um esqueleto de tradições presentes que o contador vivifica mediante os ornamentos de criação individual, assim como procede o emissor da *parole* em relação à *langue* [...] a obra literária é objetivada, existe concretamente, independentemente do leitor; cada leitor subsequente retorna diretamente à obra. Não há, como no folclore, um percurso de contador a contador, mas ao invés um caminho que parte da obra para o leitor. (apud CAMPOS, 1973, p. 71, grifos do autor).

A Literatura é um fato de *parole* enquanto o folclore seria um fato de *langue*. O *Macunaíma* seria para Haroldo de Campos a suspensão desta divisão, pois representaria ao mesmo tempo um fato de *parole* e *langue*: “Oferece-nos, no caso privilegiado do *Macunaíma*, o instrumento adequado para a compreensão da lógica estrutural do livro, vista como a transposição das técnicas do fabular, formalizadas no cânon folclórico, para o plano da literatura de imaginação” (1973, p. 73, grifos do autor).

O autor conclui esta parte com seus objetivos, que são encontrar a estrutura morfológica em *Macunaíma*, assim como fez Propp com os contos, e identificar as assimilações e transformações conduzidas por Mário de Andrade. O foco de Haroldo de Campos é aplicar empiricamente a um texto literário a teoria de Propp, que lhe parece apropriado e o que lhe permite buscar em outros autores apoio para sua discussão.

A segunda parte intitulada, “A situação inicial”, capítulo quatro, coincide com o início do inventário proppiano, que não é exatamente uma função, mas um aspecto morfológico do conto. Nesta parte do texto, Haroldo de Campos analisa o *Macunaíma* segundo as funções e outros elementos teóricos que complementam sua análise⁷¹.

Em sua análise, Haroldo de Campos divide o livro segundo os elementos definidos por Propp, e deixa de lado os que não aparecem no *Macunaíma*. Da situação inicial, ele cita as primeira e segunda rubricas e pula para a sétima⁷². Além disso, o autor sempre cita qual mito Mário de Andrade utilizou do lendário Koch-Grünberg, e interpreta a composição marioandradiana como um todo à luz de outros teóricos.

⁷¹ No início de cada capítulo da segunda parte do livro, o autor brasileiro deixa entre parênteses o número da tabela de análise, e as quais capítulos de *Macunaíma* correspondem cada tabela. Haroldo de Campos segue sua análise morfológica, utilizando esses dados para a tabulação dos contos, que difere do capítulo III (que mostra apenas as funções dos personagens). Este apêndice mostra todos os elementos do conto de magia.

⁷² Capítulo 4. “A situação inicial”. A tabela I que corresponde ao próprio título do capítulo, referente aos capítulos I e II do *Macunaíma*, e possui as rubricas proppianas: 1, 2, 7, 8, 9, 12, 13, 15, 16-20, 21-23, 21, 22, 23.

Em relação à rubrica *situação inicial* tem-se no *Macunaíma*: No fundo do matovirgem nasceu Macunaíma, herói de nossa gente (M, 9). Nesta passagem reside o aspecto paradisíaco que segundo Propp faz parte do início das fábulas. Para Jakobson essas narrativas são marcadas “pelas fórmulas introdutórias” que buscam chamar atenção do auditório nos contos russos.

O capítulo 5⁷³, “Parte Preparatória: proibições/infrações”⁷⁴, Haroldo de Campos seguindo os passos de Propp reconhece que, para existir uma fábula é necessário que aconteça um dano para que seja possível o desenvolvimento de uma narratividade. Sem dano não há história a ser contada. Portanto, o princípio da história é que o dano seja restaurado.

A cronologia da teoria proppiana acontece na sucessão das funções como um grande sintagma, e como o próprio autor russo já identificou a possibilidade de ausência ou repetição de algumas funções, e também pelo fato de que os contos às vezes se corrompem ao expandirem o contato, Haroldo de Campos justifica a aplicação da teoria de *Morfologia* no *Macunaíma*:

Estas preliminares permitem desde logo reconhecer que o *Macunaíma*, com toda a complexidade suplementar que lhe acarreta o fato de se tratar da elaboração erudita de um lendário sincrético (extraído sobretudo da recolta KG, mas com acréscimos e enxertos de outras procedências), acomoda-se perfeitamente ao esquema estrutura do “conto de magia”. O “grande sintagma” que arcabouça todo o livro, dando-lhe coerência e unidade, articula-se entre o roubo e a recuperação do talismã do herói, a “muiiraquitã”. Assim, não é de estranhar que certas funções da tabulação proppiana estejam ausentes e que outras sofram tratamento repetitivo, uma vez que tal fato ocorre no próprio *corpus* examinado pelo analista russo (1973, p. 124, grifos do autor).

Há ainda nesta parte, o que Campos denomina de “microfábulas” que são como um “prelúdio” a ação principal do livro e “são comparáveis aos ‘motivemas intermédios’ de Dundes, moldados no esquema ‘interdito/violação’ correspondente ao par de funções de Propp” (CAMPOS, 1973, p. 127). Isso significa que dentro do texto existem passagens que configuram uma fábula dentro da fábula, no caso de *Macunaíma*, o exemplo dado remete ao seguinte trecho: a) Macunaíma flecha uma veada parida/Mata a mãe (M, 23). A interdição não está explícita no texto, mas na própria lenda, afirma Haroldo de Campos (1973, p. 127).

O sexto capítulo da segunda parte, “O exórdio: o dano e o antagonista”⁷⁵ remete ao movimento principal da história de *Macunaíma*. O sétimo capítulo, “Os doadores e o meio

⁷³ Neste capítulo, a parte preparatória segue as seguintes rubricas proppianas: 24-26, 30-32 e 27-29, mas que no *Macunaíma* acontece de forma inversa aos contos de magia russos.

⁷⁴ Corresponde a II tabela, e aos capítulos II desde a página 23, e III do *Macunaíma*.

⁷⁵ Corresponde à tabela III proppiana e ao capítulo IV do *Macunaíma*. As rubricas na edição utilizada por Campos são 45-50, 51-56 e 57-59, 60, 61, 62-65, 66, 67-68 e na edição deste trabalho configuram sempre um número a mais, da 46-69.

mágico”⁷⁶ é apenas um “esboço” das funções proppianas. O capítulo 8 corresponde, “A luta com o antagonista: reparação do dano”⁷⁷, ou seja, a luta com Macunaíma e Piaimã que é adiado através da “suspensão épica”, afirma Campos (1973, p. 171). Mas quando a luta finalmente acontece, há a vitória sobre o antagonista por meio da astúcia, elemento típico das fábulas humorísticas.

O nono capítulo “O segundo movimento” corresponde do XV ao XVII capítulos do *Macunaíma*. A primeira parte, ou movimento do livro é encerrado com a recuperação da “muiraquitã” e a morte de Piaimã. Como o livro não acaba, é necessário que ocorra outro “dano” para que a narrativa continue, aspecto já ressaltado por Propp quando no conto há mais de uma sequência. Mário de Andrade “moldou uma sequência aditiva para o *Macunaíma* que parece responder, exatamente, a esses requisitos funcionais” (CAMPOS, 1973, 227). Esses requisitos são elaborados por Bremond, pois para que uma narrativa termine é necessário ser restaurado o equilíbrio, e para que haja continuidade é preciso que aconteça novamente outra tensão ou uma nova oposição. Haroldo de Campos define o segundo movimento morfologicamente da seguinte forma:

O “segundo movimento” do *Macunaíma* – abrangendo os Caps. XV, XVI, e XVII – configura-se, portanto, como um “grande sintagma” adicional, de menos complexidade articulatória que o “grande sintagma” anterior. Desenvolve-se de maneira a produzir a repetição da “função fundamental” (que dá início ao “exórdio” ou “nó da intriga”, à “ação narrativa propriamente dita”) do “primeiro movimento” (Tabela III): o “dano” (no livro, a perda da “muiraquitã”) (CAMPOS, 1973, p. 250, grifo do autor).

O segundo dano acontece no plano funcional e foge do que é normalmente estabelecido pela estrutura fabular, lembrando que desde a *Poética* de Aristóteles, *désis* (complicação) relaciona-se a *lúsis* (desenlace). Contudo, o equilíbrio não é restituído na segunda parte de *Macunaíma*, não há reparação do dano, portanto, quanto à tabulação proppiana há somente a função do “dano”. Segundo o autor “de fato, a irresolução funcional faz parte integrante do projeto artístico de Mário, acarretando o ‘trespasse’ (“morte” ou desaparecimento terreno) do herói e sua metamorfose estelar” (CAMPOS, 1973, p. 251). O desfecho do livro de Haroldo de Campos, a terceira parte “O sequestro do texto ausente”, o Epílogo, o autor deixa um “post-scriptum” ao livro *Morfologia*, como que a lembrar os leitores um último recado:

⁷⁶ Tabela IV e capítulo V do *Macunaíma*. A partir desse capítulo as referências das rubricas sempre terão um número a mais na edição brasileira. As rubricas desse capítulo são 69, 70-76, 77, 78, 79-80.

⁷⁷ Tabela V, e do capítulo V ao XIV do *Macunaíma*, com as seguintes rubricas 81-88, 89, 90, 91, 92-96, 101-104, 105-106, 107-108, 109-112, 113-118, 119, 120-123 e 124-126.

Com a irreparação do segundo “dano” e a perda definitiva da muiraquitã, o agenciamento “funcional” do *Macunaíma* termina. Da ação propriamente dita, o livro se transfere agora para um outro nível: o da sublimação alegórica. O herói “infeliz”, não podendo superar a fase de “degradação” (não podendo mais viver na terra), busca refúgio no “céu”: excelsifica-se, vira “estrela”. “ser astro” – explica Mário de Andrade a Manuel Bandeira – “é o destino fatal dos seres (tradição)”, quando estes ficam “sem que fazer nesta terra” (CAMPOS, 1973, p. 263, grifo do autor)

A fábula contém, segundo Propp, elementos de tradição religiosa que com o decorrer do tempo viram conteúdos das fábulas. Assim, Haroldo de Campos continua a interpretação do *Macunaíma* por outro viés de análise. O livro *Morfologia do Macunaíma* é uma obra exemplar da recepção proppiana, pois o autor brasileiro conseguiu trazer para uma obra estética a reflexão contida nos contos populares russos, mostrando as possibilidades de aplicação do trabalho de Propp.

4.2. Alan Dundes e os contos ameríndios depreciados

A *Morfologia dos contos indígenas norte-americanos* é um livro que recolhe nove ensaios de Alan Dundes, mostrando a relevância do estudo morfológico em materiais folclóricos, como os contos ameríndios. Mas para este trabalho, o primeiro ensaio serviu como norteador para os outros do método empregado pelo autor americano. Este ensaio pode ser colocado juntamente com o de Haroldo de Campos, pois ambos fizeram da teoria proppiana a metodologia de suas obras, e de maneira original mostraram como o estudo de Propp é abrangente. No prefácio, Dundes afirma:

Embora eu deva muito a diversos folcloristas do passado, gostaria de mencionar especificamente duas obras eruditas que deram embasamento teórico ao presente estudo. O livro de Vladimir Propp, *Morphology of the folktale*, e a tese de doutorado, inédita, de Remedios Wycoco (Moore), *The Types of North-American Indian Tales*, estiveram sempre ao meu lado para consulta rápida. Sem estas duas obras, minha tarefa teria sido muito mais árdua (DUNDES, 1996, p. 18, grifos do autor).

Os contos dos índios norte-americanos até então eram vistos e estudados de maneira superficial pelos teóricos da época, pois se considerava que eles não tinham uma estrutura que possibilitasse o estudo, tal como os contos europeus. Reverter essa visão era o principal objetivo no trabalho de Dundes:

A tese que defendo é, em essência, que os contos indígenas norte-americanos são altamente estruturados. Na tentativa de demonstrar a validade dessa tese, seremos

forçados a examinar um grande número desses contos. [...] nenhuma tentativa foi feita para estudar os contos de uma tribo ou área de cultura particular, pela simples razão de que os contos populares, assim como outros materiais folclóricos, raramente estão confinados a limites geográficos, históricos e culturais tão claramente definidos (1996, p. 20-21).

No final da introdução, ele traça as etapas de seu estudo e é quase impossível não notar que a estrutura também é muito parecida com *Morfologia* de Propp. Primeiro, o autor americano mostra a problemática e um levantamento histórico dos estudos feitos nos contos ameríndios. Depois dedica algumas páginas sobre a abordagem estrutural para, finalmente, mostrar como a teoria de Propp e Kenneth L. Pike (1912-2000) foram aplicadas nos contos de seu *corpus*:

O plano de ataque começa com um levantamento de estudos anteriores na área da estrutura e morfologia dos contos indígenas norte-americanos. Vem a seguir um esboço da abordagem estrutural do estudo dos contos populares. Depois desses itens introdutórios, serão estabelecidos modelos estruturais específicos de vários desses contos ameríndios, com exemplos. No entanto, vários deles serão apresentados agora, pela simples razão de que o leitor, conhecendo os modelos estruturais, terá pouca dificuldade para perceber a estrutura básica da maioria dos contos indígenas norte-americanos (DUNDES, 1996, p. 21).

Nesta parte, o autor ressalta como têm sido feito os estudos folclóricos de sua época, e conclui que essa área tem os problemas de uma ciência imatura e sem estruturação, e no qual os folcloristas tendem a preterir o conto ameríndio em relação ao europeu: “Na realidade muitos folcloristas se mostram inclinados preferencialmente a considerar os contos dos índios norte-americanos como um conjunto destituído de estrutura” (DUNDES, 1996, p. 27). Tal afirmativa é derrubada no trabalho, quando ele consegue mostrar a estrutura que reside nos contos ameríndios através da morfologia.

O maior problema residia na falta de coerência terminológica dos folcloristas ao tentarem definir as partes dos contos ameríndios, mostrando que o campo ainda precisava de uma metodologia comum e definida. Dessa forma, Dundes conclui que:

Esse desacordo entre os folcloristas no tocante à terminologia para designar as unidades dos contos indígenas norte-americanos reflete a falta de rigor científico de grande parte da pesquisa folclórica [...] Reichard afirmou que não se pode estabelecer uma distinção exata entre elementos e episódios, ainda se faz necessária uma melhor definição das unidades estruturais de análise (1996, p. 48).

Da mesma maneira que Propp, Dundes propõe que antes de se fazer um estudo tipológico dos contos é necessário estudá-los morfologicamente e definir seus elementos respectivos:

Essas unidades estruturais são necessárias para um estudo adequado da morfologia. Além disso, uma vez que a tipologia depende de prévia análise morfológica, a tipologia dos contos indígenas norte-americanos deve ser preterida até que tenham sido estabelecidas as unidades estruturais (1996, p. 48).

O levantamento que Dundes faz da situação acadêmica do folclore demonstra que a disciplina precisa de maior dedicação dos estudiosos, e devido à falta de uma base teórica, ou a ausência de “definição de unidades estruturais” apropriadas, resultou naquele período o pensamento corrente de que aos contos faltava forma.

Em “O estudo estrutural dos contos tradicionais”, o autor ressalta que o estudo estrutural é visivelmente mais sincrônico e holístico, do que diacrônico e atomístico. Para tratar dos estudos estruturalistas, Dundes destaca as abordagens atuais na teoria literária e na antropologia: formalismo, New Criticism, Linguística Estrutural Sincrônica, psicologia Gestalt e a abordagem por padrão, com objetivo de mostrar a mudança vigente de paradigma no século XX, na tentativa de deixar os estudos com um caráter mais científico e a tendência de reconhecer padrões estruturais.

Saussure já havia percebido que análise sincrônica se contrapunha à diacrônica, e muitas dessas percepções feitas por outros linguistas também seriam de extrema importância para análise folclórica, como afirma Dundes (1996, p. 53), pois o século XX procurava sistematizar suas teorias, e deixar de lado a abordagem atomística dos filólogos. Essa contraposição entre estrutura e atomismo parece ter sido relevante também para teoria da Gestalt, e na antropologia, Lowie (1914) havia percebido a existência de padrões como aspecto fundamental na “formação de culturas específicas”.

Mesmo com todas as revoluções do pensamento estrutural nas diversas áreas, “a maioria dos folcloristas continuaram alheios aos novos mundos que se abriam diante deles” é o que postula Dundes (1996, p. 58), como um desabafo de ver sua ciência presa ao passado atomístico, agora tão condenado nas ciências humanas. Nem os estudos folclóricos escapavam da metodologia já tão estabelecida:

Mesmo o estudo de tipos de conto Aarne-Thompson individuais é essencialmente atomístico, na medida em que cada conto assim examinado é analisado sem relação com todos os outros contos tradicionais (com exceção de alguns poucos que podem ser relacionados historicamente). Como Propp observou, as obras da escola histórico-geográfica “partem da premissa inconsciente de que cada trecho é de certo modo um todo orgânico que pode ser separado de vários outros trechos e estudado independentemente” (DUNDES, 1996, p. 63).

Ao retratar os estudos estruturais feitos na antropologia e ao citar Lévi-Strauss, Dundes faz duras críticas ao seu trabalho. O autor francês no ano de 1955 publicou o artigo

“O estudo estrutural do mito”, e mesmo Dundes, ressaltando a importância de Lévi-Strauss ter feito um estudo sincrônico dos mitos e o modo em que os elementos se combinam, Dundes foca sua análise em mostrar a “série de erros metodológicos e teóricos sérios, sem falar da falta geral de lucidez na apresentação” (1996, p. 68):

No entanto, Lévi-Strauss sugere que se leiam os padrões estruturais do mito como se lê uma partitura musical, ao mesmo tempo sincronicamente (harmonia) e diacronicamente (melodia). A analogia musical está errada na medida em que o mito tem apenas uma estrutura linear (melodia) e não tem qualquer analogia aparente com notas num eixo vertical (harmonia) [...] É digno de nota que mesmo defensores da abordagem do mito de Lévi-Strauss concordem em que não é fácil acompanhar o fio de suas ideias e que sua teoria é “bastante difícil de ser testada” (DUNDES, 1996, p. 74-75).

Feito o levantamento histórico, Dundes destaca novamente a relevância do trabalho de Propp entre os outros já publicados, e até mesmo entre outros teóricos por ele mesmo utilizado, e afirma que o trabalho estrutural mais relevante seria o livro *Morfologia*:

Apesar de todos os trabalhos de estudiosos como Jakobson, Stender-Petersen, Lévi-Strauss e Sebeok, a contribuição mais importante ao estudo estrutural dos contos populares provém de obra anterior, isto é, do trabalho realizado por Vladimir Propp em seu livro *Morfologia do Conto Maravilhoso*. Nesta obra, que foi publicada em 1928, um ano antes do ensaio de Jakobson e Bogatyrev, Propp tentou delinear uma morfologia dos contos de fada (DUNDES, 1996, p. 80-81, grifos do autor).

Nesta parte de seu ensaio, o autor faz uma síntese da obra proppiana e dos conceitos principais, as funções e os personagens, comparando-os com outros estudos folclóricos próximos. Dundes fala das primeiras funções do inventário proppiano. As sete primeiras funções são vistas como parte preparatória do conto, ou seja, da oitava função que é o dano. Entretanto, se no conto aparecer o par 2-3 (interdição-violação) não acontece o par 6-7 (ardil-engano) e vice-versa, pois cada par tem como objetivo gerar o dano. O autor percebeu que outro conceito relevante na obra de Propp é a noção de pares de função ou funções gêmeas:

Existem várias destas funções gêmeas: por exemplo, combate/vitória (funções 16 e 18); perseguição/salvamento (funções 21 e 22); mas talvez um dos pares mais importantes seja constituído pelas funções 8 (ou 8^a) e 19. A função 19 (“o dano inicial ou carência é reparado”) forma um par com a função 8 ou 8^a. Em alguns casos, ocorre apenas um membro de um par de função, mas nesse caso aparece usualmente a segunda metade do par de função gêmea (DUNDES, 1996, p. 85).

Dundes problematiza os estudos anteriores a Propp, como a classificação feita por Aarne-Thompson, cuja classificação dos contos é feita com base no conteúdo, e também as complicações quanto ao termo *folktale* que era abrangente demais e que demonstrou o “fracasso” de definir termos básicos no estudo do folclore.

Havia neste período uma ideia de tentar aplicar no folclore o mesmo modelo aplicado aos estudos da linguística, o que Dundes acreditava ser útil, pelo menos em relação às unidades, mas nem todos pensavam assim, em especial em relação aos estudos da cultura.

Segundo o autor (1996, p. 88), “Voegelin e Harris sustentam que todas as tentativas de estender à análise da cultura as unidades do tipo linguístico como o fonema foram inúteis”. De acordo com Dundes, mesmo os antropólogos desistiram de encontrar unidades referentes à cultura. Até que apareceu no panorama, o antropólogo e linguista Kenneth L. Pike, cuja teoria Dundes utilizou para analisar os contos ameríndios.

Pike vê como parte do comportamento humano, o comportamento verbal. Os termos utilizados por ele são ético versus êmico. O primeiro é definido pelo analista que abstrai sem considerar a “verdadeira estrutura nos dados particulares”, ou seja, é classificatório. Enquanto o segundo é estrutural, que busca encontrar e descrever o padrão nos elementos que se relacionam e formam um todo, seja na língua ou numa cultura, afirma Dundes (1996, p. 89-90).

Segundo Dundes, o trabalho de Pike é importante para sua pesquisa porque possui três unidades êmicas denominadas de modos: distintivo, manifestacional e distribucional. A função proppiana corresponderia aos três modos, mas mais especificamente ao modo distintivo:

Por exemplo, o modo distintivo da função 8 seria expresso como “dano”. O modo manifestacional consistem em todas “variantes físicas de ocorrência não-simultânea” da função. [...] O modo distribucional consistiria nas características posicionais de uma função específica, isto é, onde ela ocorre entre as trinta e uma funções possíveis (DUNDES, 1996, p. 94).

Dundes combina os esquemas de Propp e de Pike, pois a unidade de Propp é a função, e não há um termo que defina os elementos que cumprem a função (modo manifestacional), enquanto Pike denomina a unidade mínima do modo distintivo de *motivo êmico* ou *motivema*. Utilizando o termo de Pike, o *motivema*, poderia ser utilizado também, o termo *alomotivo*, que são os motivos que ocorrem em qualquer contexto motivêmico dado. Segundo o autor, os motivos ficam como elementos que preenchem os motivemas, unidade mínima distintiva. Então, com os termos definidos de sua metodologia, Dundes descreve a morfologia dos contos ameríndios.

Segundo Dundes, a recorrência de motivemas formam padrões limitados que são as bases estruturais dos contos norte-americanos. Os padrões motivêmicos descritos no seu trabalho são definidos em sequência nuclear bimotoivêmica, duas sequências tetramotivêmicas e uma combinação de seis motivemas.

Segundo Dundes, muitos contos ameríndios são compostos “por um movimento que leva do desequilíbrio ao equilíbrio”, daí a primeira parte da análise ter o título de, “A sequência nuclear bimotoivêmica: carência/reparação da carência”. O desequilíbrio nos contos pode tanto ser caracterizado pelo aspecto da carência quanto à abundância de algo, sendo exemplificada com a “inundação” num conto qualquer, em que o excesso de água geraria a perda de terra: “*os contos indígenas podem constituir-se simplesmente do relato de como a abundância foi perdida ou como a carência foi reparada*” (DUNDES, 1996, p. 98).

Às vezes os contos ameríndios que descrevem a reparação da carência possuem apenas os dois motivemas “carência-reparação da carência”. Como há possibilidade de existência de contos que possuam apenas os dois motivemas, este par representa “uma definição mínima de um tipo estrutural”. Dundes denomina como “sequência nuclear bimotoivêmica”. Nesse tipo de sequência aparecem motivemas mediais, mas também em número reduzido, em outras palavras, em três possíveis combinações:

1) *Tarefa* (ou prova), simboliza por T e a *Realização da Tarefa*, representado por RT (cf. as funções 25 e 26 de Propp); 2) *Interdição*, simbolizada por “Int”, e *Violação*, representada por “Viol” (cf. as funções 2 e 3 de Propp); e 3) *Ardil* abreviado para “Ard”, e *Engano* abreviado para “Eng” (cf. as funções 6 e 7 de Propp). A sequência Tarefa/Realização da Tarefa ocorre com menor frequência que as sequências Interdição/Violação e Ardil/Engano; por isso, não será discutida em detalhe (DUNDES, 1996, p. 100, grifos do autor).

Neste trabalho um conto foi utilizado para exemplificar a análise de Dundes, que compõe a amostra de seu *corpus*. Primeiro, a transcrição do texto e posteriormente a análise:

Texto-amostra 2

Há muito tempo atrás, o mundo era coberto com água e os animais tiveram desejo de um pouco de terra seca. O rato almiscarado ofereceu-se para mergulhar e ver o que podia trazer para a superfície. Carregou um pouco de lama na cauda, mas não foi suficiente e submergiu imediatamente. Em seguida, a lontra fez uma tentativa e falhou. Então o castor tentou e conseguiu trazer à superfície terra suficiente para formar uma pequena ilha. A partir daí o mundo cresceu (DUNDES, 1996, p. 22).

Fred Swindlehurst, “Folk-Lore of the Cree Indians”, *JAF*, 18:139, 1905.

Esse conto é um exemplo de conto nuclear bimotoivêmico com a sequência Tarefa/Realização da Tarefa:

A terra se perdeu (C); é dada uma tarefa, geralmente pelo herói da cultura, a um animal ou pássaro para mergulhar à procura de lama (T); depois de vários fracassos ou de várias tentativas de outros, um animal ou ave

consegue trazer lama (RT); a terra é restaurada ou criada (RC) (1996, p. 100).

A sequência tetramotivêmica: interdição/violação é um dos padrões mais recorrentes nos contos ameríndios e são constituídos por uma Interdição, Violação, Consequência e Tentativa de Fuga da Consequência. A estrutura mínima desse estilo contém a Violação e a Consequência. Neste trecho, Dundes também mostra ao leitor alguns exemplos de alomotivos para os dois primeiros motivemas de um conto que aparecem em outros contos (DUNDES, 1996, p. 105):

Sequência motivêmica interdição/violação

Conto 1 dos swampy crees

Um garotinho é advertido por sua irmã a não atirar num esquilo quando ele estiver perto d'água (Int). O garotinho atira num esquilo próximo da água (Viol).

Conto 2 dos lillooet

Alguns garotos que saíram para pescar chamam zombeteiramente por uma baleia. Um ancião os advertiu a que não a chamassem, porque isto provocaria o aparecimento de uma baleia que os engoliria (Int). Os garotos riram do ancião e continuaram a chamar (Viol).

A outra sequência tetramotivêmica é seguida pelo Ardil/Engano que possui os seguintes motivemas mediais: carência, ardil, engano e reparação da carência. Outro aspecto interessante, é que segundo Propp, o Ardil é obra de um vilão (apud DUNDES, 1996, p. 113), mas Dundes percebe que esse é um recurso frequentemente empregado por heróis, uma vez que a análise de Propp se referia aos contos russos. Os contos ameríndios não contém claramente esse dualismo entre bem e mal, ou herói e vilão como comumente aparece nos contos russos e europeus.

Na parte “A estrutura de contos mais complexos e mais extensos”, Dundes ressalta que as sequências anteriores contemplam grande parte dos contos ameríndios. Ele se questiona até que ponto a referente análise serviria a contos mais extensos, mas enfatiza também que o seu estudo é mais definir a morfologia de contos isolados, e não exatamente a estrutura de ciclos

heroicos extensos. Então, Dundes mostra que mesmo não sendo seu objetivo principal, alguns contos expandidos e mais complexos contém os mesmos motivemas. Em a “Importância da análise estrutural”, Dundes mostra as vantagens que a análise pode oferecer ao folclorista:

Em outras palavras, o estudo estrutural analisará ao mesmo tempo diversos contos. A vantagem que se pode ter com isso é que é possível examinar uma série de contos sem qualquer relação histórica entre si, mas estruturalmente idênticos, que ocorrem numa cultura particular (1996, p. 153).

A análise morfológica dos contos tradicionais também pode ser utilizada com as superstições (cf. exemplo p. 162), mostrando que esses dois gêneros podem ser estudados em conjunto:

Além da grande importância da análise estrutural para as questões de tipologia, predição, aculturação, análise de conteúdo e comparação entre gêneros, este tipo de análise também pode revelar-se útil no estudo da função e etiologia do folclore (ibidem, p. 164) Mesmo que não seja tarefa do morfologista como ressalta Propp e também Dundes, a análise estrutural pode ser muito útil para os estudos de origens históricas e psicológicas (DUNDES, 1996, p. 164).

Nas conclusões, Dundes confirma a hipótese de que nos contos indígenas norte-americanos há uma estrutura. Sua segunda conclusão é que mitos e contos tradicionais não são estruturalmente distintos, mas em sua função, conteúdo etc. Talvez seja possível distinguir pelo aspecto da carência, por exemplo, se for a restauração de uma carência individual, então se trata de um conto tradicional, mas se for de toda um comunidade então se trata de um mito:

Em compensação, a nova ciência do folclore deve incluir a análise estrutural sincrônica que conduzirá a formulação de definições precisas dos materiais folclóricos, definições baseadas em características morfológicas formais. Naturalmente, haverá lugar para estudos históricos diacrônicos, mas a necessidade primordial do folclore *enquanto ciência* são as análises estruturais descritivas de todos os gêneros folclóricos. Somente assim o estudo do folclore se converterá realmente numa ciência (DUNDES, 1996, p. 171, grifos do autor).

Portanto, se a tese de Dundes era mostrar a estrutura dos contos ameríndios norte-americanos, com este ensaio ele brilhantemente conseguiu destacar a repetição estrutural que reside nos contos de sua amostra e conduzindo, talvez, a um caminho para a continuidade dos estudos folclóricos. Assim como Haroldo de Campos, Alan Dundes conseguiu recuperar a teoria de Propp para sua análise dos contos ameríndios. É importante notar que em ambos a semelhança reside na escolha do corpus, ou seja, na escolha de um material popular (folclórico).

4.3. Claude Bremond: em busca de uma lógica para as narrativas

Segundo Dosse (2007), no campo literário, a revista *Communications* 4, no ano de 1964, representaria o futuro para essa área com a linguística estrutural. Nesta edição aparece um artigo de Bremond⁷⁸ que questiona a partir de *Morfologia* o limite da análise formal, defendendo-a e criticando a tradição literária historicizante da época. Dosse (2007, p. 274) afirma que Bremond busca uma abordagem “metódica da narração: por um lado, o trabalho classificatório, o do estudo comparativo das diversas formas de narratividade; e, por outro, o relacionamento, não das formas entre si, mas da ‘camada narrativa de uma mensagem com as outras camadas de significação’”.

Contudo, foi a publicação 8 de *Communications* que apresentou um programa de análise estrutural da narrativa com os principais teóricos semiológicos em 1966⁷⁹. Bremond retorna para definir, segundo Dosse (2007), “a lógica dos possíveis narrativos”. Neste trabalho, Bremond define uma premissa de categorias do comportamento humano, o que possibilita criar um modelo classificatório dos tipos de narrativa “em torno de uma estrutura referencial de base que, num segundo tempo, sofre um processo de complexificação, de adaptação a tal ou qual enraizamento espacial ou temporal” (DOSSE, 2007, p. 416).

Em 1973, Claude Bremond publicou a obra *Logique du récit*. O livro é resultado de uma leitura de *Morfologia* que com sua teoria das personagens, das ações encadeadas e as funções foi como um *insight* a Bremond (1973, p. 7) que se questiona: “nós nos perguntamos a quais condições esta formalização poderia ser transposta a outros gêneros narrativos, ou melhor, a todos os tipos de narrativas?”⁸⁰ (tradução nossa). Fica claro em sua pergunta qual seria seu objetivo em ler a obra de Propp. A primeira parte do livro reúne uma série de artigos escritos entre 1964 e 1971 em reação à leitura de Propp e de vários outros autores influenciados por seu trabalho. No primeiro capítulo denominado de “A herança de Propp”, na primeira parte “A mensagem narrativa”, o autor faz uma leitura crítica de *Morfologia*.

Segundo Bremond (1973), o nome de Propp na França deixa de ser desconhecido com a tradução americana de seu livro, seguido do artigo de Lévi-Strauss e de outros estudiosos que o tiraram da cortina de fumaça que perdurou por mais de 30 anos, escondendo o valor real da produção de Propp.

⁷⁸ Le message narratif. *Communications*, Paris: Seuil, n. 4, p. 5, 1964.

⁷⁹ Roland Barthes, Algirdas-Julien Greimas, Claude Bremond, Umberto Eco, Jules Gritti, Violette Morin, Christian Metz, Tzvetan Todorov e Gérard Genette (DOSSE, 2007, p. 414).

⁸⁰ Nous nous sommes demandé à quelles conditions cette formalisation pouvait être transposée à d’autres genres narratifs ou, mieux, à toute espèce de récits?

Bremond também se questiona, mesmo sabendo que o método de Propp se aplica aos contos russos, se o mesmo não poderia ser aplicado a todos os tipos de mensagens narrativas, já que sua teoria é “um nível de significação autônomo, dotado de uma estrutura que pode ser isolada do todo da mensagem: a narrativa⁸¹” (1973, p. 11-12, tradução nossa).

Bremond começa sua análise da obra de Propp pela definição da palavra morfologia pelo viés dos estudos botânicos, tal qual o autor russo define em seu livro, e critica os estudos feitos pelos folcloristas da época que desejam que do caos surja milagrosamente uma ordem, que explique a origem sem saberem a que base pelo menos compará-la, mas eles se esquecem de que “antes de um Darwin houve um Lineu” (1973, p. 12). O leitor de Bremond tem a possibilidade de compreender a obra de Propp claramente, pois o autor francês faz uma síntese minuciosa da teoria proppiana, problematizando as questões suscitadas por Propp. Contudo, destacam-se neste trabalho apenas as interpretações que o autor francês faz da teoria.

Quando Bremond enumera as 31 funções, ele discorda de Propp, criticando o esquema em que propõe que no conto pode existir a ausência de algumas das 31 funções, mas não há uma disposição sintagmática alternativa:

Para fazer isso, nós vimos que ele se baseava na exclusão de certas funções por outras. Mas nós também constatamos que nenhuma das funções identificadas por Propp é incompatível com qualquer outra. Nada impede um conto de ter toda a lista de funções de α à W . Não há bifurcações, alternativas, de “funções-pivô”. O narrador russo é comparável a um viajante que segue sempre o mesmo caminho⁸² [...] (1973, p. 18, tradução nossa).

Bremond mostra ao leitor, segundo a nota de rodapé que segue o trecho em seu livro, que Propp tenta reintroduzir uma classificação de quatro categorias de contos devido à incompatibilidade dos dois pares de função, nas palavras do autor francês, “nós negligenciamos o fato de que Propp se esforça” (1973, p. 18), retomando o artigo de Lévi-Strauss e convidando aos leitores a entenderem “sobre esta tentativa tão frágil quanto ingênuas”.

A análise de Bremond para no momento em que o autor russo determina os quatro elementos necessários do conto maravilhoso. Bremond toma como ponto de interpretação a terceira e a quarta teses de Propp, respectivamente sobre a sequência das funções serem

⁸¹ C’est une couche de signification autonome, dotée d’une structure qui peut être isolée de l’ensemble du message: le *récit*.

⁸² Pour ce faire, nous avons vu qu’il comptait sur l’exclusion de certaines fonctions par d’autres. Mais nous avons également constaté qu’aucune des fonctions relevées par Propp n’est incompatible avec aucune autre. Rien empêche un conte de contenir toute la liste des fonctions de α à W . Il n’y a pas de bifurcations, d’alternatives, de “fonctions-pivot”. Le conteur russe est comparable à un voyageur qui suit toujours le même chemin [...].

sempre idênticas e que todos os contos populares pelo ponto de vista da estrutura pertencem a um mesmo tipo. Bremond (1973, p. 19) destaca que ambas as teses mostram que no conto há a ausência de funções-pivôs que mudariam o curso da narrativa, e outros tipos de narrativas não são tão uniformes, e possuem bifurcações nas quais o narrador é livre para escolher qual caminho seguir. Bremond questiona sobre as possibilidades de adaptação da teoria proppiana, qual seria o custo, e se não teria sido uma sorte de Propp o sucesso de sua teoria junto a um material favorável.

Bremond levanta hipóteses para suas perguntas e foca em duas:

A. Talvez, como Propp supôs, seu método lhe permite colocar em evidência, a partir de um material a que se prestaria, as “funções-pivôs”: é a ausência de tais funções no conto popular russo que conduz ao resultado constatado; B. Talvez o método de Propp seja tal que não permita encontrá-las. Neste caso, nova alternativa: a) talvez o conto popular russo não comporte funções-pivôs, se bem que o método de Propp lhe é adequado, mas não se aplica tal qual a outros materiais; b) talvez o conto popular russo comporte na verdade funções-pivôs, pelo menos no estado embrionário, e é o método seguido por Propp que conduz a suas eliminações. Nós acreditamos que a hipótese B, e a opção b, são as corretas (1973, p. 20, tradução nossa)⁸³.

Bremond questiona que o encadeamento cronológico que Propp coloca na ordem das funções não permite que haja uma alternativa, pois a função se define segundo suas consequências, “não se vê como consequências opostas poderiam aparecer⁸⁴” (1973, p. 21, tradução nossa). O autor francês ilustra esse problema com um conto em que o herói na luta com o dragão acaba por virar prisioneiro, e somente o segundo herói que cumprirá o salvamento da princesa, entretanto não se encaixa o primeiro na função de luta, pois só se define como luta “as lutas que são seguidas de vitória. O que surpreende, não é a ausência de bifurcação, mas a surpresa de Propp não as descobrir!⁸⁵” (1973, p. 21, tradução nossa).

Bremond também questiona o fato de que o narrador russo “sempre” contaria o conto da mesma forma, sem nenhuma falha. Ele acredita que, pelo menos de tempos em tempos, o narrador pegue a “mauvaise route”; pois, mesmo que todos saibam que o herói sairá vitorioso no final, faltaria às vezes uma dramatização maior, uma complicação até que ele saia

⁸³ A — ou bien, comme Propp le suppose, sa méthode lui permet de mettre en évidence, à partir d'un matériel qui s'y prêterait, des « fonctions-pivots » : c'est bien l'absence de telles fonctions dans le conte populaire russe qui conduit au résultat constaté ; B — ou bien la méthode de Propp est telle qu'elle ne permet pas d'en rencontrer. Dans ce cas, nouvelle alternative : a) ou bien le conte populaire russe ne comporte pas de fonctions-pivots, si bien que la méthode de Propp lui est adaptée, mais ne s'appliquerait pas telle quelle à d'autres matériels ; b) ou bien le conte populaire russe comporte en réalité des fonctions-pivots, au moins à l'état embryonnaire, et c'est la méthode suivie par Propp qui entraîne leur élimination. Nous croyons que l'hypothèse B, et l'option b, sont les bonnes.

⁸⁴ On ne voit pas comment des conséquences opposées pourraient en sortir.

⁸⁵ Les luttas suivies de victoires. Ce qui devient surprenant, ce n'est pas l'absence de bifurcation, c'est la surprise de Propp de n'en pas découvrir!

vitorioso. “De fato, tais momentos são frequentes no conto russo”⁸⁶ (1973, p. 21, tradução nossa). A conclusão é que, se tais alternativas ficam fora do método proppiano, é porque ele as elimina, já que elas não têm um “papel estrutural”, mas sim a função de “retardar” a narrativa, nos termos proppianos, a “triplicação”. Segundo Bremond, tal concepção é “inadmissível”.

A triplicação não deveria ficar de fora na estrutura, e o autor explora essa alternativa, utilizando uma análise que Propp faz de um conto em seu livro, exemplificando o caso de triplicação (conto 113). A triplicação ocorre porque parece ser uma maneira de compensar algo que não deveria ter acontecido, neste caso, a menininha que não é digna de obter ajuda mágica a consegue. Para Propp, segundo Bremond, as motivações de um conto não são importantes para a estrutura da narrativa, e é o que ele contesta juntamente com Lévi-Strauss, como consta na nota de rodapé:

Por outro lado, num nível onde a narrativa faz malabarismos muito livremente com as funções de base [...] relata-se a queda e a reabilitação de uma garotinha desobediente que foi brincar em vez de cuidar de seu irmãozinho, mas que tem sucesso em trazê-lo de volta para casa são e salvo; que se priva de uma assistência valiosa por causa de sua arrogância, mas que aprende logo em seguida que não se deve desdenhar a ajuda de ninguém, etc. Isso significa que a sequência pode, até um certo ponto, se desfazer e se reorganizar para manifestar a evolução psicológica ou moral de um personagem. O herói não é, portanto, um simples instrumento a serviço da ação. Ele é o fim e o meio da narrativa (BREMOND, 1973, p. 25, tradução nossa)⁸⁷.

Como o objetivo de Bremond é chegar a uma generalização da teoria proppiana, a existência das bifurcações e a relevância destas para o conto russo lhe permite tirar uma primeira conclusão, ao que ele julga como incompleto na interpretação das funções quanto à sua sequência: “a necessidade de nunca apresentar uma função sem apresentar ao mesmo tempo a possibilidade de uma opção contraditória” (1973, p. 25). Essa primeira conclusão vai ao encontro no que postula Propp sobre o exemplo da luta, cuja função é a vitória do herói sobre o malfeitor, mas não possibilita, segundo Bremond, por exemplo, a função “derrota do herói perante o antagonista”.

Segundo Bremond, isso acontece porque Propp exclui dos contos russos as possibilidades que não estão de acordo com seu objetivo e as deixa inexploradas. O autor

⁸⁶ De fait, de tels moments sont fréquents dans le conte russe.

⁸⁷ D’autre part, à un niveau où le récit jongle assez librement avec les fonctions de base [...], il relate la chute et la réhabilitation d’une petite fille désobéissante, qui est allée jouer au lieu de garder son petit frère, mais qui réussit à le ramener sain et sauf à la maison; qui se prive de concours précieux par sa morgue, mais qui apprend ensuite qu’il ne faut mépriser l’aide de personne, etc. cela signifie que la séquence peut, jusqu’à un certain point, se défaire et se réorganiser pour manifester l’évolution psychologique ou morale d’un personnage. Le héros n’est donc pas un simple instrument au service de l’action. Il est à la fois fin et moyen du récit.

conclui que “a implicação de *Luta* pela *Vitória* é uma exigência lógica; a implicação de *Vitória* pela *Luta* é um estereótipo cultural⁸⁸” (1973, p. 25, grifos do autor, tradução nossa).

Outro aspecto que Bremond elucida é o fato de que na teoria proppiana, a unidade de base deixa de ser a função e passa a ser a sequência, e o significado da função passa a ser aquelas funções que a antecedem e as que seguem, mas, segundo o autor francês, esse será um preço muito caro pago por Propp, nas suas palavras “a tirania da série sucede a autossuficiência dos motivos⁸⁹” (BREMOND, 1973, p. 26, tradução nossa).

Na sequência das funções existe uma liberdade que contraria a teoria proppiana sobre a fidelidade da sequência e é exemplificada com a marca que o herói recebe para ser reconhecido. Essa função pode aparecer antes do combate, durante ou depois. Com isso, Bremond conclui que há dois tipos de ligação entre as funções:

Algumas pressupõem uma a outra segundo uma necessidade que não é somente de fato, mas de direito, e que controla de maneira intangível sua ordem de sucessão na série; outras são ligadas por relação de frequência probabilística, explicando-se, seja pela comodidade do fato, seja pela rotina cultural (BREMOND, 1973, p. 28, tradução nossa)⁹⁰.

Bremond sugere adaptar o esquema de Propp em unidades menores que a sequência e maiores que a função. Em vez de uma sequência linear, “unilinear”, o autor indica a justaposição de sequências, e as funções diferentemente de Propp, elas podem ser combinadas com todas e ser seguidas por todas. Contudo, ainda há um limite de afinidades. O autor ainda critica a sequência das funções; pois, segundo ele, seria como se Propp “desfizesse uma trança” e colocasse funções que nem precederiam uma à outra, e nem se seguiriam na mesma linha, e as transcrevesse na mesma linha de sucessão, uma após a outra: “esta redução a uma cadeia única só é possível sacrificando os casos particulares mais originais, tratados como erros acidentais⁹¹” (BREMOND, 1973, p. 30, tradução nossa).

Bremond ressalta que seu objetivo não é determinar um tipo de mensagem, mas sim a partir de uma generalização estabelecer um sistema semiótico. Então, o autor propõe a divisão das funções da mesma forma que Lévi-Strauss indica no seu artigo sobre o trabalho de Propp, ou seja, como numa partitura musical. Ele dá um exemplo em que faz uma primeira redução,

⁸⁸ L’implication de *Lutte* par *Victoire* est une exigence logique; l’implication de *Victoire* par *Lutte* est un stéréotype culturel.

⁸⁹ La tyrannie de la série succède à l’autarcie des motifs.

⁹⁰ Certaines se présupposent l’une l’autre selon une nécessité qui n’est pas seulement de fait, mais de droit, et qui règle de façon intangible leur ordre de succession dans la série; d’autres sont liées par des rapports de fréquence probabilitaire, s’expliquant soit par des comodités de fait, soit par des routines culturelles.

⁹¹ Cette réduction à une chaîne unique n’est possible qu’en sacrifiant les cas particuliers les plus originaux, traits comme des écarts accidentels.

e procura uma sequência elementar mínima para que a redução das funções proppianas não desagregue toda a sequência proposta. Segundo o autor, a condição mínima para um segmento temporal é que “sejam dadas às modalidades de sua origem, aquelas de seu desenvolvimento, aquelas da sua conclusão⁹²” (1973, p. 32, tradução nossa).

Segundo Bremond (1973, p. 32), essa sequência elementar tem três momentos, uma situação que se abre à possibilidade e que possui uma virtualidade que se atualiza, a passagem ao ato da virtualidade e o resultado que pode ser mediado ou pelo sucesso ou pela derrota, as três etapas são desenvolvidas num esquema dicotômico de algumas possibilidades, por exemplo, sobre a situação de abertura de uma possibilidade. Sua conclusão é que uma propriedade da mensagem narrativa reside em “ser possível ou não ser possível, passar a ação ou permanecer virtual, alcançar seu objetivo ou perder⁹³” (BREMOND, 1973, p. 33, tradução nossa).

As sequências podem se combinar de várias maneiras, dentre elas pelo *encadeamento* ou *enclaves* e se organizam em séries de funções, tornando-se sequências complexas. A sequência complexa, segundo Bremond, é o que permitirá resolver o problema da classificação, e derruba ao mesmo tempo a falha do formalismo, em outras palavras, Propp mais uma vez sob a luz da crítica de Lévi-Strauss. A partir da sua nova proposta, Bremond discorre sobre outras dificuldades “deixadas mais ou menos em suspenso por Propp” (1973, p. 36).

Bremond começa suas críticas pelo fato da existência de contos que não apresentam todas as funções, o que contradiz a teoria, visto que uma função depende da precedente. Depois, o autor critica o excesso de funções, a função dupla morfológica e retoma a sequência das funções para mostrar sua nova proposta, na qual desconsidera a linha inferior da sequência proppiana, mais a eliminação das funções DEF e a situação inicial, restando, portanto 26 funções:

A reinterpretación dos resultados da análise de Propp nos termos de um sistema mais geral, suscetível de se aplicar a toda espécie de mensagem narrativa, pode, portanto se efetuar sem que nenhuma perda de informação aconteça. Essa generalização não conduz, como temíamos, o desaparecimento do conteúdo nas formas cada vez mais vazias. Ao contrário, ela corresponde a um ganho de determinação concreta, a um reforço de nossa decisão sobre o objeto estudado. Ela mostra que é sem dúvida possível, combinando um número limitado de elementos facilmente identificáveis (as funções, agrupadas em tríades) de construir modelos de situações e de linhas complexas indefinidamente crescentes, capazes de constituir estes “simulacros” de acontecimentos e de personagens (*dramatis personae, actantes, papéis*, como

⁹² [...]soient données les modalités de son origine, celles de son développement, celles de son achievement.

⁹³ Être possible ou ne pas être possible, passer à l’acte ou rester virtuel, atteindre son but ou le manquer.

quisermos nomeá-los) na qual a análise semiológica da narrativa tem necessidade (1973, p. 45-46, grifos do autor, tradução nossa)⁹⁴.

Segundo Bremond, há dois caminhos de pesquisa, um que estuda comparativamente as estruturas da narrativa, tal qual Propp fez. E o segundo, a tentativa de relacionar a camada narrativa de uma mensagem com outras camadas de significação.

4.4. Rumo a semiótica por Algirdas Julien Greimas

A *Sémantique Structurale* publicada em 1966 por Algirdas-Julien Greimas é, segundo Dosse (2007, p. 282), o resultado de um seminário que aconteceu no Instituto Poincaré nos anos 1963-1964. Greimas aborda os problemas da semântica e parte de sua pesquisa é essencial para este trabalho, pois os estudos dos modelos actanciais e de transformação da narrativa remetem ao trabalho de Propp.

Com a tradução de *Morfologia*, Greimas também foi um dos autores que teve acesso à obra nesse período e a utilizou para desenvolver sua pesquisa semântica. Segundo Arnaldo Cortina e Renata Coelho Marchezan (2006, p. 419), na *Semântica* o “princípio organizador da narrativa é um modelo sintático que se prende ao caráter ativo de sua constituição” e remete ao trabalho de Propp como sua base, retomando ao conceito de função e deixando de lado os aspectos lógico e formal das análises narrativas do período.

O trabalho proppiano com o inventário das ações dispostas como um sintagma somado a análise de Greimas, que consegue distribuí-las no eixo paradigmático através das oposições categóricas, é um ponto chave da *Semântica*.

Em “Reflexões sobre os modelos actanciais”, Greimas resgata o conceito das esferas de ação e as interpreta como os actantes do conto popular russo. Propp com suas 31 funções e os *dramatis personae* engendra nesta última categoria um caráter funcional, pois são divididos segundo os “feixes de funções que lhes são atribuídas” no decorrer do conto. Greimas prefere, contudo, nomear as esferas de atores que são definidos como “expressões ocorrenciais” de um mesmo actante. Logo, os actantes são classes de atores. Os atores são

⁹⁴ La réinterprétation des résultats de l’analyse de Propp dans les termes d’un système plus général, susceptible de s’appliquer à toute espèce de message narratif, peut donc s’effectuer sans qu’aucune perte d’information en résulte. Cette généralisation n’entraîne pas, comme on pourrait le craindre, l’évanouissement du contenu dans des formes de plus en plus vides. Au contraire, elle correspond à un gain de détermination concrète, à un renforcement de nos prises sur l’objet étudié. Elle montre qu’il est sans doute possible, en combinant un nombre limité d’éléments aisément repérables (les fonctions, groupées en triades) de construire des modèles de situations et de conduites d’une complexité indéfiniment croissante, capables de constituer ces “simulacres” des événements et des personnages (*dramatis personae*, *actants*, *rôles*, comme on voudra les nommer) dont l’analyse sémiologique du récit a besoin.

estabelecidos por suas funções executadas no conto e pela redução em actantes do gênero, Propp assim conceituou as sete esferas de ação em *Morfologia* (GREIMAS, 1969, p. 174). Segundo Hénault (2006, p. 135), os actantes naquele momento foram uma descoberta impressionante e podem ser definidos como:

Os *actantes* são os papéis “gramaticais”, definidos por sua relação estrita com a ação, que permitem à narrativa representar o que se passa. Seu número muito limitado e sua inevitável presença em todos os textos nos quais algo se passa foram a surpreendente descoberta naqueles anos. Os personagens de um relato (os atores) “encarnam” os actantes, acrescentando-lhes determinações figurativas (grifo do autor).

A partir do inventário de Étienne Souriau (1892-1979), Greimas faz aproximações com o autor russo. Souriau por sua vez delimitou seis funções dramáticas no teatro e não sete como Propp. Os dois inventários permitem que Greimas perceba que o número restrito de categorias actanciais é o suficiente na definição de um microuniverso. Souriau e Propp têm também, em suas teorias do teatro e conto russo, o aspecto semântico do “desejo” que pode ser capaz de “[...] produzir narrativas-ocorrências em que o desejo será manifestado sob sua forma prática e mítica de ‘procura’ ao mesmo tempo” (GREIMAS, 1969, p. 177, tradução nossa)⁹⁵. A falta é a força motriz da narrativa, como Propp percebeu, sem o dano não há o que ser contado.

Greimas estabelece três níveis de categorias actanciais: *sujeito vs objeto*, *destinador vs destinatário* e *adjuvante vs oponente*. A necessidade que surgiu de comparar os dois inventários fez Greimas perceber a relação teleológica entre o sujeito e o objeto, “o que quer dizer, uma modalidade de ‘poder fazer’ que, ao nível da manifestação das funções, teria encontrado um ‘fazer’ prático ou mítico” (1969, p. 180. Tradução nossa)⁹⁶, resultando do desejo a procura. Segundo Cortina e Marchezan (2009), a obra *Morfologia* restrita aos contos russos permitiu que Greimas pensasse na morfologia de outros tipos de texto, e para isso, seria necessário desmarcar as 31 funções restritas ao conto. Greimas pensou “a função em termos de enunciado narrativo”. Assim, o enunciado, chamado elementar, passa a ser entendido como uma relação-função; portanto, sintática entre actantes – posições resultantes da constituição desse enunciado (CORTINA; MARCHEZAN, 2009, p. 420).

O sujeito e o objeto (actantes) descritos por Greimas relacionam-se no enunciado, mostrando que o inventário proppiano foi reduzido a essa relação no enunciado. Para mostrar

⁹⁵ [...] sont capables de produire des récits-occurrences où le désir sera manifeste sous sa forme à la fois pratique et mythique de “quête”.

⁹⁶ C’est-à-dire une modalité de “pouvoir faire”, qui, au niveau de la manifestation des fonctions, aurait retrouvé un “faire” pratique ou mytique.

a temática de seu esquema, Greimas (1969, p. 181) exemplifica as três categorias actanciais através do filósofo clássico com o desejo do conhecer, em que os actantes se distribuem da seguinte forma: sujeito (filósofo) vs objeto (mundo), destinador (Deus) vs destinatário (humanidade) e oponente (matéria) vs adjuvante (Espírito).

Outro vestígio da teoria de V. Propp na obra de Greimas é a organização das trinta e uma funções. No trecho “Pesquisa dos modelos de transformação”, Greimas analisa as definições de função descritas em *Morfologia*, e a sucessão obrigatória delas. Se anteriormente, ele buscou verificar se nas esferas de personagens existia a possibilidade de “um modelo actancial”, nesta parte, o questionamento perpassa pela redução das *trinta e uma funções* e a verificação da sucessão delas e de sua consistência, devido ao fato de Propp ter concluído que num conto maravilhoso algumas funções podem ser omitidas ou até mesmo repetidas, porém não seria possível que uma função viesse fora da ordem.

Greimas reduziu as funções proppianas pelo próprio princípio de que Propp sugeriu em *Morfologia*, ou seja, o acasalamento das funções: “vimos que um número bem grande de funções agrupou-se em pares (proibição – transgressão; interrogatório – informação; combate – vitória; perseguição – salvamento etc.)” (PROPP, 2006, p. 61), resultando a vinte pela relação de conjunção e disjunção entre elas. O objetivo de Greimas foi destituir a obrigatoriedade proposta por Propp da ordem sintagmática das ações nos contos.

Portanto, o inventário de Greimas compõe-se: ausência; 2-proibição vs violação; 3-procura vs submissão; 4-decepção vs submissão; 5-vilania vs falta; 6-ordem vs decisão do herói; 7-partida; 8-atribuição de uma prova vs enfrentamento da prova; 9-recepção do adjuvante; 10-deslocamento espacial; 11-combate vs vitória; 12-sinal; 13-dissolução da falta; 14-retorno; 15-perseguição e liberação; 16-chegada incógnita; 17-atribuição de uma tarefa vs êxito; 18-reconhecimento; 19-revelação do traidor vs revelação do herói; 20- punição vs casamento (GREIMAS, 1969, p. 194).

Seguindo com sua redução, Greimas aborda algumas funções e personagens em específico, por exemplo, o contrato, a prova, a ausência do herói, alienação e reintegração e as provas e suas consequências. Segundo Greimas (1969, p. 195), o contrato parte do par proibição vs violação, que remete a ordem e a decisão do herói em aceitar ou não a ordem. Tal oposição desdobra-se em estabelecimento do contrato e ruptura do contrato. Assim na narrativa, o casamento restabelece no final do conto o contrato rompido. Segundo Greimas (1969, p. 196, tradução nossa)⁹⁷, “o casamento deve, portanto, ser elaborado da mesma forma

⁹⁷ Le mariage doit, par conséquence, être formulé de la même façon que “mandement” vs “acceptation”, avec cette différence, toutefois, que le contrat ainsi conclu est “consolidé” par la communication de l’objet du désir.

que ‘ordem’ vs ‘aceitação’, com essa diferença, entretanto, de que o contrato assim concluído é ‘consolidado’ pela comunicação do objeto do desejo”.

Para Greimas, a prova é permeada por cinco funções, na verdade, a injunção vs aceitação, o enfrentamento vs êxito e a consequência. Já em a ausência do herói, Greimas discorda de Propp ao afirmar que o retorno do herói é uma nova partida na narrativa, configurando um esquema diferente em que são consideradas as ações do herói de acordo com os aspectos em conjunção e disjunção:

É preciso acrescentar que entre os momentos \bar{p} e $\overline{\text{non } p}$ se situa igualmente a transferência espacial, em outras palavras, um deslocamento rápido (d), que, indicado no desenvolvimento da narrativa antes do combate, sob a forma de uma função particular, não está menos presente simetricamente depois do combate, onde ele se confunde com as funções ‘perseguição’ vs ‘liberação’. Estamos no direito de considerar que ‘perseguição’ vs ‘liberação’ constitui um sincretismo de funções, que comportam, de um lado, o par funcional F (decomponível em ‘enfrentamento’ vs ‘êxito’) e de outro, o deslocamento rápido. No esquema da ausência, teremos, portanto, que introduzir uma função a mais (d), o deslocamento, que mesmo se efetuando nas direções opostas, não é menos redundante (GREIMAS, 1969, p. 198, tradução nossa)⁹⁸.

Greimas destaca que em *Morfologia* as nove primeiras funções são o início da narrativa segundo Propp, e como já foram consideradas na *Semântica* as três primeiras, o autor aborda os três outros pares: procura vs informação, decepção vs submissão e vilania vs falta, que são definidas pelo autor como alienação e finalizam-se em reintegração. Neste momento, Greimas (1969, p. 202) retorna a análise das provas e consequências, as primeiras se apresentam na narrativa como recepção do adjuvante, dissolução da falta e reconhecimento, e somente essas não se organizam em pares. Mas permitem na análise anterior, alienação e reintegração, compreender que as consequências nada mais são que a anulação da alienação para que a ordem seja violada.

O inventário reduzido e definitivo das funções da narrativa, segundo Greimas (1969) seria: Ruptura da ordem e alienação; Reintegração e restituição da ordem. Segundo Greimas (1969), tal redução não segue o viés de que as funções deveriam apresentar uma ordem de sucessão obrigatória, mas seguem a relação de implicação. Toda narrativa se reduziria, se não

⁹⁸ Il faut ajouter qu’entre les moments \bar{p} et $\overline{\text{non } p}$ se situe également le transfert spatial, autrement dit, un déplacement rapide (d), qui, indique dans le déroulement du récit avant le combat, sous forme d’une fonction particulière, n’en est pas moins symétriquement présent après le combat, où il se confond avec les fonctions “persécution” vs “délivrance”. Nous sommes en droit de considérer que “persécution” vs “délivrance” constitue un syncrétisme de fonctions, comportant, d’une part, le couple fonctionnel F (décomposable en “affrontement” vs “réussite”), et, de l’autre, le déplacement rapide. Dans le schéma de l’absence, nous aurons donc à introduire une fonction de plus (d), le déplacement, qui, bien que s’effectuant dans des directions opposées, n’en est pas moins redondant.

houvesse um resquício diacrônico, sob o seguinte par funcional: *Enfrentamento vs êxito*.

Todo texto apresenta uma estrutura narrativa de organização; e, para desenvolver o estudo dessa estrutura, foi fundamental para Greimas em sua *Sémantique Structurale* se valer de *Morfologia* e dar conta das transformações, reduzindo o inventário proppiano, e através do qual cunhou o conceito de *actantes*.

CONCLUSÃO

Segundo Carbonell (1987), a sociedade compreende-se efetivamente quando projeta sua imagem para trás de si. Com o advento da escrita, a história impediu que as grandes façanhas e desastres caíssem no esquecimento e deixassem de existir. O papel da historiografia linguística é no fio da história dialogar com aqueles que redefiniram os estudos linguísticos, e apreender através da individualidade o que é continuidade e ruptura no meio social.

Nesta pesquisa, tentou-se registrar um quadro mais amplo do que foi a obra de Vladimir Propp. Para isso, buscou-se identificar se a recepção historiográfica de *Morfologia* nos anos 60 em diante estabeleceu uma ruptura nos estudos Linguísticos e se a construção de Propp como monumento aconteceu pela ruptura metodológica ou se foi determinada por outros motivos históricos.

Logo de início, percebeu-se que a tradução de *Morfologia* para o inglês americano em 1958 foi a edição que abriu as portas no ocidente para que os estudiosos naquele período apoiassem suas pesquisas estruturais no modelo proppiano. Independente dos aspectos peculiares editoriais, como a queixa de Propp do corte das epígrafes goethianas, ou a tradução dos termos conto popular russo para *fairy tale*, é difícil negar que sem essa tradução, *Morfologia* tivesse alcançado a fama que alcançou, em especial, motivada pela discussão com o célebre antropólogo Lévi-Strauss.

Retomando as perguntas de pesquisa, a recepção de Propp ao ler *Morfologia* pode ser dividida em dois eixos interpretativos. Relembrando o conceito de trama de Laborda, em que o historiador, neste caso, o leitor, não consegue englobar todo o conjunto em definitivo, mas apenas partes. No final deste trabalho, ao percorrer pela recepção proppiana, encontra-se a construção de uma trama do monumento. Portanto, o primeiro eixo, denominado de comentadores, traz Meletínski, Hénault, Ricoeur, Gotlib e Lévi-Strauss. Todos traçam um percurso histórico dos conceitos proppianos, mas enfatizam aspectos diferentes. Meletínski destaca os predecessores e os sucessores de Propp, a discussão com Lévi-Strauss, e no final de seu artigo, arrisca sugestões teóricas na esfera do herói.

Hénault leu Propp com as lentes do desenvolvimento da Semiótica e as contribuições do autor russo no trabalho de Greimas, mas não sem antes comentar o formalismo que serve de base para compreender a teoria proppiana, mas que não coloca o autor como participante do movimento. Ricoeur retoma em sua leitura o viés do projeto iniciado primeiramente por Roland Barthes sobre a descronologização e logização da narrativa estruturalmente. Ricoeur

critica severamente a teoria proppiana por ter deixado esse projeto a meio caminho de se concluir, devido o choque das abordagens taxonômica e orgânica.

Ao teorizar sobre o conto, Gotlib reserva uma parte de seu texto para abordar a obra de Propp de uma maneira mais ampla, permitindo que o estudante de Letras no Brasil tenha uma percepção do projeto audacioso de Propp, que se iniciou em *Morfologia* com um estudo da forma dos contos, resultando nas 31 funções e nas sete esferas de ação. A segunda parte de seu trabalho concretizou-se nas *Transformações*, onde trabalhou aspectos de mudança nos contos que, no decorrer do tempo e em contato com outros povos passam por metamorfoses. Finalmente, em as *Raízes* Propp conclui que é na história que deve ser encontrado o modo de produção que deu origem ao conto maravilhoso.

Apesar do caos instaurado na recepção de Propp, dividindo aqueles que defendiam o autor russo (Dundes, Haroldo de Campos, Hénault), e aqueles que concordavam com ele mesmo (Ricoeur, Bremond, Greimas) entre outros, Lévi-Strauss mostrou neste trabalho como o rótulo de uma obra ou autor pode repercutir na história e por tanto tempo, até que o panorama consiga desvendar os possíveis lados de uma discussão como essa.

Atualmente, o leitor consegue perceber que a postura agressiva de Propp, ao se defender das críticas de Lévi-Strauss, visto que a acusação é o termo apropriado para remeter ao contexto histórico que Propp viveu no século XX na Rússia, em que ser formalista era uma acusação gravíssima. Inclusive porque o autor sentiu na pele e na saúde os resultados da perseguição da superintendente russa, que colocou as obras *Morfologia* e *Raízes* no lugar dos traidores e bajuladores do ocidente.

Mesmo com a morte de Stálin e a derrubada da cortina de ferro, lembrar os anos do terror vermelho através do trabalho de Lévi-Strauss deve ter sido um choque para o autor russo. Por isso, quando se trata da biografia de Propp, faz-se relevante incluir os aspectos históricos que influenciaram em grande parte os escritos do autor, a quem não se sabe até hoje, por exemplo, se de fato era marxista, ou se utilizou a referência como recurso à própria sobrevivência.

Outro eixo de leitura abarca os seguidores de Propp: Haroldo de Campos, Dundes, Bremond e Greimas, que pelo viés historiográfico deram continuidade nos conceitos proppianos, ao mesmo tempo em que romperam com sua metodologia, já que utilizaram em suas obras, *Morfologia*, como método de pesquisa. Retomando as palavras de Schnaiderman, o trabalho de Haroldo de Campos é uma das aplicações mais criativas do trabalho proppiano, em que através do livro *Macunaíma* de Mário de Andrade distribuiu as funções no texto,

adaptando-as, uma vez que o livro é uma obra de arte estética, mas ao mesmo tempo popular por remontar ao lendário de Koch-Grünberg.

Dundes no outro lado da América sai em busca de provar aos estudiosos do folclore norte-americano que os contos ameríndios possuem uma estrutura bem definida. Dundes aplica o modelo proppiano e de Pike para dividir as narrativas em estruturas motivêmicas que variam segundo as funções que aparecem nos contos. Tanto Haroldo quanto Dundes assemelham-se em seus estudos por buscarem a aplicação da teoria com poucas modificações, devido ao objeto escolhido. Ambos seguem o mestre russo, mostrando ao mundo a abrangência das funções como unidade mínima da narrativa.

Já Bremond rompe com o método proppiano ao reduzir as funções proppianas para retirá-las da forma do conto russo e da sucessão obrigatoriamente sintagmática, que não permite uma alternativa de sequências, e aplicá-las nas narrativas em geral. Enquanto Greimas, pai da semiótica francesa, em seu trabalho rompe também com a teoria proppiana na redefinição das esferas de personagens em actantes, e na redução do inventário proppiano, em ruptura da ordem e alienação; reintegração e restituição da ordem. Tanto Bremond quanto Greimas buscam modificações com o intuito de encontrarem modelos de análise da narrativa em geral.

Portanto, o segundo eixo da recepção proppiana ou aplicou a teoria, ou buscou nos conceitos de função e *dramatis personae*, uma forma de reduzir os dois inventários. A recepção pela historiografia permite observar as várias facetas do monumento. Cada leitor fornece um pedaço do quebra-cabeça de Propp, com uma visão distinta tanto da figura quanto da obra. Embora distintas e semelhantes, juntas criam o perfil de um monumento na linguística.

O monumento edificou-se na história pela perspectiva gerada no efeito em vários leitores e suas interpretações de *Morfologia* metodológica e historicamente. A ruptura metodológica de *Morfologia* foi a sistematização do estudo do conto em unidades mínimas de análise, as funções que formam um grande esquema no eixo sintagmático e possibilitam vários estudos, inclusive comparativos para se encontrar a origem dos contos ou de outros gêneros. A obra permitiu a instauração de outras rupturas no decorrer do século XX.

A formação do monumento através da recepção vai à confluência com a mudança de paradigma em várias áreas das ciências sociais, ou seja, o estruturalismo. Muitos autores encontraram em Propp o gérmen para estudar a narrativa de forma sistematizada em contraposição ao atomismo do século XIX. Propp não apenas entra no hall de precursores da semiótica francesa, como influencia permanentemente a narratologia em geral.

Esta dissertação limitou-se ao quadro de autores para estabelecer a recepção e excluiu de suas análises tantos outros (Tveztan Todorov, Roland Barthes etc.) que poderiam fornecer informações sobre o monumento e outras perspectivas teóricas. Seria relevante que o estudo da recepção continuasse, pois ainda hoje muitos autores citam Propp em seus trabalhos. Uma área que ficou totalmente de fora desta pesquisa é a computacional que retomou os conceitos proppianos e criou um gerador automático de contos populares⁹⁹. O livro *Morfologia* ficou escondido pela grande cortina de fumaça de ferro por trinta anos, mas desde sua redescoberta o livro continua a influenciar muitos trabalhos acadêmicos. A grande conclusão a que se chegou nesta pesquisa é a de que a teoria de Propp parece ser inesgotável quando se pensa em possíveis aplicações.

⁹⁹ Disponível em : http://www.stonedragonpress.com/vladimir_propp/propp_generator_v1.htm; ou <http://tz69.3x.ro/Generator/home.html>.

REFERÊNCIAS

- AFANÁSSIEV, A. *Contos de fadas russos* (v. 1, 2 e 3). Trad. Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: Landy, 2001.
- ALTMAN, C. Retrospectivas e perspectivas da historiografia da linguística no Brasil. In: *Revista Argentina de historiografia linguística*, n. I, 2009, p. 115-136.
- ARISTÓTELES. *Poética*. Trad. Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2011.
- ARRIGNON, J. *Culture guides, Russie*. Paris, PUF, 2008.
- ASSUNÇÃO, I. T. *Historiografia Linguística do Movimento Antropofágico: por uma literatura popular para a afirmação da língua e da identidade brasileiras*. 2011. 87p. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia. 2011.
- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BENVENISTE, É. *Problemas de linguística geral I*. Trad. Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. São Paulo: Pontes, 2005.
- BILEN, M. Literatura e iniciação. In: *Dicionário de mitos literários*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.
- BLUNDEN, A. Goethe's romantic science. 2009. Disponível em: <http://home.mira.net/~andy/works/goethe.htm#n8>. Acesso em: 15/07/2014
- BREMOND, C. *Logique du récit*. Paris : Seuil, 1973.
- CAMPOS, H. *Morfologia do Macunaíma*. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- CARBONELL, Charles-Olivier. *Historiografia*. Trad. Pedro Jordão. Lisboa: Teorema, 1987.
- CAROLINSKI, F.C. M. *A. N Afanássiev e o conto popular russo*. 2008. 179p. Dissertação (Mestrado em Letras Orientais). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2008.
- COELHO, N. N. *O conto de fadas*. São Paulo: Paulinas, 2008.
- CORTINA, A.; MARCHEZAN, R. C. Teoria semiótica: a questão do sentido. In: *Introdução à linguística. Fundamentos epistemológicos*. Volume 3. Orgs. Fernanda Mussalim e Ana Christina Bentes. São Paulo: Cortez, 2009.
- COSTA, M. H. M. S. Estética da recepção e teoria do efeito. 2011. Disponível em: http://abiliopacheco.files.wordpress.com/2011/11/est_recep_teoria_efeito.pdf. Acesso em: 18/12/2013:

- DARTIGUES, A. *O que é fenomenologia?* Trad. Maria José de Almeida. São Paulo: Moraes, 1992.
- DOSSE, F. *História do estruturalismo*. Trad. Álvaro Cabral. Bauru: EDUSC, 2007. v. I.
- DUNDES, A. Introdução. In: PROPP, V. I. *Morphology of the Folktale*. Austin: University of Texas Press, 1994.
- _____. *Morfologia e estrutura no conto folclórico*. Trad. Lúcia Helena Ferraz, Francisca Teixeira e Sérgio Medeiros. São Paulo: Perspectiva, 1996.
- _____. *Binary opposition in myth: the Propp/Lévi-Strauss debate in retrospect*. In: *Western Folklore*, 56 (Winter, 1997), p. 39-50.
- DURKHEIM, E. As regras do método sociológico. Trad. Maria Isaura Pereira de Queiróz. São Paulo: Editora Nacional, 1985.
- ELIADE, M. *Mito e Realidade*. Trad. Pola Civelli. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- ENGERMAN, D. C. *Know your enemy*. The rise and fall of America's soviet experts. Oxford: 2009.
- FORRESTER, S. Preface: In: *The russian folktale*. Wayne State, 2012.
- GOMES, J. A. *O percurso historiográfico-linguístico das paixões*. 2011. 103p. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia. 2011.
- GOTLIB, N. B. *Teoria do conto*. São Paulo: Ática, 1995.
- GREIMAS, A. J. *Sémantique Structurale*. Paris: Larousse, 1969.
- GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. *Dicionário de semiótica*. Trad. Alceu Dias Lima et al. São Paulo: Contexto, 2008.
- HAFSTEIN, V. T. *Biological metaphors in folklore theory*. 2001. Disponível em: <http://www.hanko.uio.no/planses/Valdimar.html>. Acesso em: 20/12/2012.
- HÉNAULT, A. *História concisa da semiótica*. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2006.
- JANOVITCH, C. S. Introdução. In: PROPP, V.I. *Édipo à luz do folclore*. Trad. António da Silva Lopes. Lisboa: Veja, s/d.
- JAUSS, H. R. *A Literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Trad. Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- JOHNS, A. *Baba Yaga* (international folkloristics, v. 3). Peterlang publishing, 2004.

KHATTATE, N.; HEMPARTIAN, A. Le concept de structure de l'horizon: un nouvel espace théorique pour penser la poésie. *Plume*, première année, numéro 1, printemps-été 2005, publiée en été 2006, p. 101-115.

KOERNER, K. Questões que persistem em historiografia linguística. In: *Revista ANPOLL/1996*, v. 2, p. 45-70.

_____. O problema da 'influência' em historiografia linguística. In: *Anais Aarsleff/1987*, p. 13-28.

LABORDA, Xavier. Historiografía linguística: veinte principios del programa de la investigación hermenéutica. In: *Revista de Investigación Lingüística/2002*, p. 179 207, N° 1, vol. V.

LE GOFF, J. *História e memória*. Trad. Bernardo Leitão. São Paulo: Unicamp, 1990.

LÉVI-STRAUSS, C. A estrutura e a forma – reflexões sobre uma obra de Vladimir Propp. In: PROPP, V. I. *Morfologia do conto maravilhoso*. Trad. Jasna Paravich Sarhan. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

LIBERMAN, A. Introdução. In: PROPP, V. I. *Theory and history of folklore*. Minneapolis: University of Minneapolis Press, 1984.

LIMA, J. P. *A Teoria Glossemática de Louis Hjelmslev numa Perspectiva Historiográfico-Linguística*. 2010. 119 p. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia. 2010.

LOPES et al. Propp e Jakobson: dois momentos do formalismo russo. In: *Revista Galáxia*, São Paulo, n. 19, p. 10-23, jul. 2010.

MELETÍNSKI, E. M. O estudo tipológico-estrutural do conto maravilhoso. In: PROPP, V. I. *Morfologia do conto maravilhoso*. Trad. Jasna Paravich Sarhan. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MILANI, S. E. *Humboldt, Whitney e Saussure: Romantismo e Cientificismo-Simbolismo na história da linguística*. 2000. 158p. Tese (Doutorado em Linguística). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2000.

_____. *Historiografia-Linguística de Ferdinand de Saussure*. Goiânia: Kelps, 2011.

MOREIRA, P. V. *A herança linguístico-literária de Vladimir Propp*. 2009. 57p. Monografia (Bacharel em Estudos Linguísticos). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia. 2009.

NESTOR, P. H. E. S. *Historiografia linguística da semântica estrutural de Greimas*. 2012. 95p. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia. 2012.

PIRKOVA-JAKOBSON, S. Introdução. In: PROPP, V. I. *Morphology of the Folktale*. Austin: University of Texas Press, 1994.

PROPP, V. I. *Morphologie du conte*. Paris: Gallimard, 1970.

_____. *Édipo à luz do folclore*. Trad. António da Silva Lopes. Lisboa: Veja, s/d.

_____. *Theory and history of folklore*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1984.

_____. *Comicidade e riso*. Trad. Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Ática, 1992.

_____. *Morphology of the folktale*. Austin: University of Texas Press, 1994.

_____. *As raízes históricas do conto maravilhoso*. Trad. Rosemary Costhek Abílio e Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. *Morfologia do conto maravilhoso*. Trad. Jasna Paravich Sarhan. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

REIS FILHO, D. A. *As revoluções russas e o socialismo soviético*. São Paulo : UNESP, 2003.

RICOEUR, P. *Temps et récit*, tome II. Paris: Seuil, 1984.

RODRIGUES, R. S.V. *A construção dos conceitos de língua e linguagem em Saussure e Benveniste numa perspectiva historiográfica cronológica*. 2008. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia. 2008.

SCHNAIDERMAN, B (Org.). *Semiótica russa*. São Paulo: Perspectiva, 1979.

_____. Prefácio. In: PROPP, V. I. *Comicidade e riso*. Trad. Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Ática, 1992.

_____. Prefácio. In: PROPP, V. I. *Morfologia do conto maravilhoso*. Trad. Jasna Paravich Sarhan. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

SEGRILLO, A. *Os russos*. São Paulo: Contexto, 2012.

SILVA, D. M. *As origens e desenvolvimentos das Idéias Lingüísticas de William Labov*. 2009. 140p. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia. 2009.

_____. *Whitney, Saussure, Meillet e Labov: implicações metodológicas e conceituais da noção de língua como um fato social para os estudos linguísticos*. 2012. Tese (Doutorado em Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia. 2012.

STEINER, P.; DAVYDOV, S. The biological metaphor in Russian formalism. In: *Sub-stance*, nº 16, 1977, p. 149-158.

SWIGGERS, P. La historiografía de la lingüística: apuntes y reflexiones. In: Revista Argentina de historiografía lingüística, I, 1, p. 67-76, 2009.

WAGNER, L. A. Prefácio. In: PROPP, V. I. *Morphology of the Folktale*. Austin: University of Texas Press, 1994.

WEEDWOOD, B. *História concisa da linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.